

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA E
GEOCIÊNCIAS
MESTRADO EM GEOGRAFIA**

**NOVA RAMADA COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO
HUMANA E DE PRODUÇÃO NO MEIO RURAL: Uma
abordagem geográfica**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Fátima Aparecida de Quadros Reolon

Santa Maria, RS, Brasil

2011

**NOVA RAMADA COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO
HUMANA E DE PRODUÇÃO NO MEIO RURAL: uma
abordagem geográfica**

Fátima Aparecida de Quadros Reolon

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências, área de concentração em Análise Ambiental e Dinâmica Espacial da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Geografia.**

Orientadora: Prof^a Dr^a Vera Maria Favila Miorin

Santa Maria, RS, Brasil

2011

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Naturais e Exatas
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**NOVA RAMADA COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO HUMANA E DE
PRODUÇÃO NO MEIO RURAL: uma abordagem geográfica**

elaborada por
Fátima Aparecida de Quadros Reolon

como requisito para obtenção do grau de
Mestre em Geografia

COMISSÃO EXAMINADORA:

Vera Maria Favila Miorin, Dr^a.
(Presidente/Orientador)

Flamarion Dutra Alves, Dr. (UNIFAL)

Vilma Dominga Monfardini Figueiredo, Dr^a (UNIFRA)

Santa Maria, 31 de Agosto de 2011.

Dedico este trabalho ao meu esposo André Reolon companheiro de minha trajetória acadêmica e incentivador nos momentos de fraqueza e nos tropeços da vida.

AGRADECIMENTOS

A Deus que me deu as virtudes de persistência, força e coragem no decorrer desta trajetória.

À Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), pelos recursos disponibilizados em prol da formação intelectual dos jovens brasileiros e estrangeiros e ajuda recebida em forma de bolsa através do Programa REUNI.

Ao Curso de Pós-Graduação, Mestrado em Geografia que me permitiu alçar níveis de qualificação tornando-me capaz de aprofundar conteúdos teórico-metodológicos e trabalhar com a investigação geográfica para melhor transmiti-la aos meus alunos de Ensino Fundamental e Médio.

À minha orientadora, Prof^a Dr^a Vera Maria Favila Miorin pela contribuição através de seu conhecimento e tempo dedicado à concretização deste trabalho.

Aos professores da Pós-Graduação em Geografia (UFSM) pelo conhecimento transmitido ao longo do Curso de Mestrado.

Aos agricultores familiares de Nova Ramada, guerreiros e conquistadores da Terra de produção e fonte de vida, por sua colaboração na forma de informações prestadas para a realização desta Dissertação.

Ao Prof. Olavo José Bortolotto, pela correção do português e sugestões na correção.

À minha mãe Valdereza de Quadros e Silva, pelas palavras de incentivo e apoio durante a execução deste trabalho.

À minha irmã Terezinha Medianeira de Quadros e Silva e ao primo Valério de Quadros, residentes em Santa Maria, por terem me recebido em suas residências e pelos incentivos nos momentos de incerteza, com relação aos caminhos a serem seguidos no decorrer do Curso de Mestrado.

Às minhas colegas, Ana Letícia de Oliveira e Jaqueline Bonotto Teichmann pela amizade e companheirismo.

À minha amiga e colega no Laboratório de Estudo e Pesquisa Regional, LEPeR, UFSM, Cristiane Dambrós pelo apoio nos trabalhos cartográficos e sugestões.

O meu sincero MUITO OBRIGADO.

“Não faças do amanhã o sinônimo de nunca, nem o ontem te seja o mesmo que nunca mais. Teus passos ficaram. Olhes para trás mas vá em frente pois há muitos que precisam que chegues para poderem seguir-te.”

Charles Chaplin

RESUMO

Dissertação de Mestrado
Programa de Pós-Graduação em Geografia e Geociências
Universidade Federal de Santa Maria

NOVA RAMADA COMO ESPAÇO DE VALORIZAÇÃO HUMANA E DE PRODUÇÃO NO MEIO RURAL: uma abordagem geográfica

AUTORA: FÁTIMA APARECIDA DE QUADROS REOLON
ORIENTADORA: Prof^a Dr^a VERA MARIA FAVILA MIORIN
Data e Local da Defesa: Santa Maria, 31 de Agosto, 2011.

A dissertação trata de uma comunidade constituída por assentados. Nova Ramada se determina por uma produção agropecuária intensiva de trabalho constituído pela força familiar. A presença deste novo núcleo em uma dada espacialidade municipal causou profundas transformações espaciais determinadoras da atual paisagem rural. O conjunto social constituído conheceu, ao longo de vinte anos, diferentes momentos de produção econômica e reprodução social, momentos que solidificaram as relações socioeconômicas e contribuíram para a alteração da produção alimentar e sua disponibilidade no conjunto municipal urbano, através da oferta de novos produtos e garantindo o abastecimento da população urbana além de promover o surgimento de iniciativas transformadoras dos produtos quer na zona rural como na urbana. Nos primeiros tempos, a necessidade de produzir para a sobrevivência e obtenção de renda adicional garantiu formas de produção de subsistência e para o mercado. Hoje, a opção maior é a de produzir para alcançar ganhos de produtividade por meio da especialização. O emprego do mais-trabalho na terra e nas atividades complementares se realiza, hoje, incorporando mecanismos tecnológicos, com o emprego de máquinas e de técnicas de plantio, sementes e manejo do solo. Este modelo de produção, que norteia as atividades agrícolas, tem permitido transformações da paisagem rural. Hoje, Nova Ramada pode ser considerada uma ruralidade constituída por agricultores familiares, na forma de produtores familiares, com produção intensiva e diversificada, agregadora de tecnologias e atendendo ao mercado local e até regional, promotora de mudanças comportamentais do mercado urbano e do consumo da sociedade local.

Palavras-chaves: Meio rural; Assentamento; Agricultura familiar; Produtor rural; Mercado local e regional; Desenvolvimento rural.

ABSTRACT

Master's Degree Dissertation
Graduate Program in Geography and Geosciences,
Federal University of Santa Maria

NOVA RAMADA AS A HUMAN SPACE RECOVERY AND PRODUCTION IN RURAL AREAS: a geographical approach

AUTHOR: FÁTIMA APARECIDA DE QUADROS REOLON

ADVISOR: Prof. Dr. VERA MARIA FAVILA MIORIN

**Date and Place of the Presentation: Santa Maria, August 31st.,
2011.**

The dissertation is about a community made up of settlers. Nova Ramada is determined by an intensive agricultural production work force constituted by the family. The presence of this new core in a given spatial municipal spatial circumstances has caused profound changes on the current rural landscape. The constituted social set has met, over twenty years, different times of economic production and social reproduction, moments that solidified the socioeconomic relations and contributed to the change in food production and its availability in the urban city, by offering new products and ensuring the supply of the urban population; moreover, promoting the emergence of initiatives that transform the products both in rural as in urban areas. At first, the need to produce to survive and obtain additional income secured forms of subsistence production and the market. Today, the option is to produce to achieve higher productivity gains through specialization. The use of added work on land and in complementary activities takes place incorporating technological mechanisms, with the use of machinery and planting techniques, seed and soil management. This production model, which guides the agricultural activities, has allowed transformations of the rural landscape. Today, Nova Ramada can be considered a place made up of family farmers, with intensive and diversified production, technology aggregator and serving the local market, and even to a regional level, promoting behavioral changes of the urban market and the local consumer society.

Keywords: Rural areas; Settlement; Family farming; Farmers (or Rural producers); Local and regional market; Rural development.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

MAPA 1 –	Localização do Assentamento da Nova Ramada no município de Júlio de Castilhos, RS	18
ORGANOGRAMA 1 –	Sistema de produção de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	33
ORGANOGRAMA 2 –	Nova Ramada espaço de valorização humana	34
ORGANOGRAMA 3 –	Nova Ramada espaço de produção no meio rural	37
FOTOGRAFIA 1 –	Imagem de Júlio Prates de Castilhos, na praça da cidade município de Júlio de Castilhos, RS	64
FOTOGRAFIA 2 –	Prefeitura municipal de Júlio de Castilhos, RS.....	65
FOTOGRAFIA 3 –	Atividade cultural típica, município de Júlio de Castilhos, RS.	65
FOTOGRAFIA 4 –	Paisagem do município de Júlio de Castilhos, RS	67
FOTOGRAFIA 5 –	Touro de raça Charolês – reprodutor	72
MAPA 2 –	Nova Ramada, localização no município de Júlio de Castilhos e no estado do RS	81
MAPA 3 –	Procedência das famílias assentadas em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	83
GRÁFICO 1 –	Expectativa dos assentados em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	86
GRÁFICO 2 –	Dificuldades enfrentadas pelos grupos familiares em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	87
GRÁFICO 3 –	Tamanho da família por lote de terra e número de pessoas, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	88
GRÁFICO 4 –	Perfil etário dos moradores de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	89
GRÁFICO 5 –	Grau de escolaridade dos moradores de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	90

GRÁFICO 6 –	Atividades exercidas antes do assentamento em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	92
GRÁFICO 7 –	Agentes de transformação do espaço de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	93
GRÁFICO 8 –	Mercados de destino dos produtores de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	95
GRÁFICO 9 –	Facilidades no desenvolvimento das culturas, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	97
FOTOGRAFIA 6 –	A técnica de silagem, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.	98
FOTOGRAFIA 7 –	Inserção de equipamentos sofisticados, estrebaria, para o melhoramento da produção leiteira, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	99
FOTOGRAFIA 8 –	Resfriador a granel, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	99
FOTOGRAFIA 9 –	Plantadeira, implemento agrícola, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	100
FOTOGRAFIA 10 –	Lavoura de produção de soja, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	101
FOTOGRAFIA 11 –	Rebanho leiteiro, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.	102
FOTOGRAFIA 12 –	Alimentação de gado leiteiro em cochos individuais, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS	103
GRÁFICO 10 –	Renda mensal, em Salário Mínimo, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.....	104

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – População total e distribuição por área, município de Júlio de Castilhos, RS, 2010.....	69
TABELA 2 – Estimativa da produção Agrícola por área: cereais, leguminosas e oleaginosas, municipal de Júlio de Castilhos, 2007	74
TABELA 3 – Criatório por tipo de rebanho existente em número de cabeças, município de Júlio de Castilhos, 2009.....	75
TABELA 4 – Produção e quantidade derivada do criatório, município de Júlio de Castilhos, 2009	76

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – O produtor, sua história e organização da família.....	118
APÊNDICE B – Atividades e produção.....	120
APÊNDICE C – Uso dos recursos naturais.....	123
APÊNDICE D – Satisfação e resultados.....	124

LISTA DE SIGLAS

- CAMNPAL** – Cooperativa Agrícola Mista Nova Palma
- COOPANOR** – Cooperativa de Produção Agropecuária Nova Ramada
- COOPAGO** – Cooperativa Agropecuária Doze de Agosto
- COSUEL** – Cooperativa dos Suinocultores de Encantado LTDA
- COTRIJUC** – Cooperativa Triticola de Júlio de Castilhos LTDA.
- FEPAGRO** – Fundação de Pesquisa e Agropecuária
- IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- INCRA** – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
- MST** – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra
- PRONAF** – Programa Nacional da Agricultura Familiar
- CESA** – Companhia Estadual de Silos e Armazéns

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO 1 – ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO.....	23
1.1 Abordagens teórico-conceituais	23
1.2 Abordagens qualitativas e quantitativas	30
1.3 Procedimentos da investigação e coletas das informações	38
1.4 Ferramentas de auxílio na investigação	39
CAPÍTULO 2 – APORTES CONCEITUAIS DA INVESTIGAÇÃO.....	41
2.1 A agricultura familiar brasileira	42
2.2 Os assentamentos rurais como um processo de retorno do homem ao meio rural	55
CAPÍTULO 3 – FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE JÚLIO DE CASTILHOS, RS.....	63
CAPÍTULO 4 – NOVA RAMADA UMA TRAJETÓRIA DE VALORIZAÇÃO SOCIOESPACIAL.....	79
4.1 As políticas sociais de distribuição da terra	80
4.2 A valorização da produção e do desenvolvimento rural.....	84
4.3 Subsistemas relações socioeconômicas e tecnológicas de Nova Ramada	91
4.4 Aportes qualitativos referente a questões de ordem ambiental e social	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	109
REFERÊNCIAS.....	113
APÊNDICES	117

A presente dissertação visa investigar o desenvolvimento, a produção e a inserção de um assentamento de Reforma Agrária que, após anos de lutas e de trabalho, se consolidou, permitindo a inserção social do grupo familiar assentado e compondo uma organização rural coletiva inserida no sistema de produção vigente.

As alterações do modo de vida dos grupos familiares assentados podem ser analisadas sob a visão das dinâmicas agrárias e das alterações regionais. Elas podem ser observadas sob dois ângulos: o primeiro, considerando a história das desigualdades existentes e oriundas de políticas governamentais, que influenciaram na distribuição de terras, determinando uma sociedade, formada pelo poder de mandados, sendo proprietários das terras; o segundo se refere àqueles que despossuídos da terra, lutaram e ainda lutam por ela. Estes têm alcançado a terra e nela produzem sob um sistema produtivista como meio de inserção ao mercado.

O destaque merecido pela agricultura familiar em Nova Ramada inicialmente, e a que se apresenta hoje, orienta a investigação e o conhecimento da evolução desta realidade e as impressões no lugar. Sua produção e produtividade, o progresso tecnológico alcançado e o crescimento das atividades agrícolas, bem como as novas dinâmicas produtivas, levaram satisfação aos grupos familiares de Nova Ramada, por estarem traçando novas configurações.

Através da produção agrícola que se desenvolve, se propicia minimizar as contradições presentes no campo, resultantes de mudanças de ordem social, econômica, política e de mercado, estando presentes na consolidação da agricultura familiar. Os agricultores inseridos no campo são os intérpretes destas diferentes configurações, resultantes de mudanças, pois, passam a viabilizar as produções, em função destes diferentes comportamentos, inserindo técnicas e auxílios para o melhoramento e desempenho das produções.

Nova Ramada, além de permitir a inserção de grupos sociais no sistema produtivo local e regional, promove transformações. Uma nova configuração surge mediante o desenvolvimento da agricultura familiar local. Para o entendimento desta nova organização social e econômica, buscaram-se contribuições teórico-

metodológicas, de modo a sistematizar a configuração da paisagem de Nova Ramada dentro da espacialidade de Júlio de Castilhos.

Destaca-se que Nova Ramada, possuindo uma nova inserção a partir de sua atividade produtiva, sendo proveniente da agricultura familiar, se identifica a partir do aporte metodológico. Visou-se compreender sua estruturação no início da ocupação, que veio transformar o meio ambiente físico da fazenda Nova Ramada, na qual se estabeleceu, em função das atividades desempenhadas. Compreendendo-se como um sistema e suas relações, sendo parte desta totalidade, organizada em subsistemas.

A inclusão de Nova Ramada no sistema produtivo, deu-se através das atividades ligadas à terra, possibilitando introduzir modos de produção e relações de trabalho. A partir desta compreensão, que resultou das ações e vínculos estabelecidos na espacialidade geográfica do lugar, por meio de sua adaptação, Nova Ramada passou, ao longo do tempo, a constituir-se em uma nova matriz de produção no município de Júlio de Castilhos.

Deste modo, desejou-se, como objetivo básico, conhecer o grupo familiar ali presente, bem como aspectos estruturais, desde suas ocupações incorporadas à espacialidade, enfatizando o estudo das dinâmicas de evolução do grupo social e de sua organização, produção e reprodução do espaço.

No entanto, Nova Ramada foi o objeto de estudo descritivo e explicativo neste trabalho de pesquisa. Buscou-se conhecê-la, observá-la e descrevê-la, verificando suas relações sociais e econômicas, bem como sua trajetória histórica e o ambiente natural em que o grupo humano foi inserido, dando origem a um novo lugar geográfico.

Desejou-se, também, alcançar o comprometimento do grupo social em sua inserção socioeconômica no meio local e regional, através das produções realizadas, determinadas pelo abastecimento alimentar, além da verificação de ações promovidas para a manutenção do equilíbrio ambiental referente aos recursos naturais em uso, continuidade e preservação.

Objetivou-se, também, conhecer suas relações e organizações socioambientais e econômicas, determinadas pela trajetória de ocupação de Nova Ramada. Procurou-se caracterizar sua luta em curso, por meio da consolidação e inserção no sistema econômico produtivo e, concomitante a isto, revelar esta nova espacialidade geográfica possibilitando transformações nas relações de produção e

os valores humanos e culturais da espacialidade municipal em Júlio de Castilhos, na qual esta inserida.

Deste modo, conhecer Nova Ramada como sendo espaço de valorização humana e de produção no meio rural, faz parte da abordagem geográfica permitindo estudá-la e compreender suas dimensões espaciais.

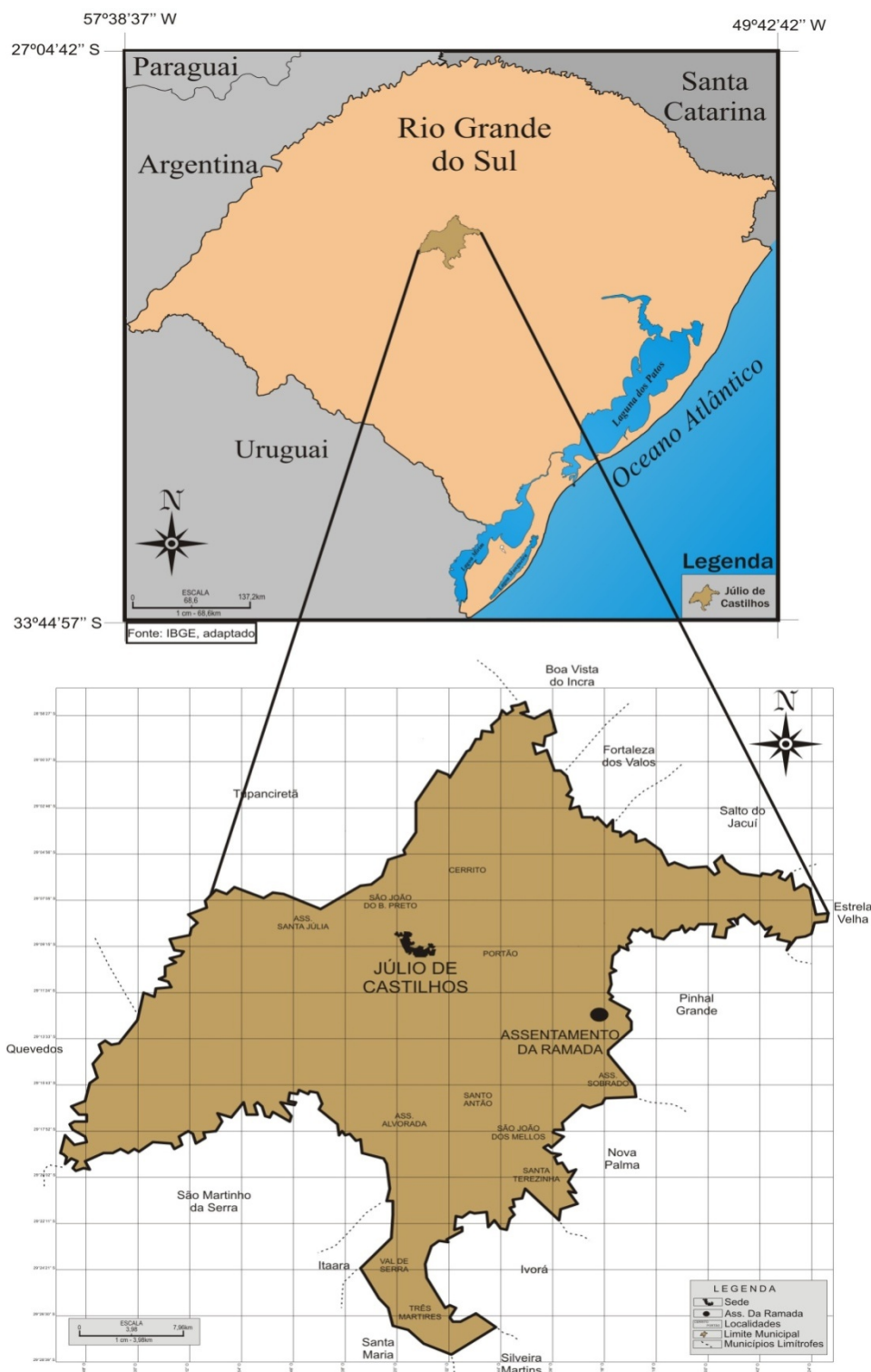
Elegeram-se como objetivos específicos:

- descrever e caracterizar sua origem histórica e a evolução da organização espacial;
- apreender a estrutura social presente na localidade;
- analisar as condições e viabilidade da infraestrutura presentes em Nova Ramada;
- determinar os sistemas de produção e suas relações locais e regionais.
- evidenciar as relações de sustentabilidade existentes, presentes no sistema de produção e o uso dos recursos naturais, referentes à sua preservação e continuidade, sem comprometer as condições de reprodução social e a ruralidade em questão.

Através destes objetivos traçados, buscou-se, por meio de um olhar geográfico e através das abordagens metodológicas utilizadas, compreender esta espacialidade geográfica, as mudanças sucedidas a partir da transformação da espacialidade rural, pelo grupo humano ali inserido, além de mostrar a realidade de Nova Ramada que se apresenta hoje, bem como suas dinâmicas e novas formas.

Através da utilização da literatura, possibilitada pelos autores presentes no trabalho, foi possível embasar esta construção, objetivando compreender melhor o andamento deste sistema no qual se constituiu Nova Ramada.

O sistema sendo Nova Ramada pertence ao município de Júlio de Castilhos, RS, (mapa 1), localizado, no centro do Estado do Rio Grande do Sul, com latitude de 29°13'39 Sul em relação à linha do Equador e Longitude de 53°40'38 Oeste em relação ao Meridiano de Greenwich.



Mapa 1 – Localização do Assentamento da Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: REOLON (2008).

Nova Ramada, estando situada a leste do município, faz divisa com o município de Pinhal Grande (mapa 1) e constitui-se, em um exemplo de

modificações no meio rural, oriundo da luta pela terra. As alterações realizadas através das atividades produtivas são apresentadas como concessão ao uso social respeitoso. Dotadas de mecanismos técnicos, possibilitaram a inserção produtiva no mercado vigente, compondo um lugar significativo dentro do município acima referido.

O trabalho foi estruturado em capítulos, os quais serão brevemente contextualizados.

O primeiro capítulo apresenta o aporte metodológico proposto para este trabalho, permitindo, através dos estudos referentes às abordagens qualitativas e quantitativas, apreendendo as espacialidades investigadas e levando à compreensão da pesquisa em sua totalidade. Através da análise do sistema Nova Ramada, pretende-se verificar os agentes que compõem os subsistemas, compreendendo as particularidades dos elementos envolvidos neste cenário, através do apoio dos conceitos e determinações das abordagens metodológicas, para realização das posteriores análises propostas através da investigação.

A análise realizada através da pesquisa de abordagem qualitativa permitiu verificar os elementos históricos, culturais, sociais, ambientais e políticos. A abordagem sistêmica levou à compreensão do sistema Nova Ramada, bem como à interação dos subsistemas que a compõem quanto às relações econômicas e tecnológicas, contribuindo para o reconhecimento da presença de subsistemas inerentes à formação e às relações implícitas nesta categoria de análise.

Para apreender a evolução histórica e obter o conhecimento da cultura desta espacialidade utilizou-se o procedimento histórico de valorização humana, enfatizando os períodos significativos da evolução das relações do grupo social, no intuito de compreender os diversos momentos que compõem sua trajetória. Em trabalho na comunidade de Nova Ramada, utilizando-se a investigação direta, procurou-se apreender o modo de produção e as origens deste “fazer” que, sem dúvida, resulta de conhecimentos culturais transmitidos por gerações.

O segundo capítulo trata das questões teóricas que direcionaram a consolidação desta pesquisa. Ele define os conceitos, o contexto da agricultura familiar e os assentamentos agrários, abordando as principais relevâncias para o entendimento da área de estudo, bem como descrevendo as distintas formas de organização da agricultura familiar, devido às mudanças decorrentes da

modernização da agricultura. Busca-se resgatar conceitos, facilitando o entendimento da realidade presente no meio rural.

Enfatiza-se o período posterior à modernização da agricultura, as novas relações de produção, de mercado para a produção e do envolvimento do campo no processo capitalista brasileiro.

O presente capítulo ressalta a influência da tecnologia para o desenvolvimento das atividades agrícolas, tratando das dinâmicas agrárias e dos processos da agricultura, abordando as mudanças e os conflitos por terra determinados pelas lutas sociais. Estes buscam interesses comuns, igualdades, oportunidades de inserção no sistema produtivo e envolvem o passado do rural brasileiro.

Aborda, ainda, a realidade do contexto dos movimentos sociais na qual, Nova Ramada, é resultante e, também, a gênese do movimento social (MST), sua trajetória, bem como, a consolidação do assentamento agrário. A trajetória levou à procura por melhoria de condições de vida. Através da conquista da terra nota-se a necessidade de reformas no campo, e de Reforma Agrária. O presente capítulo aborda questões que objetivam reformas no campo, o que leva o homem do campo a buscar novas alternativas de vida.

O terceiro capítulo ressalta as características geográficas do município de Júlio de Castilhos, onde Nova Ramada se insere, bem como observa a sua localização, o ambiente geográfico, a ocupação e organização sócio-econômica. Deste modo, se descreve a origem da ocupação pela população, que é atribuída as suas características de produção, facilitando o entendimento da realidade do município e identificando os cenários destas espacialidades geográficas.

Através das ilustrações se evidencia esta realidade natural, cultural, urbana e a sede municipal, bem como aspectos que favoreçam o entendimento do município onde Nova Ramada, sendo o objeto de estudo, estabelece seus vínculos e relações.

O quarto capítulo aborda as informações sobre a história e a geografia do referencial empírico deste trabalho, cuja origem inicia com a luta pela terra, com a formação de um assentamento e com a consolidação das famílias nesta espacialidade rural. As iniciativas de produção fortaleceram e evoluíram para uma realidade fortemente engajada na produção rural, contribuindo para o desenvolvimento do município de Júlio de Castilhos.

Este capítulo apresenta ilustrações com fotos e gráficos para melhor compreender os resultados obtidos na pesquisa. As análises realizadas no decorrer da investigação identificaram a trajetória vivenciada pelos agricultores, o que ocorreu de forma satisfatória, pois foram alcançados resultados significativos quanto aos processos de ocupação e organização da área, podendo estabelecer relações e vínculos.

A produção diversificada em Nova Ramada, que existia no assentamento, passa a produzir especificação produtiva, de acordo com as exigências de mercado, levando à produção diversificada para a subsistência dos agricultores, diferindo-se do início das atividades produtivas que eles desenvolviam. Ao longo do desenvolvimento das suas atividades, não houve receio em ousar e mudar suas produções, conforme a necessidade de obter vantagens produtivas.

As considerações a cerca desta realidade investigada, resultam na confirmação da hipótese de que um assentamento passa a se inserir no sistema de mercado vigente. Através desta configuração, às famílias passam a sobreviver, mediante suas produções, atendendo às necessidades de mercado, bem como, a conhecer a trajetória de sua origem e satisfação dos produtores ali inseridos, seu contexto de anos de ação para chegar à estrutura atual.

Nova Ramada é um molde cuja finalidade é alcançar êxito nas produções, mediante a luta por direitos e igualdades sociais, bem como, através do trabalho e de investimento na propriedade, visando adequação ao mercado, obtendo satisfações através do processo de consolidação e inserção produtiva, juntamente com adequação às exigências expostas pelo mercado.

ELEMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICO

Este capítulo visa tratar algumas das diferentes abordagens que compõem a Geografia, bem como, das suas interações com o conjunto a partir dos estudos sobre o conhecimento científico que atribui à geografia, para se compreender as abordagens utilizadas na área em estudo.

1.1 Abordagens teórico-conceituais

A partir das mudanças contínuas presentes no conhecimento científico que tratam das relações sociais e econômicas, procura-se colocar a Ciência Geográfica como um campo de estudo e de análise sobre o entendimento das relações entre sociedade e natureza.

No entender de Christofolletti (1982), a geografia é uma ciência antiga, pois iniciou com os gregos e seu entendimento sobre as paisagens visitadas, contudo, esta ciência somente avançou em seus aportes teórico-metodológicos no século XIX em países da Europa: França e Alemanha.

Hoje, a Geografia, enquanto ciência, procura compreender as distintas realidades e os problemas que a sociedade coloca em suas espacialidades vividas. Para tanto, os estudiosos da Geografia se valem de análises, de fatos – fenômenos – existentes nas diferentes realidades sociais. Desenvolve-se, deste modo, uma gama de estudos e aprofundamentos científicos que tem contribuído para o avanço

da Ciência Geográfica e do próprio conhecimento Científico, conforme o entendimento de Christofolletti (1982).

O conjunto de desafios necessários para a realização da pesquisa científica segue um quadro genérico. Este, por sua vez, segue as principais perspectivas norteadoras das pesquisas realizadas no transcurso do século XX, perpassando também pela Ciência Geográfica que necessita analisar e explicar os fatos e seus problemas envolvendo os seres humanos e a natureza que os rodeia, como bem explica Christofolletti em sua obra *Perspectivas da Geografia* (1982).

No decorrer da evolução científica, constituíram-se as principais fases históricas da ciência geográfica: Geografia Tradicional, Nova Geografia, Geografia Crítica e a Geografia Humanística- Cultural. Na Geografia Humana, tem-se a visão de compreender as relações humanas, bem como as atividades que desenvolvem, preocupando-se com as interações do ser humano em meio às suas atividades. A Geografia Humana necessita explicar estas questões, a partir de procedimentos metodológicos, por meio de sua cientificidade, devendo determinar sua função e desígnio como ciência e, ainda, objetivando buscar a classificação e a amplitude dos fenômenos que permeiam e traçam novas configurações às relações estabelecidas.

A Geografia Geral analisa cada categoria dos fenômenos de maneira autônoma, focalizada na geografia sistemática, subdivisão da geografia. Tem-se a geografia sistêmica com o intuito de explicar as particularidades dos fenômenos, bem como, analisar e comparar as interações destas diferentes realidades. Buscando encaixilhar a geografia no contexto científico global tendo com objetivos a abordagem sistêmica, conforme Christofolletti (1982):

“(...) a abordagem sistêmica serve ao geógrafo como instrumento conceitual que lhe facilita tratar dos conjuntos complexos, como os da organização espacial. A preocupação em focalizar as questões geográficas sob a perspectiva sistêmica representou característica que favoreceu e dinamizou o desenvolvimento da Nova Geografia. (CHRISTOFOLLETTI, 1982, p.19).

A abordagem sistêmica é utilizada também nas ciências humanas auxiliando na compreensão e na explicação de seus diferentes elementos, nas relações atribuídas ao funcionamento do sistema e na compreensão das interações dos elementos componentes dos subsistemas. Na geografia, a aplicação da teoria dos sistemas serve para focalizar e delinear as pesquisas com o propósito de análise crítica de seus conceitos (CHRISTOFOLLETTI, 1982), atribuindo categorias de

análise que contribuem para o direcionamento dos conceitos metodológicos nos estudos realizados e proporcionando obter resultados de modo a ampliar a argumentação e as análises a partir da realidade evidenciada.

O conhecimento científico possibilita conceituar análises através de hipóteses, sendo que, os procedimentos científicos devem ser compostos de experiências empíricas a partir das análises investigadas, através dos estudos empíricos com o intuito de contribuir para a Ciência. Este tem sido o caso dos estudos em geografia humanística que procuram valorizar as experiências dos indivíduos por meio de seu comportamento frente à realidade e suas relações com a natureza. Aceitando que cada ser humano tem seu entendimento a respeito do mundo em que vive e, igualmente, daqueles com os quais se relaciona, pode-se entender o pensamento que Christofolletti (1982):

A geografia humanística procura valorizar a experiência do indivíduo ou do grupo, visando compreender o comportamento e as maneiras de sentir das pessoas em relação aos seus lugares. Para cada indivíduo, para cada grupo humano, existe uma visão do mundo, que se expressa através das suas atitudes e valores para com o quadro ambiente. É o contexto pelo qual a pessoa valoriza e organiza o seu espaço e o seu mundo, e nele se relaciona (...). (ENTRIKIN, 1976 apud CHRISTOFOLETTI 1982, p.22).

A geografia humanística analisa as relações das vivências humanas enquanto campo de estudo da fenomenologia. As interações estabelecidas e representadas pelos elementos históricos, inserindo os diferentes comportamentais do presente e do futuro, além de outros estudos, se constituem em palcos específicos de sua investigação. Ela constrói, de modo crítico, sobre o conhecimento científico, as regras formuladas na Ciência, percebidas no funcionamento das relações humanas, regidas por leis específicas para se compreender os comportamentos humanos, suas experiências e complexidades e refletindo sobre as questões do mundo a partir dos fatos geográficos presentes na realidade.

Representando os diferentes espaços e o lugar, pode-se definir lugar como sendo “aquele em que o indivíduo se encontra ambientado, no qual está integrado” (CHRISTOFOLETTI, 1982, p.22). De acordo com o autor este lugar faz “parte do seu mundo”. Ainda explicando o significado do termo, o autor acrescenta que “O lugar não é toda e qualquer localidade, mas aquela que tem significância afetiva para uma pessoa ou um grupo de pessoas.”

Dando continuidade a esta idéia de espaço e afetividade se faz necessário determinar as noções de espaço. Este é considerado como sendo um componente indispensável às tendências geográficas e podendo, deste modo, compreender o lugar onde se estabelecem as relações, desenvolvendo noções para se compreender aspectos que envolvem um complexo de idéias. De acordo com as percepções visuais, o pensamento que se combina para dar sentido de espaço, possibilita capacidade de reconhecer e estruturar a disposição dos objetos.

A geografia possui suas próprias configurações, abrangendo direta ou indiretamente as outras científicas “(...) Na realidade, como veremos, a Geografia possui seu próprio campo. O essencial é considerar qual uso ela faz dos dados sobre os quais se exerce” (LA BLACHE, apud CHRISTOFOLETTI, 1982, p.37-38).

Segundo as concepções do autor citado em Christofolletti (1982); a Geografia é entendida como o conjunto da Terra, valorizando seus princípios e noções por meio de estudo empírico em várias regiões do mundo. O apoio dado pelo autor ao conhecimento geográfico permitiu que a geografia se tornasse uma ciência, apoiando-se em fatos e não somente em simples hipóteses levantadas.

A partir dos arranjos e combinações dos fenômenos que se relacionam em todos os lugares, a Geografia procura compreender estas espacialidades, necessitando conhecer os elementos que compõem estas unidades espaciais.

A geografia se apóia na descrição dos fatos, sofrendo influências resultantes de diversos pensamentos e comportamentos. A análise do gênero de vida permitiu a Vidal de La Blache (1913) afirmar que a Geografia é a ciência dos lugares e não dos homens na intenção de explicar os lugares modificados pelos homens e não os homens em si, pois estes são estudados por outras ciências humanas (CLAVAL, 2001).

A ciência geográfica necessita da cronologia dos acontecimentos históricos para compreender e explicar a realidade atual de uma determinada região, virtualidades que sem eles permaneceriam latentes. Assim, a geografia fortalece seus métodos a partir de expressivo marcos históricos, reconhecendo suas particularidades espaciais.

A Geografia permite, deste modo, compreender a diversidade dos gêneros de vida e das paisagens nas quais são representadas as transformações, resultantes da integração entre o homem e o meio.

Verifica-se que os seres humanos dependem do ambiente onde venham a fixar e estabelecer seus vínculos, suas relações com o habitat e tecer novas configurações, cujos problemas advindos de sua mobilidade dependem das técnicas que dominam (CLAVAL, 2001). Os homens se apropriam do meio e criam suas técnicas para ampliar as suas relações de dominação. Os grupos humanos distinguem-se dos outros animais pelas técnicas que beneficiam a exploração dos recursos naturais.

A modificação das estruturas naturais acompanha a trajetória da consolidação da ciência geográfica. As relações culturais, técnicas e as transformações da paisagem se propagam ao longo do tempo, através das transmissões culturais. “A permanência frequentemente notável de certos traços de paisagem, no domínio rural em particular, era admitida desde o final do século XIX [...]” (CLAVAL, 2001, p.41).

A importância da paisagem se explica pelas marcas das relações e modificações estabelecidas pelos homens no meio rural, e que fortaleceram a estruturação de relações culturais específicas, entendidas por Claval (2001) como marcas da paisagem:

A paisagem traz a marca da atividade produtiva dos homens e de seus esforços para habitar o mundo, adaptando-o às suas necessidades. Ela é marcada pelas técnicas materiais que a sociedade domina e moldada para responder às convicções religiosas, às paixões ideológicas ou aos gostos estéticos dos grupos. Ela constitui desta maneira um documento-chave para compreender as culturas, o único que subsiste frequentemente para as sociedades do passado. (CLAVAL, 2001, p.14).

Analisa-se o espaço a partir dessas marcas estabelecidas pelas relações da sociedade, que determinam as formas oriundas das funções estabelecidas na paisagem pelos grupos humanos e em seu processo de reprodução e de vida. Estes elementos determinados pelo autor devem estar presentes nas análises sobre comportamento dos grupos sociais em suas espacialidades.

A noção de espaço e os elementos que o compõem são marcas do gênero de vida que são as ações de uma sociedade, ou seja, dos indivíduos e de seus componentes, em suas atividades exercidas como as lavouras, o criatório, a casa, a estrada e outras benfeitorias que os indivíduos constroem, marcando a paisagem com sua cultura. Verifica-se que as interligações entre os elementos estabelecem um todo, sendo que, cada elemento do espaço possui seu próprio processo social.

Conforme Santos (1985), as interações dos elementos constituintes do espaço são consideradas abordagens fundamentais nas análises geográficas:

O estudo das interações entre os diversos elementos do espaço é um dado fundamental da análise. Na medida em que função é ação, a interação supõe interdependência funcional entre os elementos. Através do estudo das interações, recuperamos a totalidade social, isto é, o espaço como um todo e, igualmente, a sociedade como um todo. Pois cada ação não constitui um dado independente, mas um resultado do próprio processo social. (SANTOS, 1985, p.7).

O espaço sob ação das influências destas abordagens requer uma análise particularizada de seus elementos que constituem o conjunto espacial em mudança constante, pois toda vez que a sociedade muda seu comportamento, as funções se alteram porque novos processos são gerados criando uma nova organização espacial e dando às formas novas funções (SANTOS, 1985).

De acordo com o autor as definições das partes de uma totalidade são estabelecidas a seguir:

Os conceitos de forma, função e estrutura podem ser usados como categorias primárias na compreensão da atual organização espacial. Vistos em combinação, eles abrandam os efeitos da teorização de um único fator, que não leva em conta as características verdadeiras, inseparáveis e interagentes do desenvolvimento espacial [...]. (SANTOS, 1985, p. 51-52).

Para compreender a dimensão evolutiva da organização espacial e das relações entre outros elementos, considera-se a forma, função, processo e estrutura, que devem ser vistos de modo interativo e integrador, para criar e moldar o espaço através do tempo. A organização espacial resulta das relações humanas organizadas como sociedade. Através dos processos e das funções presentes nas relações estabelecidas pela sociedade, os elementos também se alteram e definem o espaço de acordo com a sociedade.

Conforme as concepções expostas sobre a realidade das interações das categorias espaciais, a compreensão da dinâmica espacial de Nova Ramada, impõe que se estabeleça sua compreensão a partir das categorias de sua organização: estrutura - espaço de valorização humana; processo - consolidação produtiva; função - relações estabelecidas e vínculos firmados; formas - configuração espacial na relação do homem com o meio.

As relações entre os grupos sociais no meio rural se evidenciam através de seu trabalho e de sua produção. Elas fazem parte da mesma amálgama que construiu e tem moldado a própria história do lugar e da paisagem, na qual esta inserida Nova Ramada. De acordo com Santos (2006), o grupo humano que a formou estabeleceu relações sociais e, igualmente, através do trabalho intervém na paisagem utilizando tecnologias conhecidas e anexando novos conhecimentos que têm permitido seu desenvolvimento. A organização estabelecida através de relações sociais de produção são modificadoras e transformadoras da espacialidade geográfica, assim as formas foram estruturadas a partir dos processos estabelecidos que criaram e recriaram novas funções e determinaram, em primeira instância, a sobrevivência humana e, a seguir, a diversidade cultural do grupo humano instalado em Nova Ramada.

Estes sinais, identificadores das relações que o homem estabeleceu na natureza, mediados pela produção e reprodução do grupo humano na referida espacialidade, são evidenciados ao longo de um processo histórico, podendo ser percebidas suas transformações e mudanças manifestadas na paisagem e revelando que a ação do homem para com a natureza é de dominação, através de novos instrumentos, a ponto de sugerir a sua modificação, por meio, da aplicação de artificialismos. Assim, o surgimento de técnicas, seu emprego e a exploração na natureza permitem criar novas estruturas que os grupos humanos possam usufruir como o uso dos recursos naturais. Tal situação também ocorreu em Nova Ramada, pois foram estabelecidas relações através do auxílio de técnicas, criadas novas estruturas e outras configurações na paisagem antes natural.

A estrutura organizacional em Nova Ramada teve como base a família determinando o modo de produção familiar, ou seja, a agricultura familiar. Assim, a relação social e econômica do grupo ali estabelecido tem apoio em tecnologias modernas, adquiridas na produção e na força de trabalho dos membros da família.

Os conceitos, apresentados e discutidos, relacionados à agricultura familiar definem as atividades próprias de ações familiares, revelando a categoria de produtores rurais de Nova Ramada. Além do que, igualmente mostram as suas especificidades em meio ao grau de desenvolvimento técnico científico e informacional existente na região onde estão inseridos, auxiliando as atividades agrícolas e tornando-as mais rápidas e eficientes, além de facilitar as atividades desempenhadas no meio rural.

Compreendendo as relações do homem, bem como as atividades que desenvolve em interação com o meio ambiente, propõe-se uma visão que reconheça a espacialidade geográfica, conforme suas especificidades do ponto de vista de suas categorias sendo elas: humanística, cultural, quantitativa e qualitativa presentes na geografia humana, contribuindo para o entendimento das categorias de análise existentes, ou seja, as estruturas, processos, funções e formas que constituem o objeto de estudo em sua totalidade.

1.2 Abordagens qualitativas e quantitativas

A definição da abordagem sistêmica, no auxílio e no alcance dos objetivos da investigação se explica pela necessidade de abranger a diversidade e contemplar as múltiplas análises inter-relacionadas, constituintes do sistema em estudo, como também, estando presentes nos elementos que compõem os subsistemas, com eles interagindo e se completando.

A abordagem sistêmica permite ao investigador se aproximar dos fenômenos da sociedade em parte e em seu todo. Esta abrangência em ação pode promover mudanças e transformar o sistema, de acordo com o processo de desenvolvimento no qual se insere. Morin (1977, p.101) ressalta a importância dos sistemas que constituem o meio de vida e de reprodução, estabelecendo vínculos com o todo e com as inter-relações, sendo que segundo ele “a idéia de inter-relações remete para os tipos e as formas de ligações entre os elementos ou indivíduos e o todo”. Para o autor estas inter-relações dinâmicas, permitem compreender a organização dos elementos pertencentes a um todo, até mesmo a abrangência global.

Além disso, também permite compreender o comportamento dos indivíduos entre si. As partes interagem e nelas surgem normas e processos que lhes são peculiares. Nestas concepções Bertalanffy (1975, p.53) ressalta que: “É necessário estudar não somente as partes e processos isoladamente, mas também resolver os decisivos problemas encontrados na organização e na ordem que os unifica [...]”, pois, a partir desta compreensão é possível verificar as interações dos elementos que compõe as partes, bem como compreender as funções desempenhadas pelos

subsistemas que os integram. Evidenciam particularidades, atribuindo a elas funções que se complementam.

Nesta mesma lógica de pensamento destaca-se a importância da interação dos subsistemas, resultantes da dinâmica, permitindo o reconhecimento e a análise do objeto de estudo. Para se compreender a realidade do objeto de estudo buscou-se identificar suas relações em sua totalidade.

Percebe-se, quanto à metodologia sistêmica, que as possibilidades de entendimento de vários subsistemas que compõem a natureza podem ser estudados, tudo depende da realidade investigada. Conforme descreve Baréa (2008):

De acordo com a metodologia sistêmica, a natureza é composta de vários sistemas, que comportam e produzem antagonismos. Nesta concepção sistêmica, natureza e sociedade podem formar sistemas, compor subsistemas ou constituírem um conjunto de elementos. Tudo depende da escala de análise que é estabelecida para a abrangência do universo sistêmico selecionado. (BARÉA, 2008, p.21).

Além das relações, a análise permite compreender fatores da realidade e fenômenos geradores dos processos que se consolidam por meio de relações. A metodologia sistêmica contribui para este entendimento, resultando nos conjuntos que compõem o sistema e permitem reconhecer a complexidade presente na espacialidade. Derivando deste entendimento sistêmico, ocorre a compreensão das espacialidades e de seus fenômenos.

Nesse caso, Nova Ramada se constitui em um sistema cuja compreensão e análises conduzem à satisfação dos objetivos propostos no trabalho de investigação. A abordagem sistêmica contribui para este entendimento, conforme se verifica a seguir:

A Metodologia Sistêmica se constituiu na Geografia como abordagem ideal para seus estudos que, normalmente, envolvem quantidade de informações e exigem a aplicação da classificação, divisão, aglutinação e organização por grupos de dados pertinentes, criando-se os subsistemas. Esta metodologia tem servido aos propósitos da Geografia, principalmente para as análises complexas, como é o caso dos estudos regionais e da organização espacial. (VIDAL, 2008, p. 97).

A partir desta compreensão a metodologia sistêmica se faz indispensável para analisar as complexidades dos fenômenos geográficos e a escolha

metodológica conduz o entendimento do sistema, contribuindo para se compreender as diferentes realidades. A análise de Nova Ramada revela os subsistemas que compõem o seu conjunto e apresentam, na nova configuração, relações e inter-relações.

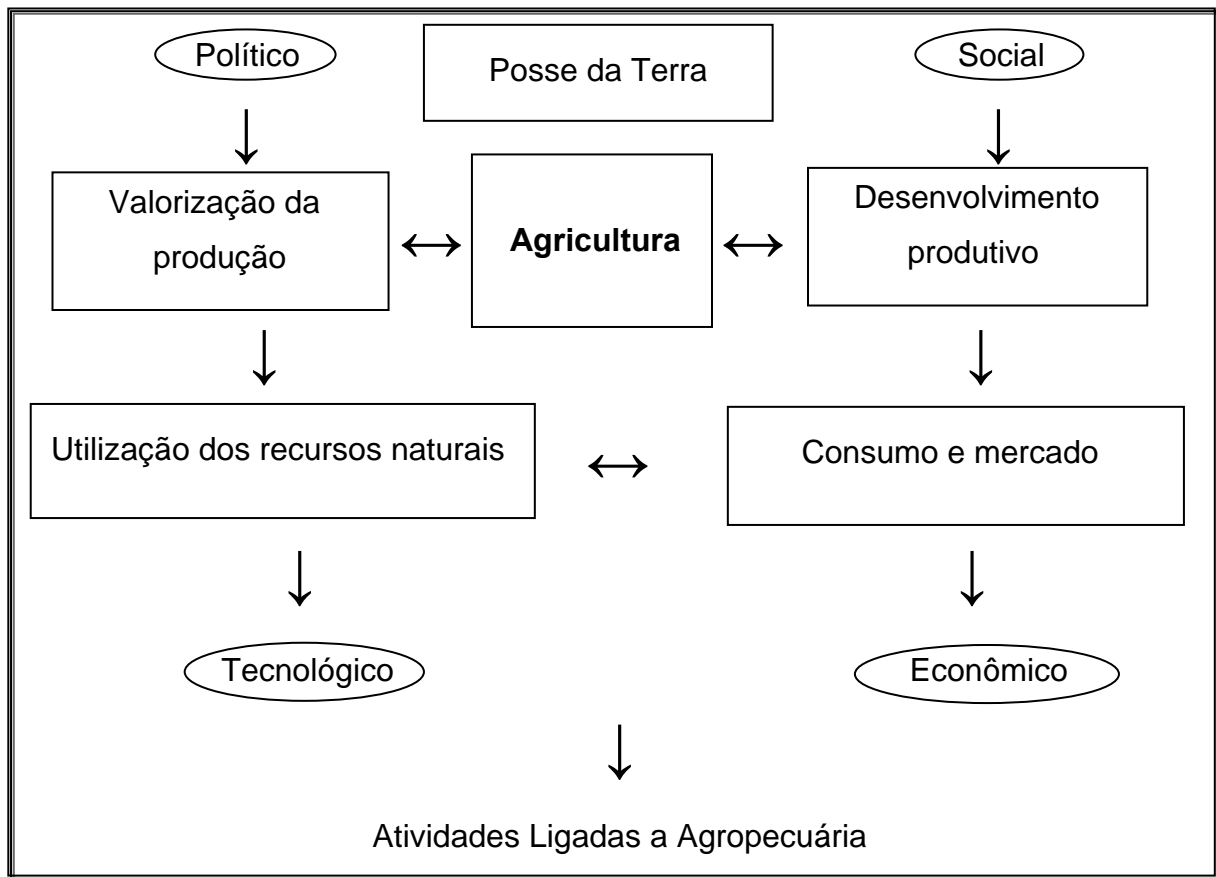
Os vínculos com a terra e com os recursos naturais ganham, através do tempo, novos contornos, configurando e estruturando as formas de produção inserindo relações de mercado que alteram o modo de produção. O desenvolvimento da agricultura e do criatório foram as principais atividades transformadoras do sistema, permitindo a visualização das principais relações de produção hoje existentes. (organograma 1).

Nesse caso, tem-se a ocupação e organização do sistema, sendo as relações e os vínculos estabelecidos a preocupação fundamental; a utilização dos recursos naturais e as formas de usos são preocupantes, pois deles depende o crescimento e o desenvolvimento produtivo: crescem os vínculos econômicos, beneficiados pela tecnologia; as relações campo/cidade concentram funções que buscam melhoria das condições socioeconômicas, a partir das atividades realizadas e ligadas principalmente à agropecuária.

Evidencia-se a importância de estudar estas relações para que se possa compreender a organização espacial de Nova Ramada, em meio a sua dinâmica de produção.

A definição da abordagem sistêmica, no auxílio e no alcance dos objetivos da investigação, se explica pela necessidade de abranger a diversidade e contemplar as múltiplas análises inter-relacionadas, constituintes do sistema em estudo, como também, estando presentes nos elementos que compõem os subsistemas, com eles interagindo e se complementando.

Essa abordagem tem como escopo verificar a relevância da pesquisa através da Geografia Cultural, na qual, Nova Ramada se constitui em um espaço de valorização humana. Para atingir este objetivo recorreram-se às abordagens qualitativas e quantitativas sob a visão sistêmica, nas quais se destacaram os aspectos históricos, as relações sociais e políticos, bem como os aspectos econômicos, tecnológicos e ambientais.



Organograma 1 – Sistema de produção de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Org: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros, 2011.

Esses elementos estão presentes no sistema construído para nortear as análises desenvolvidas de modo a atender a importância necessária que elas requerem. O sistema construído está constituído de subsistemas de modo a permitir perceber características, relações e vínculos estabelecidos com os demais subsistemas em sua interação.

As análises realizadas e referentes ao sistema investigado permitem, de acordo com as bases conceituais, estabelecer diferentes interpretações da realidade, descrevendo, explicando, analisando e interpretando a organização espacial e as interações de Nova Ramada com as demais categorias de estudo em geografia, como a categoria de análise urbana e a ambiental.

Os aspectos qualitativos tiveram prioridade nas análises e servem de apoio à compreensão dos dados quantitativos os quais, neste estudo, alcançaram

importância fundamental para a apreensão da complexidade sistêmica que envolve a totalidade da área em estudo. Por sua vez, as técnicas do método qualitativo contribuem para que se possa compreender as diversas espacialidades e analisar os sujeitos coletivos. De acordo com as abordagens aplicadas foi possível entender as particularidades presentes que se perpetuam na consolidação da paisagem e são detectadas nas análises.

As particularidades dos subsistemas contribuem substancialmente para a compreensão de Nova Ramada quer em sua ordem social, econômica, cultural e ambiental além de histórica e política, de modo a facilitar as investigações e a descrever o sistema que destaca a valorização humana na composição espacial de Nova Ramada.

No organograma 2 se apresenta o objeto de estudo: Sistema e seus subsistemas de relações e interação qualitativas:



Organograma 2 – Nova Ramada espaço de valorização humana.

Org: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros, 2011.

Os elementos deste sistema se configuram por meio das relações que estabelecem e foram observados na investigação, conforme se verifica a seguir:

1. Cultural: as diversidades culturais ocorrem por serem os indivíduos originários de diversas etnias e procedentes de vários municípios.
2. Histórico: evolução da origem do movimento dos sem-terra, desenvolvimento, assentamento - ocupação e organização dos indivíduos na terra.
3. Social: trajetória da obtenção da terra, sobrevivência e sua inserção no modo de produção através do trabalho, relações e vínculos que se consolidaram na coletividade.
4. Ambiental: através das transformações realizadas a partir da ocupação, plantações de árvores, estradas, açudes e transformações da paisagem.
5. Político: a caminhada na qual os agricultores realizaram, em meio a conflitos, reivindicações e manifestações, além das políticas de incentivos à formação e desenvolvimento da agricultura familiar.

O método qualitativo traz novas possibilidades para se compreender as ações humanas, sociais e comportamentais, em meio às relações e organizações estabelecidas com a natureza, determinada pelo meio-ambiente. Este método propicia as representações das vivências humanas. De acordo com Sousa Júnior, o método qualitativo tende a identificar “as motivações que levam os sujeitos sociais ao exercício de suas práticas espaciais, sendo importante a fundamentação de elementos que sustentem a produção de um discurso capaz de representar o posicionamento de todo o segmento social” [...]. (SOUZA JÚNIOR, 2009, p.30).

Desse modo, a abordagem qualitativa possibilita recursos viáveis à investigação, isto é, possibilita a compreensão dos fenômenos e o entendimento dos diferentes posicionamentos dos seres humanos, bem como do mundo que os cerca. Conforme Borges (2009) “[...] só é possível conhecer profundamente aspectos da vida de uma sociedade ou de uma cultura, quando há um envolvimento pessoal entre o pesquisador e o quê/ quem ele investiga [...]”. (BORGES, 2009, p.184).

Esta abordagem possibilita apreender as diversas realidades e conhecer as distintas realidades inclusive as etnográficas. Deste modo e seguindo os conceitos e definição tratada, procurou-se aplicá-los na investigação de campo do objeto empírico no sentido de obter a realidade de Nova Ramada.

A abordagem cultural, por sua vez, permite interpretar os fenômenos humanos através das metodologias abordadas conforme Alves (2010). Nestas, ele determina que: “Estudos de geografia podem e são desenvolvidos sob diversos

prismas teóricos, o que deve ser ressaltado nessa abordagem é o enfoque dado a questões humanas que não são recolhidas em dados estatísticos ou levantamentos gerais, [...]”. (ALVES, 2010, p.41).

Segundo Gil (2008), quando a pesquisa se caracteriza como descritiva e o procedimento técnico e levantamento de campo forem utilizados, convém adotar instrumentos qualitativos e indagações diretas e indiretas, de modo a permitir ao investigado manifestar sua opinião. “As pesquisas descritivas têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (GIL, 2008, p.28) e até mesmo considerar as opiniões emitidas pelos entrevistados procurando atender aos objetivos da pesquisa qualitativa.

A técnica da pesquisa possibilitou a aproximação da realidade investigada, através dos instrumentos de pesquisa de cunho qualitativo junto a estes agricultores. O instrumento de pesquisa utilizado foi o questionário com questões diretas e indiretas (Apêndice A, B, C, D). Para Gil (2008, p. 121) “O questionário é uma técnica de investigação composta por um conjunto de questões que são submetidas a pessoas com o propósito de obter informações sobre conhecimentos, crenças, sentimentos, valores, interesses, expectativas, aspirações [...]”, estando presentes, como instrumento, para se compreender os diversos comportamentos humanos e atender aos objetivos propostos na investigação.

O questionário, como um instrumento auxiliar e seguindo aos interesses, indagações diretas e indiretas, permitiu o entendimento dos diferentes aspectos identificados, (organograma 2 e 3), oportunizando os grupos familiares a apresentarem suas opiniões com total liberdade.

Para compreender a totalidade dos componentes envolvidos na espacialidade investigada, utilizou-se a abordagem sistêmica, a qual permitiu o uso da quantificação, pois esta deve ser utilizada no momento em que se deseja analisar de forma objetiva as informações e interpretá-las obtendo os resultados.

Ao utilizar a abordagem sistêmica faz-se necessário o entendimento das inter-relações presentes nos fatores e os elementos da espacialidade geográfica para compor o sistema cuja análise segue a técnica quantitativa, conforme o esquema a seguir.



Organograma 3 – Nova Ramada espaço de produção no meio rural.

Org: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros, 2010.

Nova Ramada, como espaço de produção no meio rural, permitiu a seleção dos seguintes subsistemas e seus elementos:

1. Econômico: através de vínculos estabelecidos com o mercado, com a produção de alimentos, estabelecendo como destino desta produção o mercado local e regional.
2. Tecnologia: meios de produção, implementos agrícolas para o desenvolvimento da produção, promovendo o incremento das produções de forma mais rápida e eficiente, e verificando instrumentos de auxílio produtivo.

Tendo em vista a atender aos objetivos propostos através da abordagem sistêmica por meio dos subsistemas econômicos e tecnológicos, deve-se ter clareza da origem desta realidade que inicia na luta pela sobrevivência no campo, através da conquista da terra permitindo a ocupação de uma área que se transformou em uma espacialidade contendo atividades produtivas no meio rural e originando uma economia agropecuária, auxiliada por técnicas.

Ficou caracterizada a precisão da utilização da abordagem sistêmica para o desenvolvimento da investigação, pois, a partir dela pode-se verificar as relações existentes em Nova Ramada.

1.3 Procedimentos da investigação e coletas das informações

Dentre os procedimentos utilizados, iniciou-se pela revisão a literatura, onde buscou-se abordar os conceitos-chaves para auxiliar na investigação, como: conceitos de agricultura familiar, categoria de produtor familiar, assentamento, tecnologia, para se compreender o processo de formação e consolidação produtiva da espacialidade em estudo. Além disso, buscou-se compreender a gênese do movimento social do MST e a consolidação da reforma agrária, a partir de diferentes pontos de vista, bem como, evidenciar o contexto da agricultura e a influência da modernização que resultou no surgimento da técnica. Neste trabalho, proporcionado pelo referencial teórico, se apresenta a descrição do objeto de estudo, buscando alcançar a compreensão do processo que configurou o sistema e as interações que configuraram os elementos.

Desse modo, foram selecionadas duas etapas para os procedimentos de investigação. A primeira etapa constatou da coleta de informações direta, para alimentar os elementos dos subsistemas (organograma 1) que compõem Nova Ramada.

A partir da investigação de campo procurou-se reconhecer o objeto investigado e, também, realizar o levantamento de informações, mediante a utilização de questionários aos moradores da comunidade de Nova Ramada.

Nesta etapa, ocorreu o primeiro contato com os agricultores e foram realizadas entrevistas e coletados depoimentos junto aos mais antigos, obtendo-se a colaboração da população residente de Nova Ramada.

A coleta de informações, pertinentes ao conhecimento e entendimento dos subsistemas, obedeceu, em um primeiro momento, à investigação indireta.

Inicialmente os questionários foram realizados com a totalidade das famílias que possuíam sua residência no assentamento, sendo distribuídos sessenta e sete questionários. A utilização deste instrumento de pesquisa contou com o auxílio de questionários contendo questões abertas e fechadas, registradas em fotografias, procurando gravar os cenários visitados na espacialidade Nova Ramada.

Os dados fornecidos por informantes qualificados provieram de:

- sindicato dos trabalhadores rurais, onde foi realizada entrevista com o presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do Município, tratando da inserção produtiva de Nova Ramada.
- EMATER, órgão competente que possui maior ligação com estes produtores, contribuindo com diálogos e pertinentes informações sobre a área em estudo.

Esse procedimento ocorreu de forma direta, buscando-se mecanismos de subsídios para contemplar as investigações da área em estudo. Além destas informações, a investigação preliminar, por meio de questionários e diálogos, alimentou as análises qualitativas resgatando-se a realidade histórica, social e cultural, bem como a realidade ambiental que compõem a trajetória dos grupos familiares.

A abordagem sistêmica foi utilizada por meio do entendimento das partes, dos subsistemas determinados através da coleta de informações: levantamento socioeconômico e de produção. Além destas formas de coleta, obtiveram-se informações indiretas, por meio da literatura, utilizando-se autores que contribuíram para o embasamento teórico desta investigação.

Considera-se este procedimento adequado à compreensão do modo de ocupação e transformações de Nova Ramada.

1.4 Ferramentas de auxílio na investigação

Na interpretação dos resultados foram utilizados gráficos e ilustrações fotográficas, bem como, de descrições das análises e do auxílio de mapas identificando as cidades de procedência das famílias.

Os instrumentos utilizados no desenvolvimento da investigação possibilitaram analisar qualitativa e quantitativamente o sistema de produção Nova Ramada, bem como seus subsistemas e os elementos pertinentes à configuração de Nova Ramada como espaço de valorização humana e de produção no meio rural.

APORTES CONCEITUAIS DA INVESTIGAÇÃO

Neste capítulo são tratados os conceitos e definições-chaves constantes no estudo, bem como a inserção do movimento que permitiu os assentamentos, redimindo as desigualdades sociais. Igualmente apresenta o contexto do desenvolvimento da agricultura familiar e dos movimentos sociais como a reforma agrária e a luta pela terra.

A agricultura familiar tem consolidado sua presença no setor agrícola brasileiro, embora enfrente desafios os quais envolvem o conjunto produtivo do agrário nacional. Em decorrência desta realidade, evidenciam-se transformações nas espacialidades rurais procurando alcançar o nível de desenvolvimento que o meio rural brasileiro requer, utilizando-se das políticas setoriais.

Estudos realizados a respeito desta temática expõem a presença de modificações que se manifestam desde o último quartel do século XX. Contrastes sociais, econômicos e políticos são salientados nas relações de produção e de circulação das mercadorias pelos agricultores no meio rural.

A adoção de novos sistemas de produção, a condição da demanda e os meios de circulação, bem como os seus benefícios, auxiliam o processo de mudança e de consolidação da transformação, alçando o sistema rural para outro e novo patamar produtivo, determinando novas atividades que são introduzidas, sob matrizes de produção diferenciadas.

Neste contexto de mudanças, a agricultura familiar assume funções específicas e diversificadas no conjunto do processo produtivo e se transforma em suas funções, como a própria espacialidade em que está inserida. Hoje, sua principal função é a de produzir alimentos voltados ao abastecimento do local

(urbano) e, posteriormente, com o nível mais elevado, desenvolver a produção e atender à demanda do mercado externo (ABRAMOVAY, 1998).

É possível analisar a realidade na qual a agricultura familiar se desenvolve e realiza a produção atendendo à demanda regional, ora se adequando às exigências do mercado com relação às qualidades requeridas de um produto, ora atendendo à demanda por produção. Isto define que as atividades são ligadas ao mercado de acordo com o ambiente e comportamento do mercado. O uso de recursos técnicos, as adoções de tecnologias de produção, de tratamento e de circulação, conferidas à produção, se constituem em alternativas viáveis ao desenvolvimento da agricultura familiar.

Em espacialidades com a presença da agricultura familiar, o produtor rural e sua família estão inseridos no dia-a-dia da produção, do mercado e da circulação. Conforme as atividades desenvolvidas, os recursos emprestam significativo auxílio melhorando e aperfeiçoando a produção em seu todo. Assim, constata-se que a agricultura familiar possui movimento, ela procura novas alternativas e se aperfeiçoa para obter êxito na produção. No caso da agricultura familiar brasileira, marcada historicamente por apresentar processo produtivo e configuração espacial diferenciada e distinta, é possível identificar sua transformação, introdução de inovações tecnológicas e interações com o capital através da circulação, bem como de sua inserção em parcerias com o agroindustrial.

No sistema capitalista de produção, à circulação das mercadorias e o intercâmbio da produção são crescentes e se relacionam com o mercado consumidor, promovendo avanços nas atividades produtivas da agricultura, ligando-a à circulação da produção e promovendo a sustentabilidade do próprio sistema produtivista e capitalista.

2.1 A agricultura familiar brasileira

A agricultura familiar está presente em diferentes regiões do País e se distribui segundo a disposição das áreas rurais, de sua forma heterogênea e diversificada e da organização individual. Tendo em vista a sua origem, proveniente de culturas e técnicas, as atividades no campo denotam o emprego destes

conhecimentos que têm moldado as paisagens e suas formas de organização produtiva.

Em estudos analisando a agricultura familiar brasileira, Lamarche (1993, p.179) considera que “[...] A agricultura familiar foi profundamente marcada pelas origens coloniais da economia e da sociedade brasileira, com suas três grandes características: a grande propriedade, as monoculturas de exploração e a escravatura”. Este olhar de Lamarche sobre a composição do agrário brasileiro permite reconhecer os elementos básicos das formas de produção distinguidas no campo brasileiro.

A grande propriedade monocultora com exploração do trabalho escravo, caracterizadora da presença do *sistema plantation* na Colônia portuguesa, cuja tinha sua produção destinada aos mercados da Europa e era desenvolvida preferencialmente no litoral nordestino. A grande propriedade pecuarista era determinada pela necessidade de ocupação da terra e de conquista dos espaços livres, alargando as fronteiras do domínio português, como foi o caso do vale do rio São Francisco e dos Campos Neutrais no Extremo Sul, além do Domínio português. A agricultura familiar nasceu no processo Colonial responsável pela entrada de imigrantes europeus nos séculos XIX e XX, principalmente no sul do País (MIORIN,1989).

Hoje, as monoculturas de exploração, que se faziam pelo braço escravo no passado, como a cana-de-açúcar, café, cacau e algodão, impulsionam a evolução do mercado internacional e ocupam extensas áreas com alta produtividade e emprego de capital. Deve-se acrescentar a este conjunto de exportação a cultura da soja, desenvolvida no período da modernização da agricultura.

Na grande propriedade, se desenvolve com tecnologias o criatório de bovinos, equinos, suínos e ovinos, entre outros, sobre as áreas planas com domínio de pastagens localizadas em distintas regiões do País, servindo ao mercado interno e externo.

A presença de agricultores distribuídos pelas regiões do País desenvolve suas atividades através da força de trabalho familiar, podendo receber ajuda de vizinhos e em trabalhos de troca de serviços, para atender à subsistência e promover a produção de alimentos.

Este sistema produtivo vai se consolidando através do período colonial que se traduz pelo uso e envolvimento da família que é organizada pelo processo de

trabalho e de produção, assegurando a sua subsistência, a reprodução social e a economia sobre a terra que ocupa (SCHNEIDER, 2002).

A necessidade da produção para a subsistência ainda é realidade no campo brasileiro. Significativa parte dos agricultores familiares pertence a este sistema produtivo. De acordo com Brandenburg (1999, p.40) “não se pode separar o sujeito de sua história, sendo que o fruto de seu trabalho colabora não unicamente para o crescimento da economia, mas em primeiro lugar torna o indivíduo sujeito de sua própria história, bem como o seu modo de agir e pensar”. Para o autor, o agricultor familiar atua modificando o espaço e interagindo com o meio natural, social e cultural e se deparando com conflitos, ou, “restrições que poderão trazer dificuldades principalmente ao se colocar como ‘autor’ e não apenas como reproduzidor de relações sociais”. Seguindo o pensamento do autor, a agricultura familiar possui um caráter social, bem como se processa mediante a tradicionalmente empregada força de trabalho e por meio de laços de família.

Entendendo a existência deste caráter social no contexto do grupo familiar, o Estado desenvolve políticas de produção, auxilia na produção e estabelece preços aos produtos, considerando o estímulo e as necessidades de retorno financeiro mínimo ao produtor familiar. Assim se desenvolve a política de preços mínimos. Sobre estas relações, tem-se seguinte observação:

(...) o peso do Estado na consolidação da agricultura familiar como a base social do dinamismo do setor é fundamental interferência nas estruturas agrárias, na política de preços, determinação estrita da renda agrícola e até do processo de inovação técnica, formam o cotidiano dos milhões de agricultores que vivem numa estrutura atomizada onde, entretanto, o Estado tem influência maior que em qualquer outro campo da vida econômica. Não que a concorrência tenha sido abolida: ela opera, porém, num quadro de permanente organização pública dos mercados. (ABRAMOVAY, 1998, p.22).

O Estado possui influência na economia agrícola, verificando-se as relações estabelecidas com a agricultura familiar, através do beneficiamento financeiro e de incentivos para incorporação de mecanismos técnicos sofisticados, para que as produções sejam desenvolvidas com maior desempenho e venham a propiciar aos agricultores influências por esta estrutura.

O destino da agricultura familiar depende da interação do agricultor, sendo o ator desse processo, em busca de estratégias que desenvolvam ações para o

melhoramento do seu entorno. Através de estratégias tem-se; “A posição ante o futuro da agricultura está igualmente ligada de modo significativo, à estratégia familiar: os que fazem parte da tendência dominante exprimem sua confiança na capacidade de os próprios agricultores dominarem as regras do jogo [...]”, (LAMARCHE, 1993, p.69), na qual incluem-se a independência de órgãos governamentais e de políticas de mercado, visando políticas justas que atendam tais necessidades, para que possam se sobressair da margem de dependência e de influências nas relações e interações que passam a ser estabelecidos.

Com base nessa realidade, o Estado influencia as relações desde a história de sua organização e configuração, influenciando em suas organizações e produções de caráter regional, sendo essas produções voltadas à economia de mercado. Além de impulsionar o desenvolvimento agrícola, ele vem, com o tempo, modificando as relações e estabelecendo o processo produtivo, atendendo às necessidades advindas da exploração.

A origem colonial teria sido o elemento principal que desencadeou a subordinação dos agricultores, oriundos da agricultura familiar, à dependência do capital e a influências da grande propriedade. A terra como patrimônio, ferramenta de trabalho e também objeto de especulação, é uma propriedade fundiária familiar e tem sua importância vinculada à situação fundiária que norteia os agricultores. Eles dependem deste recurso para sobreviver e a produção desenvolvida no campo é desempenhada pelo produtor rural, possuindo um caráter social, bem como, é exercida através da tradicionalmente empregada mão- de -obra familiar, ou seja, de laços da família.

A agricultura familiar é fundamental ao abastecimento alimentar, possuindo atribuições a serem desenvolvidas na própria família. Diante desta realidade de relações interligadas de produção, tem-se a definição da agricultura familiar, conforme Lamarche (1993, p.104), “Tradicionalmente, a noção de agricultura familiar (ou de agricultura enquanto atividade familiar) repousa sobre a idéia de uma identidade entre família e exploração. A unidade de produção é uma família, ou seja, entre outras coisas, um grupo de trabalho no qual os membros estão unidos por laços de parentesco [...]”, fazem parte de um grupo que se compõe e se reconstrói sobre a base das relações estabelecidas pelos membros familiares.

Conforme expõe Lamarche (1993), sendo os componentes do trabalho familiar unidos por laços de parentesco, passando a se reconstruir através das

relações estabelecidas pela família, seu objetivo é desenvolver a produção para a comercialização. Estas as interações, nas quais, as atividades agrícolas se efetivam, estão consolidadas nas atividades exercidas pela própria família.

Referente à agricultura familiar, Tedesco (1999), descreve:

A Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação - FAO - e o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária - Incra (1996) definem a agricultura familiar com base em três características: a gerência da propriedade rural é feita pela família; o trabalho é desempenhado na sua maior parte pela família; os fatores de produção pertencem à família (exceção, às vezes, à terra) e são passíveis de sucessão em caso de falecimento ou aposentadoria dos gerentes. (TEDESCO, 1999, p.62).

As unidades de produção agrícola se fazem presente nas relações econômicas conforme Lamarche (1998, p.237), "Cada unidade de produção agrícola familiar está inserida numa rede de laços, unindo-a com a economia global. [...]” O indicador de interações econômicas tende à inserção das unidades de produção da agricultura familiar.

Evidencia-se que cada unidade familiar é realizada nas produções agrícolas, possuindo suas particularidades e estabelecendo interação com a economia global, de acordo, com o caráter de cada unidade de produção familiar. Sendo que sua inserção está sujeita à produção, ou seja, à capacidade de produção de cada unidade agrícola familiar. Visa-se inserir na economia do País as diversas formas de organização produtiva.

As diferentes relações que configuram a agricultura familiar, são estabelecidas nas definições de Tedesco (1999):

A lei nº4 504, de 30 de novembro de 1964, citada por Oliveira (1996) e Borges (1996), define que a propriedade familiar é o "imóvel que, direta e pessoalmente explorado pelo agricultor e sua família, lhes absorva toda a força de trabalho, garantindo-lhes a subsistência e o progresso social e econômico, com área máxima fixada para cada região e tipo de exploração, e eventualmente trabalhado com ajuda de terceiros". (TEDESCO, 1999, p.63).

Evidenciam-se, deste modo, as atividades realizadas de forma direta, com os grupos familiares desempenhando suas funções, que vêm se propagando ao longo da história, cuja finalidade é desenvolver as atividades agrícolas, dependendo da inserção produtiva que estabelece e da capacidade de escoamento da produção.

O papel da terra como meio de produção é direcionado ao abastecimento alimentar das famílias, por meio das produções de alimentos. Compreende-se a importância dessa realidade através das palavras de Veiga que diz: o “Fortalecimento da agricultura familiar indica crescimento agrícola com redução da pobreza [...]”. (VEIGA, 2000, p.119).

A necessidade de bases, para desenvolver as produções de alimentos no campo, é evidenciada pela falta de condições e deve-se levar em consideração as formas como ela se organiza. Com efeito, a existência de aspectos próprios de cada família, como a terra e a organização da mão-de-obra, remetem a diferentes formas de tomar as decisões e organizar a produção e o trabalho (COLE, 2003). Para obter êxito no que se produz, são necessários recursos que viabilizem o desenvolvimento das atividades provenientes da agricultura familiar.

O modo de organização da agricultura familiar e o processo que gerou a base econômica do País, estão organizados no meio rural e dependem das condições presentes neste meio. Apresentam formas de produção diferenciadas e condicionadas aos fatores físicos; dependem das condições do solo, clima, temperatura, das condições do relevo e das condições naturais dispostas no meio ambiente. Sendo assim, beneficiam o desenvolvimento das atividades agrícolas desempenhadas pelos agricultores, dependendo da disposição e configuração desta espacialidade rural. As relações sociais, políticas e econômicas, estão configuradas, de forma individualizada, de acordo com a realidade de cada grupo familiar que é dependente de tais fatores para vir a desenvolver suas produções.

As relações e diferenciações, no meio rural, do desenvolvimento das atividades produtivas, têm evidenciado seus condicionantes, que influenciam nas atividades ligadas à agricultura familiar e fazem parte de uma rede de relações que contribuem para o desempenho das atividades exercidas no meio rural.

A agricultura familiar estabelece relações entre os grupos familiares que passam a desenvolver suas atividades estabelecendo contato com o meio físico e com elementos ambientais que a compõem. Deste modo, tem-se; “O processo de trabalho na agricultura envolve uma interação contínua entre a força de trabalho e os objetos de trabalho. Todavia, a especificidade da agricultura surge do fato de que os objetos de trabalho se compõem de organismos vivos como o gado, os cultivos, as árvores e o solo [...], (COLE, 2003, p.126), através dos quais podem ocorrer

interação de interdependência entre os membros reprodutivos do próprio ambiente, onde os grupos familiares estão presentes.

Tendo em vista a presença do agricultor como agente principal na consolidação de relações com o meio ambiente físico, através da produção de alimentos, ele passa a desenvolver seu trabalho resultante de interdependências dos elementos que o compõem. Os agricultores familiares identificam-se através das atividades agrícolas realizadas, transformando seus arredores e agindo socialmente. Possuem um papel fundamental no campo, buscando novas adequações para desempenhar suas funções, sendo os sujeitos deste processo criado por sua trajetória. Assim, passam a construir sua identidade, como agricultor familiar e agente de transformação da espacialidade rural.

O que levou Lamarche (1993, p.219) a definir a categoria de produtor rural, dizendo que; “[...] A categoria de produtor rural define-se fundamentalmente pela oposição à de assalariado ou, ao contrário, à de grande proprietário ou de empreendedor agrícola”. Ser produtor rural é atribuição dada aos agricultores, por desempenharem papéis diferenciados, tendo em vista as condições de cada produtor rural e da capacidade de desenvolver sua produção, bem como das funções que exercem e que são especialidades do próprio produtor rural.

O pequeno produtor se integra à realidade da agricultura familiar que, muitas vezes, advindo do minifúndio para seguir e obter êxito através da agricultura, insere-se no mercado, sendo uma alternativa viável ao pequeno produtor para introduzir-se no molde econômico a que está subordinado para, através dele, inserir-se economicamente. Verifica-se esta realidade para atender às necessidades básicas do produtor rural. Significativa parcela de produtores rurais familiares busca aperfeiçoamento e assistência através de técnicas sofisticadas para auxiliá-lo no desenvolvimento das atividades e para se sobressaírem no desempenho de suas produções. Através da venda do excedente dessa produção, adquirem uma posição significativa, em relação ao mercado.

Por meio das alternativas de produção de alimentos procuram elevar a obtenção de renda e obter melhores condições de vida, porém, isto depende da inserção econômica que dispõem. Sendo assim, existem diferentes níveis sociais no campo, desempenhando atividades ligadas à agricultura familiar. As mudanças a que o produtor se submete são resultantes de contrastes oriundos das transformações do mercado, pois, a agricultura familiar permite flexibilidade de

mudanças na produção em obediência às necessidades exigidas pelo mercado globalizado.

A partir desta realidade presente na agricultura, o produtor familiar determina a produção e a orienta no sentido de atender a demanda dos mercados que na verdade atendem ao consumo das populações. Deste modo, percebe-se a importância da inserção nos mercados como garantia de obtenção de renda que irá possibilitar o atendimento de outras necessidades familiares, além aquelas oriundas do trabalho na terra e em prol da obtenção de alimentos.

Normalmente, o trabalho familiar destina-se ao consumo interno e o seu excedente de produção atende as demandas do mercado local. Quando possível, estabelece interações com os mercados regionais e, até mesmo, o mercado nacional.

Quando a produção alcança novos mercados e é levada a distâncias maiores, ocorre o processo de transformação na técnica de produção visando o aumento da produtividade. A presença de mecanismos técnicos que contribuem para o desenvolvimento da produção da agricultura familiar, auxiliando as atividades, melhora as formas de trabalho, de produção e garante a reprodução familiar devido ao aumento de produtividade e, portanto, de mais oferta de produto em quantidade e variedade no mercado. Assim se organiza a moderna agricultura familiar no processo de globalização.

A trajetória da agricultura familiar até alcançar sua consolidação produtiva não ocorre do mesmo modo entre os agricultores rurais, pois nem todos se inserem nesta realidade. Segundo Lamarche (1998): “A reprodução da agricultura familiar, sobretudo num país com uma história como a do Brasil, sempre esteve associada às lutas dos próprios agricultores”, sendo que, segundo o autor, as políticas agrícolas tornam-se necessárias nesse processo, porém, o Estado se faz presente, diante de medidas assistencialistas que desenvolve, reproduzindo a miséria social da população rural.

Os agricultores agem e estabelecem interações oriundas de técnicas para desenvolver a agricultura familiar por meio da força de trabalho realizada e da utilização de mecanismos. Eles também contribuem para o desenvolvimento das atividades de produção beneficiando-se, neste momento, da conjuntura política de orientação dos mercados e do abastecimento, a qual recomenda a inserção dos

produtos da agricultura familiar. Destacam-se as dúvidas levantadas por Lamarche (1998):

Podemos então nos perguntar em que medidas esses produtores familiares brasileiros prefiguram a forma social de produção do futuro, isto é, o modelo mais apto a responder às necessidades da sociedade brasileira. Não seria apenas uma situação conjuntural, que desaparecera com o tempo em proveito dos modelos clássicos do tipo empresa caso a sociedade brasileira evolua para um capitalismo cada vez menos dependente, ou do tipo camponês no caso de uma evolução recessiva? Tudo depende do progresso econômico destes próximos anos e da capacidade do Estado brasileiro de dotar-se de uma política agrícola e de impô-la aos diversos parceiros sociais. (LAMARCHE, 1998, p.332).

O contexto atual da agricultura familiar brasileira é proveniente do processo de modernização, sendo assim, resultante de novas exigências quanto a variedade da produção e sua quantidade de acordo com as demandas dos mercados, bem como do produtor rural familiar, que deseja espaço no mercado nacional, como entende Lamarche (1998) ao afirmar que não é desprezível na sociedade a especificidade dos mecanismos de funcionamento de uma unidade de produção familiar. Ela possui especificidades de trabalho e de adaptação à realidade, de acordo, com a capacidade produtiva que pode desenvolver em sua unidade familiar.

A produção familiar também sofre influências da realidade e, principalmente, da indústria quando dedicada à transformação de produtos oriundos da produção no meio rural.

A presença de indústrias do tipo agroindústrias tem influenciado na produção e na utilização de recursos técnicos junto aos pequenos produtores rurais de trabalho familiar, influenciando na aquisição de tecnologias para os trabalhos no meio rural, favorecendo a interação com as agroindústrias que costumam estabelecer relações de “parcerias” com as unidades familiares de produção, ou seja, com a agricultura familiar, como é o caso dos frigoríficos de produção de frangos e derivados, bem como dos laticínios de produção de leite e derivados.

A partir do ano de 1960, novos equipamentos para desenvolvimento da produção agrícola foram surgindo, juntamente com a inserção do processo de modernização da agricultura adotado e difundido pelas políticas voltadas para o aumento de produção e do abastecimento no Brasil. Nos primeiros momentos desta política houve favorecimento dos produtores rurais, inclusive dos pequenos produtores, a despeito das facilidades de aquisição de equipamentos como insumos

e maquinarias, permitindo a diversificação das atividades para facilitar o trabalho no campo. Favorece, deste modo, a obtenção de maior produtividade, possibilitando lucro e rendimento na produção. Em sequência, a agricultura familiar passou a registrar perdas de sua identidade de origem e de tradições.

De acordo com Silva, (1999, p.90) “a estrutura e a evolução do setor rural na década de 70 refletem, de forma clara, uma nova dinâmica do período recente: uma dinâmica que não pode mais ser apreendida a partir dos mecanismos internos da própria atividade agrícola [...]” ou seja, entender a produção e sua circulação nos mercados observando-se apenas as formas de utilização da propriedade do solo como base técnica para desenvolver a produção, os mercados e seus segmentos como destino da produção.

As relações entre economia e agricultura são importantes na organização da produção e no estabelecimento das relações sociais. A adoção de tecnologias nas atividades promove mudanças nas relações culturais e, também, nas relações econômicas. Ocorre substituição das atividades tradicionais no desenvolvimento da produção, frente a novas atividades agrícolas surgidas e provocadas pelas mudanças também presentes no escoamento do produto.

A nova realidade pode ser verificada por meio das contradições encontradas e percebíveis entre os produtores detentores de poucos recursos, como é o caso dos produtores da agricultura familiar que procuram atender aos mercados sem ter recursos financeiros e suporte técnico.

O modelo de modernização capitalista de agricultura, aliado ao avanço das hidrelétricas no sul – com a desapropriação de terras agrícolas sem efetivar as devidas indenizações - aliado à política de partilha da terra não inferior ao menor módulo rural vigente da área, teria contribuído para o processo de proletarização do homem do campo e elevado o número de trabalhadores assalariados. (SILVA, 1999).

Lamarche (1993) pondera sobre os fatores agravantes que se percebe de forma direta no meio rural, sendo o trabalho assalariado o mais evidente, segundo o autor: “As variações na utilização do trabalho assalariado constituíram o tempo todo um obstáculo à análise que incidisse na capacidade de produção capitalista de suplantar pouco a pouco a agricultura familiar” (LAMARCHE, 1993, p.56), pois a família no meio rural esta subordinada a este tipo de produção.

O autor ainda enfatiza esse contexto, a partir das questões referentes às modificações do perfil técnico da agricultura brasileira, cuja realidade evidencia-se pelos baixos níveis de produtividade de maneira parcial e, em segundo plano, a questão social, a qual se traduz pela distribuição de renda e marginalização da população rural, expulsão dos indivíduos aumentando o subemprego e o desemprego resultantes das desordens sociais. Observam-se, também, outros fatores resultantes do trabalho na agricultura familiar, tais como: arrendamentos das propriedades devido à falta de condições de produção, êxodo rural e exploração através da disponibilização de excedente de força de trabalho.

As vias de modernização também proporcionaram o avanço tecnológico em desfavor do emprego nas atividades rurais, o homem substituído pela máquina. Deste modo, ampliaram-se as contradições e a organização das atividades baseadas no padrão tecnológico de máquinas e mecanização permitiu a acumulação, através da poupança de salários e de economia com despesas sociais. Este novo padrão também trouxe fatores negativos para o ambiente e a sociedade, a ponto de ser interpretada no desempenho das atividades da agricultura de acordo com Silva (1999) da seguinte forma:

Tecnologia é, portanto, uma relação social e não um conjunto de “coisas”, como poderíamos pensar ao olhar as máquinas, os adubos químicos, as sementes, etc. A tecnologia é o conjunto dos conhecimentos aplicados a um determinado processo produtivo. Ora, sabemos que, no sistema capitalista, o objetivo da produção é o lucro, portanto, a tecnologia que lhe é adequada é aquela que permite gerar mais lucros. (SILVA, 1999, p.16).

Existem as técnicas de ponta para o desenvolvimento das atividades que, segundo Lamarche (1998), geram dependências externas, sendo técnicas cada vez mais intensificadas e sofisticadas. As inovações, para desenvolver as atividades da agricultura familiar, modificam-se com o tempo e ganham novos significados.

Os agricultores são os agentes do processo de desenvolvimento produtivo, influenciados pelas técnicas e políticas de financiamentos, possibilitando, por vezes, investimentos na compra de terras, materiais pesados, tratores e incorporações de diferentes culturas. Compreende-se, deste modo, a cadeia de relações produtivas modificada com o tempo, o surgimento de novas articulações e outras configurações nas espacialidades.

Para o autor, tais mudanças contêm dupla articulação: “[...] primeiramente, ela se restringe aos limites das condições gerais da produção, com seus imperativos técnicos e econômicos; em seguida ela se modifica com a ‘idade’ da exploração animada pela dinâmica interna da troca de gerações” (LAMARCHE, 1993, p. 56) e com as necessidades que vão surgindo, passa a existir, também, um novo aperfeiçoamento dos mecanismos que viabilizam a produção.

O desencadear dessas funções viabilizadas pelas técnicas e o desempenho das funções familiares, agrícolas ou não, geram desenvolvimento e ampliação da agricultura, por influência da tecnologia empregada e do próprio mercado. Faz-se necessário, segundo esta dinamização, que mecanismos modernizantes sejam utilizados no desenvolvimento das diferentes produções, para que se obtenha maior vantagem produtiva. Levado ao mercado, este modelo de produção gera dependência comercial e acarreta o controle da produção pelo mercado.

A mercantilização, presente no meio rural, promove, por vezes, a manutenção das unidades de produção, como se refere Gazella (2004):

A mercantilização da agricultura familiar é definida como um processo social no qual o mercado se apresenta como esfera primordial e organizadora da reprodução social dos agricultores familiares. Este é, na atualidade, a instituição que, em grande medida, governa a produção e a reprodução da agricultura familiar moderna. Deste modo, esta só pode ser entendida nas sociedades contemporâneas se for compreendido o caráter, a lógica e a integração que esta forma social de produção e trabalho se submete aos circuitos mercantis que se colocam de forma impessoal, heterogêneas e como condicionantes da manutenção e sobrevivência de muitas unidades de produção. (GAZELLA, 2004, p.30).

O destino do excedente de produção que se dirige aos mercados passa à circulação e promove as interações crescentes que a agricultura familiar possui com o mercado, propiciando a presença de circuitos mercantis diferenciados de acordo com a realidade heterogênea das unidades de produção.

A inserção produtiva das unidades de produção auxiliadas pelos mecanismos de produção, desempenhados pelos agricultores, impulsionam o desenvolvimento econômico em variadas escalas de tamanho da unidade produtiva, de produção e do próprio mercado. “Assim, a agricultura moderna (ou modernizada) é a fase agrícola que se caracteriza pelo uso intensivo, em nível das unidades produtoras, de máquinas e insumos modernos” (GAZELLA, 2004, p.47-48), bem como a

incorporação de técnicas para a implementação, possibilitando o crescimento das interações com o mercado, através do aumento produtivo.

Existem, no entanto, as técnicas de ponta para o desenvolvimento das atividades que, segundo Lamarche (1998), geram as dependências externas, sendo, estas, cada vez mais sofisticadas. Deste modo, as inovações presentes no setor agrícola, possibilitam novas articulações, desencadeando, no meio rural, crescentes relações nas atividades agrícolas destinadas ao mercado.

A realidade que se confirma no meio rural, originada por mudanças decorrentes do aprimoramento das técnicas de produção no desenvolvimento das atividades, gera consequências aumentando as desigualdades, liberando a força de trabalho que não dispõe de benefícios para se inserir no sistema capitalista globalizado e, em decorrência ocasionando diversas inquietações sociais.

As relações se estabelecem de forma diferenciada em termos de benefícios aos produtores através de incentivo, aumentando as condições para impulsionar o desenvolvimento da produção. A diversidade de produção resulta no desenvolvimento e exploração da agricultura familiar, diferindo-se da capacidade produtiva e circular sua produção.

Diante desse contexto com a presença de inovações, a agricultura familiar se modifica e ganha novos significados ao se adequar a esta nova realidade que permeia as relações familiares, estimulando o desenvolvimento satisfatório da produção de alimentos.

As diferentes maneiras de desenvolver a produção de alimentos, somadas aos desafios vivenciados pelos agricultores brasileiros e relacionadas com a diferenciação de uso da terra e da força de trabalho empregada, são ações que pertencem à estratégia familiar. Em obediência às leis de mercado, procura-se sobressair com alguma produção que assegure a produção e a reprodução, bem como o desenvolvimento da produção, para que torne a atividade rural viável aos produtores familiares e à continuidade de suas vidas, conforme Lamarche (1993):

Estratégias familiares são respostas dadas por cada família a fim de assegurar ao mesmo tempo a sua própria reprodução e a de sua exploração. Poder-se-ia dizer, simplificando, que o grande desafio dos agricultores brasileiros consiste em garantir um espaço aos numerosos "herdeiros", um lugar de trabalho (muitas vezes a própria exploração familiar), sem que isso se torne técnica e economicamente inviável. (LAMARCHE, 1993, p.205).

As estratégias familiares possibilitam a integração ao sistema vigente de produção voltada à exploração e ao suprimento das necessidades, bem como, a garantia do futuro e continuidade dos grupos familiares no meio rural. A realidade da agricultura familiar é marcada pelos fatores técnicos, sociais, culturais e econômicos. É de suma importância o desenvolvimento das atividades produtivas, bem como das formas de trabalho, pois delas depende a reprodução familiar.

As relações que unem o agricultor com a terra, na verdade, são interações inerentes e resultam das relações de primeira natureza como bem descreve Claval (2001) e a qual Santos (1978) enfatiza em suas primeiras obras no Brasil. Eles colocam e analisam o homem diante da natureza, neste caso o ambiente agrário, diante da importância da terra, como patrimônio de vida, recurso de trabalho e também objeto de especulação.

A terra, ao se tornar objeto de especulação, pode gerar conflitos, principalmente no momento em que muitos excluídos dela clamam por trabalho e por condições de sobrevivência. Nestes momentos, se aliam aos movimentos sociais, que procuram atender a estas necessidades, pois buscam, por meio de políticas públicas, a satisfação de tais inquietações através do acesso aos bens de produção e de vida a todos os filhos de uma pátria-mãe.

2.2 Os assentamentos rurais como um processo de retorno do homem ao meio rural

Os assentamentos, hoje, assumem importante significado e se constituem na espinha dorsal do retorno do homem ao meio rural, como cidadão produtivo, e determinam as novas possibilidades de organização da população rural envolvida em questões emergentes, como é o caso da luta pela terra como estratégia de ampliação da agricultura familiar brasileira.

A persistência de muitos conflitos de ordem social, presentes no campo, onde se observa a presença de desigualdades, gerando mobilização para reivindicar direitos sociais e políticos, possui abrigo nos movimentos sociais. Segundo as concepções de Brandão (2005): “No seu todo, o ‘movimento’ dos novos movimentos sociais tende a criar horizontes e vocações de alianças e lutas sociais convergentes.

No entanto, a regra geral é a de uma forte individualização de vocações e um forte apelo a uma militância de identidades” (BRANDÃO, 2005, p.116), percebe-se que os movimentos sociais, em geral, são identificados através de suas analogias, pois possuem características sociais semelhantes e buscam lutar por direitos comuns.

A partir dessa realidade foram surgindo mudanças e inquietações, através de manifestos oriundos de movimentos sociais, nos quais se evidenciam os motivos que impulsionaram os problemas que levaram à luta pela terra. Estes, por sua vez, decorrem de várias causas, entre elas têm-se as mudanças técnicas resultantes da modernização da agricultura, trazendo o êxodo rural, que intensificou os conflitos sociais e acentuou os problemas rurais e urbanos, levando as populações reprimidas a se unirem em movimentos sociais com objetivos comuns devido à igualdade de condições.

Através do movimento de Reforma Agrária, que visa atender às necessidades da população assentada e dos que estão nos acampamentos, os trabalhadores rurais procuram lotes de terra para desenvolver atividades produtivas. Eles necessitam, também, de recursos para melhoramento das condições de vida, conforme expõe Silva (1990): “A Reforma Agrária é para os trabalhadores - rurais uma estratégia para romper o monopólio da terra e permitir que possam se apropriar um dia dos frutos de seu próprio trabalho” (SILVA, 1990, p.93), os trabalhadores rurais, por sua vez, visam intervenções na organização social a procura por direitos e deveres comuns para o melhoramento da coletividade. “[...] a Reforma Agrária é hoje- mais do que nunca - uma questão eminentemente política” (SILVA, 1990, p.105), não objetivando aumentar a produção, mas obter maior rendimento e valorização de sua produção, que seja satisfatória, propiciando melhoramento das condições de vida das famílias.

Observa-se que a questão da distribuição de terra, ocupação e organização se apresentam de forma diferenciada no País. Visa-se amenizar os problemas agrários existentes, através da distribuição de terras, sendo que a estrutura organizacional dos assentamentos disponibilizados se apresenta de modo distinto, de acordo com as formas de organização, social, econômica e política.

Nota-se a falta de alternativas a cumprirem com a função social. A luta por terra, pela reforma agrária, não passa apenas pela distribuição de terra, mas vai mais além, na direção da construção de novas formas de organização social que possibilitem a (re)conquista da terra, de trabalho e da propriedade familiar

(FERNANDES, 1996). Procuram, também, a transformação através de melhoramento de condições e incentivos para permanência no ambiente rural.

Conforme Medeiros (1999, p.16) “como vem sendo fartamente apontado pela literatura, é muito grande a diversidade de situações que aparecem, nos discursos governamentais, classificados como assentamento de “reforma agrária”, conforme esta afirmação, percebe-se o quanto é comum, em argumentos políticos, a prioridade da aquisição de terras e da necessidade de assistência após a disponibilização de terras e das melhores condições de vida para a população assentada, porém não se evidencia esta presença nas questões agrárias.

Entretanto, nos assentamentos, tornam-se necessárias acessibilidades de condições para melhorar a produção e gerar estabilidade econômica dessas populações, através da necessidade de reforma no campo, para atender os anseios da população que ali se localiza.

Embora necessário, apenas assentar e dar a terra não é suficiente no processo de Reforma Agrária, sem antes resolver a questão da assistência técnica, da educação, saúde, da inserção de novas atividades, da introdução do produtor ao mercado consumidor, da garantia do escoamento da produção e de saneamento básico entre outras assistências.

As conquistas da terra pelos trabalhadores rurais, através da consolidação dos assentamentos, visam compreender esta realidade presente, oriundas das inquietudes resultantes da desigualdade de condições para o desenvolvimento produtivo, enfrentada pelos grupos familiares envolvido neste processo.

Conforme coloca Veiga (2000), expondo esta realidade:

Para o processo de desenvolvimento rural brasileiro, as atuais ações de assentamentos, erroneamente chamados de reforma agrária, por si não passam de gotas no oceano. Mas poderão deixar de sê-los, se devidamente articuladas a um amplo programa de fortalecimento da agricultura familiar, voltado às cidades de médio porte, e claramente orientado para a pluriatividade intrínseca à terceira geração do desenvolvimento rural. (VEIGA, 2000, p.197).

A realização de reformas no campo é fundamental, desde que vise o bem estar da população, ampliando alternativas para amenizar as desigualdades existentes e oportunizando, ao pequeno produtor, a sua inserção no mercado, por meio de seu desenvolvimento produtivo. Visa-se a melhoria das condições das

famílias na questão social, assim como, o melhoramento das condições de vida destes cidadãos.

No entanto, sendo fundamental, esta valorização não se restringe apenas à distribuição de terras, mas conduz a população rural à valorização de suas identidades como pequeno produtor, mediante o desenvolvimento das atividades agrícolas, promovendo a preservação e conservação dos espaços naturais, a partir de maior conscientização.

Evidencia-se que:

A reconquista da terra pelos trabalhadores é compreendida a partir de sua organização e luta no interior dos processos contraditórios e desiguais do capitalismo, ou seja, o processo de territorialização do capital monopolista na agricultura e o processo de monopolização do território pelo capital monopolista. (FERNANDES, 1996, p.15).

Compreende-se, na idéia do autor, a presença de fatores contraditórios nos processos que são estabelecidos na agricultura, mediante as influencias do capitalismo. Porém, existem outros fatores que se evidenciam após a realização desta reconquista da terra que podem ser determinados pelas assistências e pelos recursos, atendendo aos trabalhadores possuidores da terra.

Compreende-se, a partir da satisfação dos objetivos, que a procura pela cidadania está presente na sociedade, segundo Andrade (1997, p. 40) “[...] A obrigação da cidadania implica um comprometimento com a verdade, com a justiça e com o bem comum; com a procura da solução de problemas que não beneficiem apenas a alguns, mas a todos ou a maioria, pois, sem ética, não há ciência”, visando direitos comuns e organização social através da justiça e consciência da coletividade ao acesso aos bens, serviços e igualdade de condições para a concretização desta cidadania.

Conforme Medeiros (1999) verificam-se os percalços sociais decorrentes da estrutura dominante em relação a políticas referentes à agricultura e aos agricultores:

[...] Entre 1978 e 1984, cabe ressaltar, a conjuntura política mostrou-se fortemente favorável à regionalização de agricultores sem acesso à terra ou com parcelas diminutas de terra, em especial devido à intensa legitimação oferecida pelos setores “progressistas” das Igrejas Católica e Luterana, no estado e, é claro pela “sensação”, então dominante, de erosão do controle

social exercido pelo último mandatário do ciclo militar, acompanhado do processo de "abertura democrática. (MEDEIROS, 1999, p.35).

Evidenciam-se, deste modo, as conjunturas políticas e econômicas que marcam a história apresentada no processo de consolidação dos assentamentos rurais, em que se deu a formação de Nova Ramada, marcados por relação e acessibilidade na terra.

O Estatuto do Trabalhador rural reconhece o agricultor como uma categoria de ordem social, na qual se estabelecem relações entre políticas de ações do governo, para o desenvolvimento do campo. Analisam-se estas ações sociais que resultaram em discussões de espaço entre a sociedade e coube ao Estado, como aglutinador, a reorganização das diferentes estruturas e categorias sociais. A construção de novos mecanismos passam a fornecer instrumentos, créditos e incentivos fiscais, buscando organização social de igualdade de condições.

A sociedade civil é importante nesse contexto, para buscar melhores condições de vida e, através da gestão pública, alcançar a concretização das mudanças necessárias. Os movimentos sociais, no caso do movimento social dos trabalhadores rurais sem-terra (MST), que possuem interação com a sociedade, buscam o acesso à terra, aos recursos e à assistência. Mediante a reivindicação e por meio de ações coletivas, procuram alterar a legislação brasileira, arcaica e espoliativa, que não assegura condições humanas a seus filhos (brasileiros comuns) desprovidos de recursos financeiros, e as novas políticas públicas, que tratam destas necessidades de distribuição de terras. Juntamente com a coletividade, eles possuem interesse e estabelecem os meios de reivindicarem o que lhes é de direito como brasileiros.

Através desta trajetória e dos novos cenários surgidos e ainda, segundo Fernandes (2000, p. 28-29), a realidade histórica marcada por conflitos por terra, tem mudado a fisionomia da paisagem agrária brasileira:

Desde o final do século XIX e todo o século XX, a história registrou diversas guerras e lutas de resistência do campesinato brasileiro. Uma condição para a existência do trabalho livre no Brasil foi a criação da propriedade privada da terra, circunstâncias essenciais para o desenvolvimento do modo capitalista de produção. Com a Lei da Terra de 1950, intensificou-se o cerco às terras, bem como a grilagem e a expropriação dos posseiros. (FERNANDES, 2000, p. 28-29).

Conforme Oliveira (1991, p.22): “Para entendermos o campo no Brasil, seus conflitos e a luta pela terra, temos, também, que compreender que a economia brasileira hoje está internacionalizada, e que isso é uma característica ímpar do capitalismo: ter nascido contendo virtualmente a sua mundialização”, impulsionando, dessa forma, as desordens existentes no campo.

Analisa-se essa conjuntura política e social que se apresenta em desordem no campo, passando por processos contraditórios ao modelo capitalista imposto, resultando em transformações sociais, buscando, por meio, da conquista da terra, uma nova ordem social. O surgimento deste movimento social no centro-sul se evidencia conforme descreve Fernandes (2000, p.50): “A gênese do MST aconteceu no interior dessas lutas de resistência dos trabalhadores contra a expropriação, a expulsão e o trabalho assalariado. Sendo ações que se originaram nesse movimento social. Segundo o autor “[...] O movimento começou a ser formado no Centro-Sul, desde 7 de setembro de 1979, quando aconteceu a ocupação da gleba Macali, em Ronda Alta no Rio Grande do Sul [...]”, evidencia-se a inserção deste movimento social, que foi se estabelecendo e se consolidando, por meio de ações, para reivindicar direitos sociais no meio rural.

O Estado, por sua vez, favorece políticas agrícolas e benefícios para concretizar este processo que é contraditório e hegemônico, e que não engloba a grande maioria da população rural, tornando-a excluída.

A realidade do campo brasileiro se encontra em transformação e está marcada por processos de mudanças referentes à propriedade fundiária, na qual há desigualdades. Formam-se classes distintas no campo, exigindo ações diretas e rápidas, porém muitos governos não direcionam suas ações para esta questão que, por ser polêmica e conter uma forte ordem social, envolve as relações políticas governamentais. Como resultado busca-se artifícios no meio rural, setor agrícola e legislação, capazes de amenizar as disparidades de forma a permitir os assentamentos rurais.

De acordo com esta realidade tem-se, nos autores trazidos por Tedesco (1999), o surgimento do termo assentamento:

Nesse sentido, segundo Bergamasco e Norder (1996), o termo *assentamento* começou a ser utilizado a partir do final da década de 1950 e início da de 1960, quando algumas políticas fundiárias começaram a ser implantadas em resposta às intensas mobilizações sociais no campo que se

difundiam por quase todo o país, mas que, em seguida, foram reprimidas pelos governos militares e só retornaram a partir da segunda metade da década de 1970. (TEDESCO, 1999, 261-262).

A satisfação de melhoria nas condições de vida e de produção, bem como, do acesso à terra, buscam, através dos assentamentos rurais, resolver de vez tais contradições. A luta pela sobrevivência, alcançada e resolvida, social, econômica e politicamente devido à disponibilidade de terras, tem-se concretizado nos assentamentos que ao emitirem as famílias no meio rural permitem a solução, a longo prazo, das necessidades básicas de sobrevivência. Assim se pode entender os assentamentos rurais presentes no Rio Grande do Sul, (MEDEIROS, 1999).

Nova Ramada, antigo assentamento da Ramada, hoje se constitui na área de estudo deste trabalho. Ela surgiu a partir das inquietações dos grupos sociais excluídos do meio rural e que buscavam espaço na sociedade produtiva.

A população, por meio da disponibilidade de terra, tornou-se assentada, visando consignar a sua produção para o abastecimento desta realidade. Isto marcou uma fase histórica, vivenciada por muitos assentados, entre eles os grupos familiares de Nova Ramada, cujo objetivo maior era a conquista pela terra através do assentamento rural, passando, a partir dele, a atender às suas necessidades de sobrevivência, até chegar à consolidação produtiva e ao desenvolvimento.

Obviamente, enfrentaram-se inúmeras dificuldades, sociais, políticas e econômicas. Conforme descreve Medeiros (1999):

“Até meados de 1987, a luta pela terra, no Estado, seria conformada e determinada pelas particularidades do acampamento na Fazenda Annoni. Trata-se de uma longa trajetória envolvendo ações de repressão militar, embates legais, uma desgastante e ineficaz seqüência de negociações com autoridades estaduais e federais” [...]. (MEDEIROS, 1999, p.37).

Através da ocupação têm-se novas necessidades e buscam-se novos anseios e oportunidades de conquista da terra, à população que vive em assentamentos. Seu objetivo primordial é desenvolver atividades agrícolas, tendo a produção de alimentos como a base do sustento das famílias assentadas. Além do assentamento em estudo, verifica-se a existência de diferentes locais onde se estabelecem assentamentos rurais oriundos desta realidade.

De acordo com Tedesco (1999), os assentamentos rurais existentes, na época, eram resultantes da conquista da terra através da luta intensa dos

trabalhadores rurais, filhos de pequenos agricultores, arrendatários, posseiros, meeiros, atingidos por barragens, afogados e filhos de afogados, empregados rurais, expropriados da terra, etc. A realidade que constitui a origem dos trabalhadores rurais, que é a busca pela consolidação do assentamento rural, já possuía interação com a terra, sendo todos filhos de agricultores, buscando por meio da conquista da terra, retornarem a ela.

A presença dos assentamentos rurais contribui para acentuar as modificações nestas estruturas da produção, promovendo a sociedade em geral. Conforme Medeiros (1999), a formação dos assentamentos requer muitas ações do poder público, pela busca de melhoramento das condições das áreas disponibilizadas.

A consolidação dos assentamentos depende de assistência para a população que necessita de recursos para o desenvolvimento produtivo, a partir da intervenção pública, tendo em vista melhores condições de habitação e assistência, bem como saneamento básico. Os estabelecimentos nos assentamentos rurais requerem estabilidade e adequada qualidade de vida.

A obtenção de terra visa atender à população rural que não dispõe deste benefício. Porém, persistem novos desafios como coloca Medeiros (1999) ao se referir às políticas do poder público como: “A criação dos assentamentos também tem colocado constantes desafios, para a esfera local do poder público, na medida em que a ela cada vez mais dirigem, reivindicações ligada principalmente à infraestrutura básica [...]” (MEDEIROS, 1999, p.10), reforçando as necessidades de assistência aos assentados.

FORMAÇÃO SOCIOESPACIAL DO MUNICÍPIO DE JÚLIO DE CASTILHOS, RS

O capítulo descreve a formação sócioespacial do município de Júlio de Castilhos, como referencial empírico e procura mostrar a sua origem e evolução na perspectiva geográfica firmando a formação econômica e social na qual se configurou a espacialidade de Nova Ramada.

O ambiente geográfico que compõe o município de Júlio de Castilhos possui uma paisagem natural integrada pelos seus agentes, como o solo, clima, hidrografia e vegetação. As interações socioambientais desta configuração são determinadas pelas relações estabelecidas. Na estruturação deste conjunto, sociedade e natureza, destaca-se a sua origem no século XIX, com o início do povoamento. As primeiras relações produtivas promoveram a transformação da paisagem natural em paisagem cultural, identificando ações pelo trabalho do homem sobre o meio ambiente, portanto a transformação de um ambiente natural em ambiente geográfico - a paisagem geográfica.

Na organização da espacialidade municipal, os aspectos histórico-culturais como a primeira denominação recebida de “Boa Vista”, referem-se a uma paisagem natural que teria chamado a atenção por suas qualidades únicas no conjunto paisagístico regional. A denominação foi dada por João Alvarenga, um pioneiro que habitou o lugar, onde constituiu uma propriedade rural - fazenda da Boa Vista. Em seu marco histórico, o Município recebeu várias denominações até finalmente vir a chamar-se Júlio de Castilhos. “Em 14 de julho de 1891, recebeu a denominação de Vila Rica e, em 1905, passa a chamar-se “Júlio de Castilhos”, em homenagem ao seu ilustre filho Júlio Prates de Castilhos” (PONTELLI, 1992, p.20). (Fotografia 1).



Fotografia 1 – Imagem de Júlio Prates de Castilhos, na praça da cidade do Município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Pesquisa no centro da cidade de Júlio de Castilhos, 2011.

Para compreender o processo de humanização da paisagem natural recorre-se aos primórdios da construção do município. Limitando-se ao sul com os municípios de São Martinho da Serra, Santa Maria e Silveira Martins; a sudeste com os municípios de Ivorá e Nova Palma; a leste aparecem os municípios de Pinhal Grande e Arroio do Tigre; a nordeste têm-se os municípios de Salto do Jacuí, Estrela Velha e Fortaleza dos Valos; ao norte encontra-se o município de Cruz Alta; a nordeste o município de Tupanciretã; a oeste tem-se o recente município emancipado, Quevedos.

A espacialidade municipal está composta pelo governo municipal, determinado pelos três poderes: o poder executivo, locado na prefeitura municipal; legislativo (câmara de vereadores) e o judiciário (foro municipal). A municipalidade de Júlio de Castilhos completou, em 2011, 120 anos. (Fotografia 2).



Fotografia 2 – Prefeitura Municipal de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Pesquisa na área urbana de Júlio de Castilhos, 2011.

Incentivos culturais do governo municipal permitem desenvolver programações, principalmente durante a Semana Farroupilha, de atividades tradicionais dos gaúchos e cultivadas pela população. Na Semana do Município, as festividades são variadas, destacam-se as manifestações culturais, sócias e políticas. Por apresentar diversidade cultural, possui amplo acervo que resgata e expõe sua historicidade de um século de existência, envolvendo sua trajetória espacial, configurando e caracterizando o ambiente geográfico do Município. (Fotografia 3)



Fotografia 3 – Atividade cultural típica, Município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Jornal Expressão, 1º de outubro, p.6 , 2010.

A localização geográfica do município de Júlio de Castilho, segundo o IBGE, é determinada como parte da Região do Planalto Médio Central. Pertence, portanto, à Região Central do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente, à Microrregião Geográfica de Santiago, contida na Mesorregião Centro Ocidental Rio-Grandense. (IBGE, 1990)

O perímetro urbano da cidade situa-se sobre uma das coxilhas do Planalto basáltico Sul-rio-grandense, a uma altitude de 514 metros acima do nível do mar, determinando a sede municipal como uma das mais altas do Estado. A área do município abrange 1.964 Km² e distancia-se da capital, Porto Alegre, por 354Km. (EMATER, 2000).

Conforme seus indicadores regionais, bem como seus aspectos de extensão, o município possui três distritos componentes de sua espacialidade administrativa, de acordo com os dados oficiais da administração pública e de visitas e atendimento que a EMATER, (2000) realiza no município.

- 1º Distrito, compreendendo as localidades da Sede, Val de Serra, Guassupí, Portão, Ramada, Invernadinha, Rincão dos Silveiras, São João do Barro Preto, Caneleira, Cerrito, Passo dos Buracos, Santo Inácio, Céu Azul, Japepó, Rincão do Ivaí, Rincão dos Pinheiros, Rincão da Palma, Rincão dos Pachecos, Durasnal, Itaroquei e Santa Júlia.
- 2º Distrito de Três Mártires, composto por Três Mártires e Colônias Novas.
- 3º Distrito de São João dos Mellos, abrangendo as localidades de São João dos Mellos, Santa Terezinha e Santo Antão.

Os recursos naturais inscrevem-se na área de transição entre o Planalto e a Campanha - fronteira sudoeste - do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente na Mesorregião Centro Ocidental Rio-grandense, fazendo parte da Microrregião de Santiago, onde predominam as extensas áreas de campo, Planalto Meridional. Nesta imensa área elevada e plana predominam a vegetação de estepes com gramíneas denominadas de campos limpos, em presença de ondulações em forma de coxilhas. (Fotografia 4).



Fotografia 4 – Paisagem do Município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Pesquisa na área rural do município de Júlio de Castilhos, RS, 2011.

A existência de paisagens com exuberantes áreas de vegetação rasteira, propiciando o desenvolvimento de gramíneas e de forrageiras de forma natural, favorece a presença da agricultura que se desenvolve sobre solos férteis e planos, permitindo o cultivo diversificado, como: forrageiras - capim-elefante, sorgo, pastagens, milho e soja - entre outros tipos de produtos agrícolas. Também aparece a vegetação constituída por espécies arbóreas.

O relevo do planalto não apresenta total uniformidade, pois os vales fluviais encarregaram-se de esculpir a paisagem, determinando a presença de vales escarpados, o que permitiu a denominação errônea de Serra para um relevo de origem Planaltina. Este processo denominado de dessecamento fluvial resultou na configuração das paisagens municipais.

O município de Júlio de Castilhos está assentado sobre a Bacia Geológica do Paraná, que se define por ser uma extensa bacia sedimentar, responsável por armazenar as águas do Sistema Aquífero Guarani. Esta, por sua vez, é constituída por diversas formações geológicas, sendo que a Formação Serra Geral, de natureza basáltica, é a predominante no município. As condições climáticas e de intemperização originaram espessas camadas de solos argilosos. Estes, juntamente com as características de relevo e vegetação, proporcionaram a ocorrência de extensas áreas planas, de solos ricos e vegetação de estepe que favoreceu a ocupação com a agropecuária.

A vegetação pode ser reconhecida por suas diferentes formações como as estepes, restingas, arbóreas. Esta última pode ser apresentada segundo sua variedade, como é o caso das madeiras: cedro, louro, guajuvira, canela; as ornamentais: coqueirais e primavera; as frutíferas: bergamoteira, pitangueira, laranjeira, ameixeira e limeira de diferentes espécies. Aparecem, igualmente, espécies de vegetação subtropical, de acordo com o clima típico e com os solos da região.

Os agricultores do Município são beneficiados pelas riquezas, destes valores naturais às quais se somam os recursos hídricos e climáticos, contribuindo para o desenvolvimento do setor agrário municipal.

A circulação aérea, constituída pela presença de diferentes massas de ar polar, contribui para a caracterização do clima de Júlio de Castilhos. Segundo Pontelli (1992, p. 241) “em função do domínio na região do clima subtropical do tipo úmido, desenvolveu-se uma topografia colinosa com formas arredondadas conhecidas originariamente, resultantes do intemperismo químico [...]” influenciando seu potencial hídrico. Destaca-se a situação significativa do município por ser divisor de águas de bacias hidrográficas importantes no estado do Rio Grande do Sul. Deste modo, comanda importantes redes hidrográficas, como é o caso das bacias hidrográficas dos rios Jacui e Ibicui, as quais representam grande parte do potencial hídrico do Estado. Pode-se destacar a importância desta riqueza hídrica para o abastecimento da população, para a irrigação e até mesmo para o turismo, possibilitando o desenvolvimento econômico.

A riqueza dos recursos naturais propiciou o desenvolvimento produtivo e favoreceu o desenvolvimento agrícola e as atividades de criatório. Este cenário favorável tem contribuído para o desenvolvimento de Nova Ramada desde o período de seu assentamento e evolução de suas atividades socioeconômicas, as quais garantem, às famílias, renda e reprodução social, econômica e cultural.

Júlio de Castilhos, como município, possui inter-relação entre suas categorias de espacialidades, meio rural e meio urbano, os quais estabelecem relações socioespaciais integradoras quer em produção, circulação, mercados integradores, bem como de prestação de serviços a uma população de 19.579 mil habitantes. A população urbana de 82,3% significativamente maior em relação à rural. Isto se explica pelas atividades desempenhadas no meio rural que constam de uma

agropecuária moderna intensiva e voltadas para o mercado interno e externo. (Tabela 1).

Tabela 1 – População total e distribuição por área, município de Júlio de Castilhos, 2010.

População	Total (hab.)	Percentagem %
População Urbana	16 106	82,26
População Rural	3 473	17,74
População Total	19 579	100

Fonte: IBGE, Censo Demográfico, 2010.
Org:REOLON. Fátima Aparecida de Quadros.

A área atual do município é de 1.964,09Km², onde 0,73% correspondem ao perímetro urbano de 14,5 Km², e sua área rural compreende 1.949,59Km², ou seja, 99,27% da área municipal, em suas extensões (MOREIRA, 2008).

No meio urbano se desenvolvem diferentes atividades de prestação de serviços, oriundas do setor terciário, possuindo diferentes estabelecimentos comerciais, como postos de saúde, hospital, bancos e onde se encontram os silos de armazenamento da produção oriunda do meio rural.

Quanto a sua ocupação histórica, Júlio de Castilhos se determina por ter como primeiros habitantes os nativos (indígenas) que se fixaram na região. “Vindos do Alto Paraná, os índios teriam chegado às barrancas do Alto Uruguai a 7 a 5 mil anos a.c” (COSTA, 1991, p.16), e viviam da caça, pesca e de coleta de frutos. Eles teriam chegado às terras que constituem o município por volta do século XIII, provenientes do Alto Jacui. Sua sobrevivência era mantida por meio de instrumentos rudimentares que permitiam a caça, pesca e uma agricultura incipiente, constituída pelo plantio da mandioca, batata-doce, feijão e milho. “Esse grupo Guarani, semibárbaro, seria encontrado, no início do século XVII, pelos padres da Companhia de Jesus” (COSTA, 1991, p.17), sendo eles os Índios Tapes que vieram a constituir

os Índios dos Sete Povos das Missões, aproximadamente no decorrer do século XVII, por influência de cristãos padres da Companhia de Jesus, no período de 1600.

Mais tarde, surgiram as estâncias missioneiras de São Pedro, São Domingos e Santo Antônio. (COSTA, 1991, p.44). Estas três estâncias, segundo o autor, se fixaram, no local, no final do século XVII. No decorrer da história, outros grupos populacionais oriundos de indígenas e de portugueses, como os açorianos. Mais tarde, imigrantes italianos, alemães e eslavos, vieram a ocupar estas terras e constituíram o amálgama da população que hoje forma os habitantes de Júlio de Castilhos.

Com raízes nas charqueadas, especialmente as charqueadas de São João, União, São José e São Lourenço, o caminho seguido pelos primeiros povoadores da região iria constituir o futuro do município de Júlio de Castilhos. A pecuária era constituída por bovinos e muares, com a influência dos tropeiros que transportavam animais para o cento do país originando processos de ocupação ao longo dos caminhos percorridos. Os povoamentos principais ocorreram em áreas de descanso e de pousadas, contribuindo para que muitos tropeiros se estabelecessem no município.

Um acontecimento importante para a vida de Natividade e para a história da pecuária castilhense aconteceu no ano de 1634. Conforme Costa (1991):

Por ordem do Pe. Romero, Superior das Reduções, foi trazido de San Juan de Veras de las Sete Corrientes (hoje província de Corrientes, República Argentina) 1.500 cabeças de gado. Veio para São Miguel, redução localizada à margem de direita do Ibicuí, próximo à Vila de São Martinho (6º Distrito de Santa Maria). De São Miguel foram distribuídas 99 cabeças para cada redução[...]. (COSTA, 1991, p.34).

Os Jesuítas foram os fundadores da economia rural do município. Estes povoadores contribuíram para o desenvolvimento das atividades realizadas provenientes da pecuária. Segundo (PONTELLI, 1992), o objetivo econômico era a venda em comum, a industrialização de gado e defesa dos interesses dos associados. Inicialmente, eles não possuíam sede própria, sendo os abates eram realizados nas charqueadas São João e União. Mais tarde, adquiriram o parque industrial desta última, denominando-se, hoje, Cooperativa Regional Castilhense de Carnes e Derivados Ltda, contribuindo para a economia municipal.

Inicialmente a criação de gado era predominante, e as terras adquiridas através da Sesmaria marcam a presença dos grandes possuidores e a historicidade da grande propriedade, em 21 de janeiro de 1831. José Quevedo de Macedo foi o primeiro a obter do Governo Geral uma Sesmaria entre os Rios Toropi e Toropi-Mirim (COSTA, 1991), sendo o primeiro a adquirir terras por esse processo, marcando a história da grande propriedade presente no Município.

A matriz produtiva tradicional estava baseada, inicialmente na pecuária bovina e, posteriormente, passou à lavoura empresarial, representada, sobretudo, pelo cultivo do binômio trigo-soja. Tais atividades exercidas em grande escala, bem como em médios e grandes estabelecimentos (CARGNIN, 2009), evidenciaram a presença da grande propriedade sendo, inicialmente, a base da economia municipal.

Nos povoados surgidos, tiveram início a ocupação de seus campos e o surgimento das fazendas e estâncias, com o criatório do gado constituído por bovinos, equinos e muares. Mais tarde, houve a inserção do gado ovino. Este criatório impulsionou o desenvolvimento da economia municipal e se constituiu em sua maior fonte de renda. A expansão da pecuária bovina de corte permitiu a especialização por uma raça de alta qualificação em peso e carne e, deste modo, destacou-se o criatório da raça Charolês.

A chegada da raça Charolês deve-se a um brasileiro, com residência fixada no Uruguai, que enviou um touro e quatro novilhas puras por cruza para um pecuarista castilhense, iniciando-se assim a criação de gado Charolês no lugar. O Município, mais tarde, veio a ser reconhecido como a Capital do Charolês devido à grande presença desta raça nos campos do município, bem como pelo desenvolvimento econômico propiciado pela criação destes bovinos.

Com o advento da modernização da agricultura no período de 1960, e com a presença de projetos governamentais, relacionados com o processo de concentração das áreas de pecuária e liberação e ampliação de áreas destinadas ao processo de expansão agrícola, Júlio de Castilhos desenvolveu uma agricultura intensiva destinada ao atendimento dos mercados nacionais e internacional, racionalizando o seu criatório no que se refere à criação de cabanhas¹ dedicadas ao aprimoramento das linhagens genéticas. (Fotografia 5).

¹Estabelecimentos dedicados a pecuária com uso de métodos de aperfeiçoamento genético na produção de bovinos, ovinos, equinos e muares, os quais alcançam altas cotações no mercado e premiação em exposições.



Fotografia 5 – Touro da raça Charolês – reprodutor.

Fonte: Moreira, 2008.

Pode-se considerar que a economia agropecuária de Júlio de Castilhos coloca o município como referência nacional e internacional no que se refere a níveis tecnológicos aplicados à produção e à produtividade.

A transformação expressiva no meio rural, nos últimos tempos, foi influenciada pela subutilização das terras do Município. Isso ocorreu devido às atividades da pecuária, que foram exploradas de forma extensiva nas grandes propriedades pastoris e em áreas de produção agrícola empresarial. Esta fragmentação ocorreu de modo parcial através de criatórios de gado e permitiu o surgimento de novas formas de reestruturação produtiva que se configuraram no espaço castilhense (MOREIRA, 2008). Nas últimas décadas, o meio rural passou por inúmeras mudanças significativas na estrutura fundiária, bem como em meio às atividades realizadas, conforme Moreira (2008):

[...] Em geral, houveram três formas de ocupação dessas áreas, um através do arrendamento, o outro da compra e venda das propriedades, e no terceiro caso, pela desapropriação, realizada pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária – INCRA, das terras ociosas que não estavam exercendo sua função social, A ocupação de terras com reduzida ou nenhuma produção; através dos assentamentos rurais, possibilitou a expansão e desenvolvimento da agricultura familiar no Município e sua conseqüente diversificação agrícola. (MOREIRA, 2008, p.18-19).

Ocorreu uma diminuição de áreas destinadas à criação de gado extensiva, provocando uma reestruturação produtiva devida a três causas, estando entre elas a desapropriação pelo INCRA. A partir de subdivisões e promoção de assentamentos, como foi o caso de Nova Ramada, veio a configurar-se uma nova espacialidade rural, com áreas de terras que se destinaram à produção familiar, de forma a modificar as atividades realizadas dando ênfase à diversificação da produção destinada a atender ao mercado interno de consumo.

Desde os primórdios das atividades, os imigrantes açorianos e os paulistas que contribuíram para o povoamento do Município, já desenvolviam atividades voltadas à agropecuária, como é o caso da cultura do trigo. No entanto, as culturas de subsistência, como feijão, milho, trigo, ocupavam pequenas áreas. Hoje a agricultura contribui com significativa parcela da renda do município, desenvolvendo produção diversificada.

A agropecuária representa uma significativa fonte de renda para os grupos familiares que desenvolvem tais atividades no meio rural, contribuindo de forma direta ou indiretamente na economia municipal.

O Município também possui uma economia industrial de transformação e se apresenta as agroindústrias que contribuem para o seu desenvolvimento econômico. O início tem como marco a implantação dos moinhos de milho e trigo; dos frigoríficos, curtumes e charqueadas. Destaca-se que estes estabelecimentos impulsionaram o comércio local.

A organização e o desenvolvimento produtivo do setor agropecuário foram impulsionados pelo meio e necessidades de transformação desta produção cujos elementos se tornaram a matéria-prima das atividades transformadoras.

Os assentamentos rurais, frente a esta realidade, foram os responsáveis pela fragmentação da dimensão da propriedade, que buscavam desenvolver atividades agrícolas, bem como pela função social da terra.

Hoje, o município apresenta diversidade agrícola, tendo culturas intensivas e diversificadas, bem como outras culturas como: soja, milho, trigo, feijão, destinadas à comercialização e também à subsistência. (Tabela 2).

Tabela 2 – Estimativa da produção agrícola por área: cereais, leguminosas e oleaginosas, município de Júlio de Castilhos, 2007.

Produção Agrícola	Área plantada (em hectares)
Amendoim	4
Arroz	30
Cevada	1500
Feijão	400
Girassol	100
Mamona	20
Milho	5000
Soja	72500
Trigo	10000

Fonte: IBGE, Estimativa do Censo Agropecuário Municipal, 2007².
Org: REOLON. Fátima Aparecida de Quadros.

A diversificação da produção agrícola em variada escala produtiva atendia as necessidades do mercado local e regional, uma vez que a produção de soja era desenvolvida nas grandes propriedades. Posteriormente, com a pequena propriedade no Município, veio a se consolidar a agricultura comercial destinada ao mercado regional e nacional, além da subsistência. Os dados evidenciam a diversificação da produção e também a diferença de área ocupada com a produção.

Inicialmente havia a presença intensa do binômio trigo-soja no Município, como lavouras empresariais de grande extensão altamente mecanizadas. Observa-se, hoje, a presença da diversidade de cultivos destinados ao mercado regional e nacional bem como da subsistência das necessidades básicas, como no caso das pequenas propriedades que desenvolvem sua produção.

² Os dados se referem a estimativa bianual, realizada no ano de 2007, sobre os dados do Censo Agropecuário de 2005.

Com a diversificação da produção, resultante dos assentamentos, o desenvolvimento da produção vem ocorrendo em pequenas propriedades, porém de forma variada e priorizando os produtos alimentícios. O destino da produção é inicialmente, o abastecimento do comércio local, posteriormente, com o aumento da produção, é o mercado regional.

A comercialização do leite é a atividade predominante e ocorre com os mercados regionais, tendo contribuído para a formação da renda dos produtores de Nova Ramada bem como de outros produtores que desenvolvem atividades relacionadas com o criatório do gado leiteiro e sua comercialização.

A dinâmica produtiva do município deve-se, em grande parte, às atividades procedentes da agricultura familiar e evidenciadas, a seguir, com variados criatórios. Chama a atenção a diversidade do criatório, principalmente a presença do gado leiteiro devido ao desenvolvimento da agricultura familiar. (tabela 3).

Tabela 3 – Criatório por tipo de rebanho existente em número de cabeças, município de Júlio de Castilhos, 2009.

Criatório Rebanho	Quantidade em Número de cabeças
Bovinos	73500
Eqüinos	1895
Ovinos	13630
Caprinos	170
Suínos	5840
Galinhas	15250
Vacas ordenhadas	2585

Fonte: IBGE, Censo de agropecuário Municipal, 2009³.
Org:REOLON. Fátima Aparecida de Quadros.

³ Os dados se referem a estimativa bianual, realizada no ano de 2009, sobre os dados do Censo Agropecuário de 2005.

Com o tempo, a economia antes determinada pelo criatório de gado charolês de corte e das extensas lavouras de cereais, passou a incorporar um criatório mais diversificado, bem como a incorporação de novas lavouras que promoveram a moderna agropecuária do Município nos dias atuais.

A diversificação do criatório, presente no município, configura as atividades desenvolvidas e se evidencia na presença de bovinos de corte e leite, equinos, ovinos, caprinos, suínos e aves.

A criação destina-se ao mercado, bem como os produtos derivados dela como leite, ovos e mel. A produção de leite se realiza em grande escala possibilitando sua comercialização no mercado regional empresarial. A distribuição desta produção qualifica o rendimento da pequena propriedade responsável pela diversificação da produção desenvolvida. (Tabela 4).

Tabela 4 – Produção e quantidade derivada do criatório, município de Júlio de Castilhos, 2009.

Produto	Quantidade
Leite	2889mil/litros
Ovos	90mil/dúzias
Lã	30980/kg
Mel	18730 kg

Fonte: IBGE, Censo agropecuário Municipal, 2009.⁴
Org: REOLON. Fátima Aparecida de Quadros.

Atualmente, as principais entidades ligadas ao setor primário do município são o Sindicato dos Trabalhadores Rurais e Sindicato Rural, a Cooperativa Tritícola de Júlio de Castilhos Ltda. (COTRIJUC) e a Cooperativa Castilhense de Carnes, sendo as principais instituições atuantes na transformação, beneficiamento e

⁴ Os dados se referem a estimativa bianual, realizada no ano de 2009, sobre os dados do Censo Agropecuário de 2005.

comercialização da produção primária do município e da região. No setor de armazenamento há a Companhia Estadual de Silos e Armazéns (CESA) e, na área de pesquisa, encontra-se no município uma das principais unidades da Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (FEPAGRO), responsável pela geração de diversas variedades de trigo e soja (EMATER/2000), cuja realidade assiste ao meio rural.

Evidencia-se a presença de moinhos, de trigo e milho, como também de misturador de ração, nas indústrias municipais, as quais transformam a produção e contribuem para o abastecimento local e regional.

O moinho presente no Município, de propriedade da COTRIJUC, é responsável pela produção de farinha de trigo e de milho, possuindo capacidade de 6,4 toneladas de trigo e milho/dia, e abastece a demanda regional. (EMATER/2000).

A Cooperativa, COTRIJUC, fornece mecanismos para o desenvolvimento das atividades agrícolas, equipamentos para as lavouras, peças para os mecanismos da agropecuária, gêneros alimentícios, sendo beneficiados os produtos agrícolas, como: soja, leite, milho, feijão, arroz, sorgo, azevém e aveia. Também prestam serviços de assistência técnica aos produtores.

A produção se destina ao comércio local e regional, é evidenciada através de suas atividades e confirma a presença de diferentes formas de produção que determinam a economia municipal. A lavoura empresarial era a mais abrangente, juntamente com a criação de gado de corte, hoje ocorre uma substancial diferença uma vez que, à economia, foram sendo incorporadas novas culturas e formas de criação e de exploração. Estas mudanças se devem a influências através da presença de assentamentos, como é o caso de Nova Ramada, responsável pelo início de uma nova estrutura fundiária que trouxe a pequena propriedade de produção familiar, diversificada e apoiada tecnicamente por órgãos governamentais.

Hoje, Júlio de Castilhos se define pela existência de uma diversidade em sua estrutura fundiária, em decorrência da presença de assentamentos que tem ocorrido em sua espacialidade no último quartel do século XX, onde se estabelecem relações no meio rural e deste com os mercados urbanos.

Estas relações são provenientes da grande, média e pequena propriedade, pois elas desenvolvem atividades econômicas distintas e de alto nível tecnológico capaz de garantir significativos retornos de capital, aos seus produtores e de permitir que a organização espacial do Município tenha forte apoio na dinâmica produtiva de

sua espacialidade rural, altamente qualificada projetando-o no cenário econômico do Estado e atendendo ao projeto capitalista nacional.

A comunidade de Nova Ramada se insere nesta economia de mercado e no projeto capitalista nacional, cumprindo as ações destinadas à pequena propriedade de produção familiar no que se refere ao abastecimento da demanda do mercado interno, da inclusão social e de viabilizar o processo da globalização e inserção do país no contexto do capitalismo mundial.

NOVA RAMADA UMA TRAJETÓRIA DE VALORIZAÇÃO SOCIOESPACIAL

O presente capítulo aborda os subsistemas determinados na metodologia descrevendo a trajetória das famílias assentadas em lotes de terra em Nova Ramada, as atividades da agricultura familiar, o desenvolvimento socioeconômico e a valorização socioespacial que promoveu o meio rural.

A trajetória de Nova Ramada foi marcada por inúmeros acontecimentos, os quais os agricultores recordam bem. Malgrado a experiência passada em meio a dificuldades, as precariedades de infraestrutura e as repressões durante a luta pela terra, o assentamento permitiu o início do processo de produzir alimentos em terra própria e se constituiu em um sonho realizado.

A partir da realização de consolidação dos lotes de terra, houve o aumento da produção tanto para a alimentação dos assentados como de formação de excedente que foi inserido na economia local. Além disso, deve-se considerar a presença de novos produtos construindo a diversidade de produção e crescimento do mercado local, em atendimento à demanda do urbano de Júlio de Castilhos.

A seguir, serão abordadas as análises realizadas por meio da investigação direta e indireta, qualitativa e quantitativa para conhecer os atores envolvidos, bem como sua produção e atividades socioeconômicas, de acordo com os sistemas compostos de seus subsistemas, atendendo aos objetivos do trabalho que trata da valorização de Nova Ramada.

4.1 As políticas sociais de distribuição da terra

A denominação de Nova Ramada refere-se ao lugar onde foram assentadas as famílias dando início a uma localidade assim denominada, cujas terras faziam parte de uma grande propriedade de nome Fazenda Ramada, uma grande propriedade agropastoril oriunda de sesmarias e apresentando, na época, áreas não produtivas. (Mapa 2)

O início da luta pela terra ocorreu em 1985, atendendo à necessidade de se adquirir a terra como bem de produção, de igualdade de condições e de acesso à terra e de trabalho. As famílias assentadas eram oriundas do acampamento que ocupava as terras da Fazenda Annoni (propriedade próxima ao município de Carazinho, RS), na qual, parte das famílias, ali presentes em acampamento, tinha sido assentada enquanto outras aguardavam decisões da administração pública Federal, INCRA, para concluir sua luta pela terra, consolidando os objetivos da reforma agrária no campo.

Os retirantes da fazenda Annoni foram assentados em uma parcela de terras negociadas com os proprietários da Fazenda da Ramada localizada no município de Júlio de Castilhos, vindo a constituir a parcela de terras adquiridas pelo Governo Federal, o Assentamento da Ramada.

O deslocamento das famílias ocorreu após negociações com interferência do INCRA para a desapropriação destas áreas improdutivas no município, aproximadamente 2.612 hectares, no ano de 1989. A disponibilidade da terra foi dada de acordo com a realização dos sorteios, sendo considerado o tamanho das famílias, o número de filhos e o tempo do cadastro realizado. Em média a área disponibilizada compreendia 25 hectares por família e assim foi organizada a comunidade de Nova Ramada. Ela faz limites com grandes propriedades rurais, pois a sua área se constituía em uma parcela do Município próxima aos limites com o município de Pinhal Grande.

Mapa 2 – Nova Ramada, localização no município de Júlio de Castilhos e no estado do RS.

Confecção: Geógrafa Cristiane Dambrós, 2011.

A evolução desta trajetória para se firmar social e economicamente se constitui em um significativo laboratório de estudo, no qual as ideologias, as contradições e as dinâmicas que promoveram mudanças de toda a ordem contribuíram para o surgimento de novas formas, feições e funções, de acordo com o desdobramento contínuo dos processos e das relações socioculturais, da produção e do poder.

As famílias assentadas são provenientes de várias localidades do Rio Grande de Sul. Primeiro, ingressaram no movimento de luta pela terra, Movimento dos Sem Terra (MST), depois foram acampar na fazenda Annoni e, após quatro anos e meio, ocuparam parte de terras da antiga fazenda Ramada, desapropriada pelo Governo Federal, através Ministério da Agricultura da época e de seu órgão INCRA.

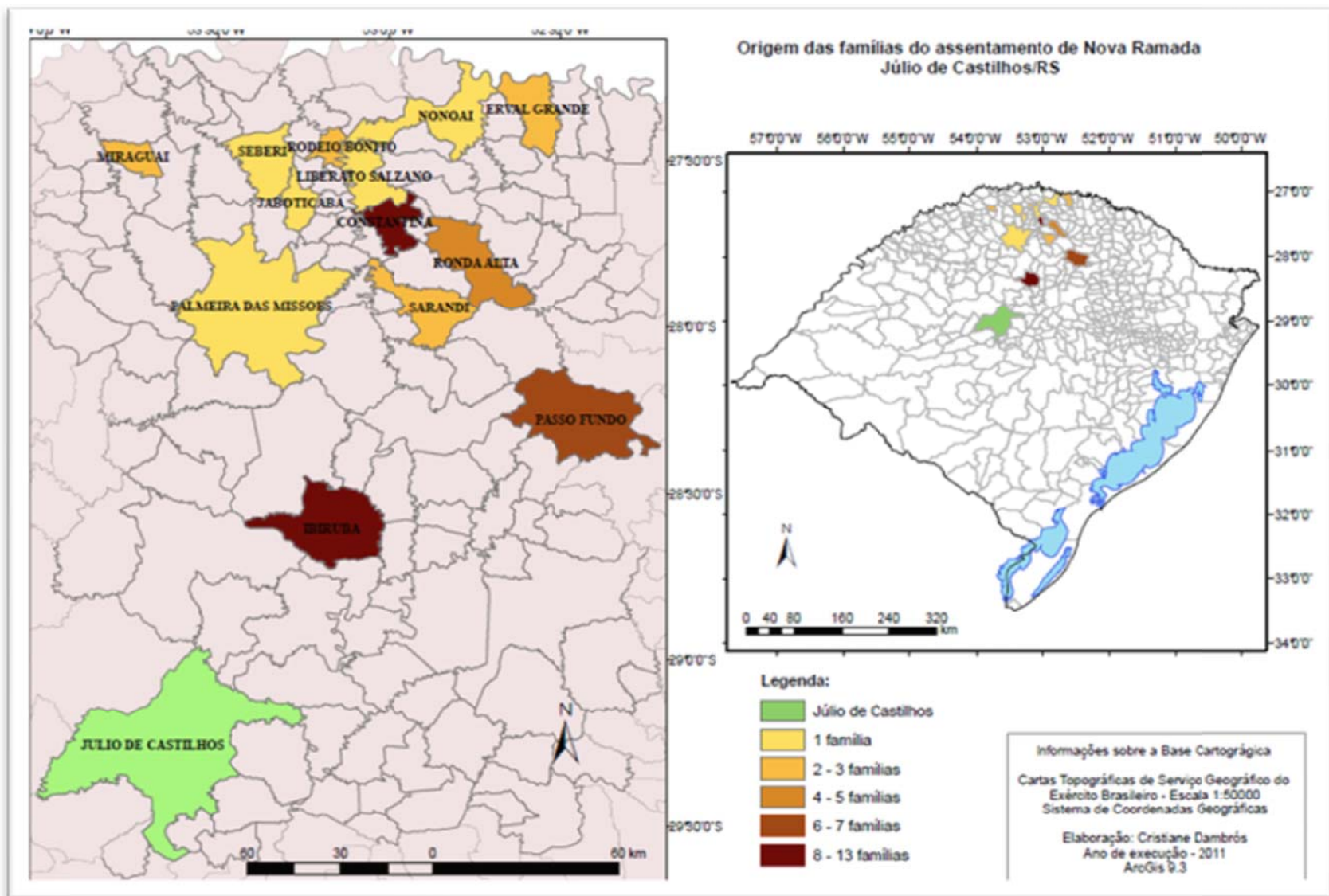
As famílias assentadas eram procedentes de municípios localizados ao norte do Estado, como: Ibirubá, Liberato Salsano, Seberi, Nonoai, Sarandi, Miraguai, Constantina, Erval Grande, Passo Fundo, Ronda Alta, Rodeio Bonito, Palmeira das Missões e Jaboticaba. (Mapa 3)

De acordo com as entrevistas efetuadas junto aos agricultores assentados, a chegada das primeiras famílias no lugar, deparou-se com a realidade de ter de iniciar uma nova vida, com as dificuldades do processo de realização individual de cada um e ter que dar vida humana ao lugar promovendo o seu desenvolvimento. O espaço ocupado era ermo e localizado em meio a um imenso campo aberto, onde tudo deveria ser feito a partir daquele dia 15 de março de 1989.

Para muitos, só havia campo e não se avistava qualquer infraestrutura, nem árvores existiam a não ser próximo aos rios e córregos constituindo as matas ciliares, as quais ainda persistem em seus locais e próximos das nascentes.

Inicialmente, a população assentada procurou se organizar e transformar a espacialidade que estava a sua frente, iniciando com a construção das habitações. Os campos foram arados para iniciar a primeira produção de alimentos que se constituiu de mandioca, feijão, batata-doce, milho e outros.

Por meio de mutirões, a comunidade se auxiliava nas lidas com a terra fazendo a lavra para o desenvolvimento das plantações, a qual contou com a ajuda da Comissão Pastoral da Terra (CPT) que organizava a doação de mudas de árvores frutíferas às famílias assentadas. Para outros cultivos alimentícios foram cedidas mudas e sementes que resultaram nas primeiras plantações dos lotes de terra. Eles obtiveram êxito no cultivo.



Mapa 3 – Procedência das famílias assentadas em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos/RS.

No decorrer do tempo foi instalada uma cooperativa no local, denominada de Cooperativa de Produção Agropecuária do Assentamento Nova Ramada (COOPANOR), contando com significativa maioria dos assentados que inicialmente se vincularam a ela. Esta cooperativa foi substituída por outra, a Cooperativa Agropecuária Doze de Agosto (COOPAGO), pois desejavam rever questões relacionadas com a produção.

A nova Cooperativa foi exitosa na aquisição da rede elétrica quando foi estabelecida a agrovila ligada à Cooperativa. Inicialmente os agricultores sofreram preconceitos quando procuravam contatar com a população do município Júlio de Castilhos, em 1995 a 1997.

A precária condição financeira dos agricultores assentados levou-os a procurar subsídios financeiros junto aos órgãos governamentais, por meio de organização para estabelecer as reivindicações. Neste momento, o Brasil, estava criando linhas de financiamento em forma de Programas voltados ao pequeno produtor familiar. Eles receberam auxílio destes novos programas de estímulo e sustentação por meio do Governo Federal, via Caixa Econômica Federal, como foi o caso do Programa Nacional da Agricultura Familiar (PRONAF). Este Programa apoiou os agricultores através de duas linhas de financiamento: PRONAF rotativo e o “Pronafinho”, individual. Os produtores rurais, através destas alternativas, procuraram equilibrar suas finanças e dar continuidade à produção de sobrevivência que permitia o abastecimento familiar.

4.2 A valorização da produção e do desenvolvimento rural

Ao longo do tempo, as questões sociais, econômicas e políticas perpassam e influenciam o modo de vida das populações e das localidades, quer no meio rural como no urbano. Do mesmo modo, a presença de inovações técnicas promove mudanças que modificam as espacialidades e as sociedades envolvidas neste contexto.

Após as primeiras colheitas e a entrada em circulação dos produtos, fez-se necessário adaptar as culturas aos processos de inovação de modo a acompanhar as exigências do mercado. A seguir, a presença de novos processos inovadores tem

se mantido nos sistemas agrícolas, resultando em novos modos de organização sob a influência de uma infra-estrutura moderna. Pode-se reconhecer, deste modo, que inovações promotoras de mudanças mantêm-se presentes no espaço agrário, influenciando no desempenho das atividades agrícolas.

A tendência constante, no meio, rural por adoção de novas tecnologias contribuindo para o aumento da produção tem colaborado com o estabelecimento dos mercados e permitido que a comunidade se mantenha em constante relação de produção e de circulação de seus produtos. A integração existente no rural e deste com o urbano ocorre através de fluxos estabelecidos com os mercados do urbano, como é o caso dos produtos *in natura*, ofertados em feiras e mercados, bem como o caso da produção que se dirige a empresas processadoras, como exemplo do leite. Assim desenvolvem-se atividades de inter fluxos que atuam e constituem o circuito de interações viabilizadas pelas distintas funções desempenhadas tanto no campo como na cidade.

A influência das políticas governamentais direcionadas ao incremento das relações de produção do meio rural e dos mercados urbanos, estimulando o aumento da produção interna das áreas focando os novos investimentos industriais, tem interferido nas relações de produção de Nova Ramada. As antigas relações harmônicas estabelecidas de modo a gerar produção coletiva nos últimos tempos têm apresentado desigualdades no meio desta sociedade.

Mesmo a localidade dando ênfase às idéias de desenvolvimento com responsabilidade para todos, existe a possibilidade de tais sentimentos esmorecerem com o tempo e aqueles sentimentos de grupo solidário, de qualidade de vida e de distribuição de alimentos a todos, bem como os de consciência de preservação dos recursos naturais, podem ser deixados de lado.

No recorte espacial em estudo observam-se questões ambientais, pois a presença de Nova Ramada transformou e configurou um novo espaço, o seu meio físico, impondo plantações, espécies vegetais exóticas e estabelecendo infraestrutura de construção de estradas para locomoção e de lavouras com diversas modalidades de cultivo. Estas mudanças transformaram o espaço físico, para viabilizar a produção de alimento através da agricultura familiar.

Por outro lado deve-se entender que neste recorte espacial predominam as atividades ligadas à agricultura familiar constituída por pequenos agricultores, destacando-se uma sociedade possuidora de fortes relações de produção e tendo a

terra como o principal meio de vida. Esta realidade pode ser evidenciada nas entrevistas junto aos produtores quando responderam a questão a respeito do que buscavam através do assentamento. (Gráfico 1).

Os agricultores tinham expectativas de melhorar as condições de vida, ter seu lote de terras para trabalhar, produzindo alimentos para si e para o mercado. Estas eram as atividades e conquistas que procuravam alcançar e que traduziam as necessidades de sobrevivência. Por outro lado, o fato de não trabalhar na condição de empregado também objetivou melhores condições aos agricultores e produtores, que afirmaram ter herdado pouca terra pelo fato de descenderem de uma família de numerosa prole e por se tratar de uma colônia que impossibilitava o desenvolvimento de todos.

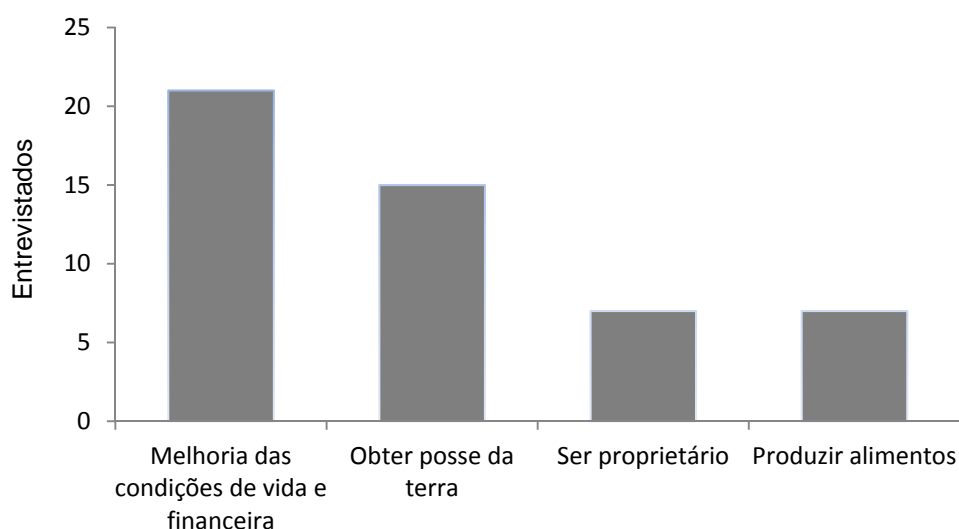


Gráfico 1 – Expectativa dos assentados em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.
Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

Quando surgiu a idéia de se unirem em torno de uma causa comum e iniciarem o longo processo de reivindicação buscando a distribuição de terras para sobrevivência, passaram a enfrentar dificuldades que iam desde o preconceito com os Sem-Terra, às lutas nos acampamentos e à ausência de recursos. (Gráfico 2).

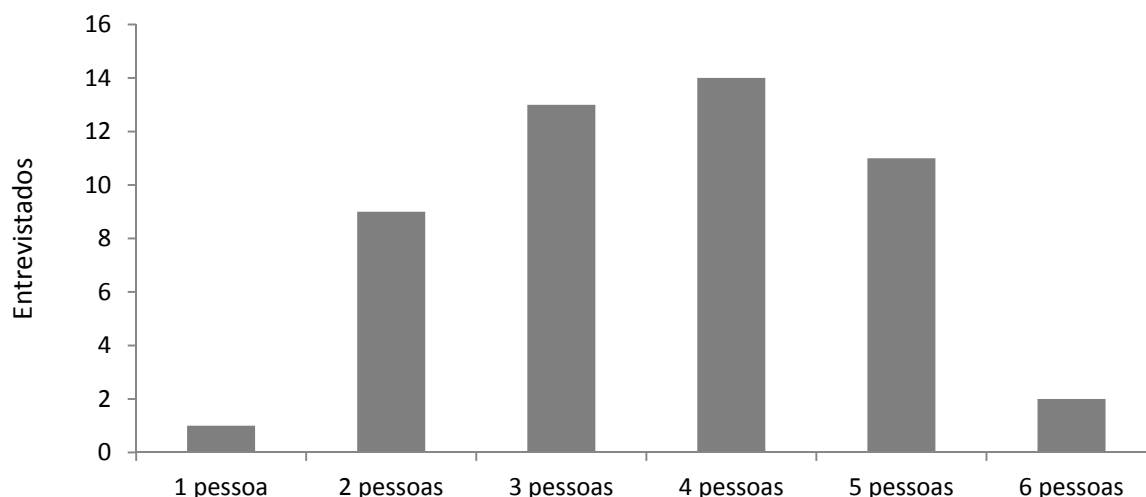


Gráfico 2 – Dificuldades enfrentadas pelos grupos familiares em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

Muitos agricultores afirmaram ter passado por inúmeras dificuldades, como financeiras, de saúde, alimentação desidratação, infra-estrutura e preconceitos da população municipal.

É variado o número de pessoas que constituem uma família, não havendo um padrão de pessoas por família. Contudo, as entrevistas permitiram compreender que, embora variando, este número, por família, se constitui em média por quatro pessoas. Neste caso a composição dominante da família é o casal e dois filhos. (Gráfico 3).

Também se observaram casos da presença de pessoas além do casal, na composição familiar, como um filho casado que reside com os pais ou de pais que residem com seus filhos.

A constituição de três pessoas na família identifica a presença de casais com apenas um filho, menor de idade, ou de um filho maior de idade que mora com os pais e compõe a força de trabalho familiar, por vezes, assumindo a posição de principal força de trabalho. Em alguns, casos a terceira pessoa (em muitos casos a presença da *nonna* ou do *nonno*⁵) corresponde a um idoso parente que se soma ao casal.

⁵ Terminologia em italiano que se refere a vovó e ao vovô, respectivamente.

As famílias constituídas por cinco pessoas normalmente possuem filhos casados morando no mesmo lote com os pais e ou de idosos que residem com a família do filho.

Hoje, a quantidade de pessoas residentes em Nova Ramada é de 167 moradores, ocupando os lotes constituídos na época do assentamento.

Observando-se os dados constantes do gráfico 4, nas faixas etárias da população residente em Nova Ramada, destaca-se o grupo com idade entre 41 a 50 anos, identificando a categoria dos adultos. A faixa etária com idade entre 11 e 20 anos identifica a presença de uma população nascida em Nova Ramada e que acompanhou o seu desenvolvimento. A faixa etária com idade entre 0 a 10 anos apresenta menor número de pessoas identificando a tendência do tamanho das famílias de Nova Ramada, podendo-se inferir que há tendência das famílias serem constituídas de menos filhos. (Gráfico 4).

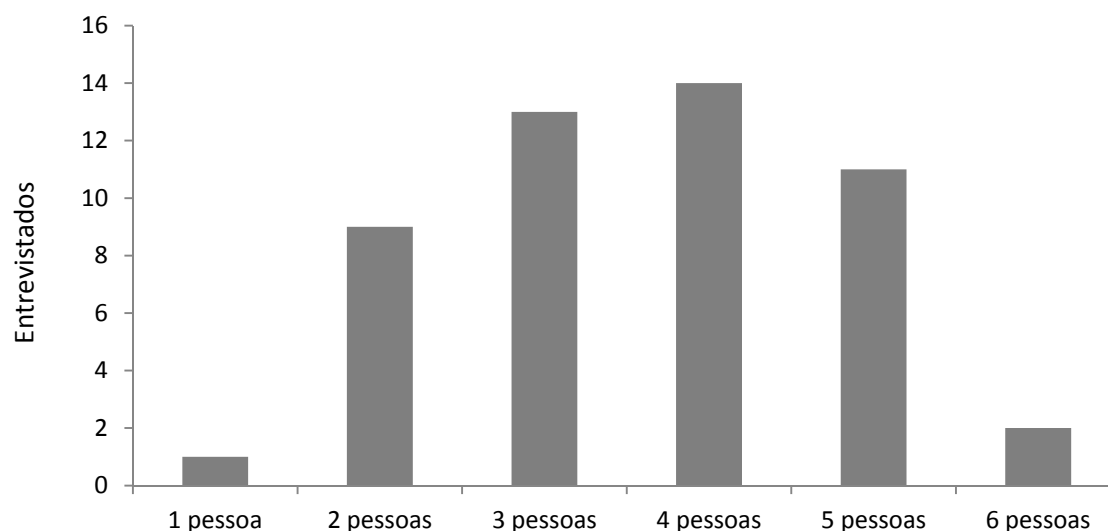


Gráfico 3 – Tamanho da família por lote de terra e número de pessoas, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

Obs. O público alvo da pesquisa é a população residente em Nova Ramada, juntamente com os idosos que fazem parte desta trajetória.

Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

Também chama a atenção a faixa etária de 41 a 50 anos, ela corresponde ao grupo de pessoas que vieram de acampamentos e deram início à nova espacialidade de hoje.

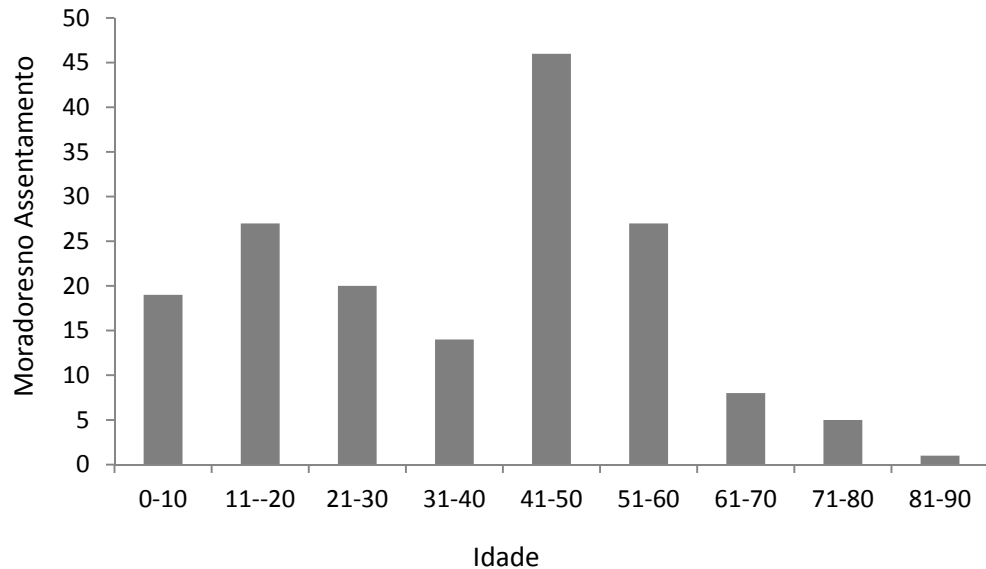


Gráfico 4 – Perfil etário dos moradores de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010
Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

De acordo com o gráfico é possível destacar dois grandes grupos familiares segundo a idade: um primeiro grupo, com idade até quarenta anos, e um segundo grupo com idade além desta, porém em número de pessoas os dois grupos mantêm certo equilíbrio entre si. Deste modo, pode-se identificar a presença da primeira geração constituída pelos pioneiros e, hoje, a presença da segunda geração.

A indagação, nas entrevistas, a respeito das atividades das pessoas permitiu conhecer suas ocupações. As atividades dos agricultores são desenvolvidas por 60 pessoas do sexo masculino e 55 pessoas do sexo feminino, sendo que as atividades de estudantes abrangem 33 pessoas de ambos os sexos. A atividade de estudante demonstra a ocupação das crianças e dos jovens, embora não sejam excluídos da prestação de auxílio familiar em pequenas tarefas de casa, como na limpeza e no cuidado com os animais, no que se refere à alimentação do gado e das aves existentes no lote familiar. Estas atividades revelam a forte ligação com a terra através do desenvolvimento produtivo na propriedade. Contudo, há estudantes com

idade superior a 16 anos exercendo atividades fora do assentamento, na forma de estágios, e os que possuem mais de 18 anos, trabalhando no lote ou na cidade.

Considerando-se o grau de escolaridade das pessoas que residem em Nova Ramada, observa-se a predominância do Ensino Fundamental Incompleto. Isto se deve à falta de oportunidade para estudar que os adultos tiveram na juventude. Somam-se a isto as distâncias entre escola e a moradia rural, a disponibilidade de séries de ensino nas escolas periféricas e rurais e o trabalho na terra ocupando toda a força de trabalho familiar, inclusive dos filhos menores.

Outro fator importante é a presença de leis que tratam da criança na escola e o trabalho infantil.

(i) criança-escola - exige a criança e o jovem menor de idade na escola. É recente e surgiu justamente para obrigar os pais a manterem os filhos na escola;

(ii) proibição do trabalho infantil – esta lei proíbe o trabalho infantil e tem colaborado para que as famílias mantenham seus filhos na escola e dêem a eles as oportunidades de formação, de sociedade e de cidadania. (Gráfico 5).

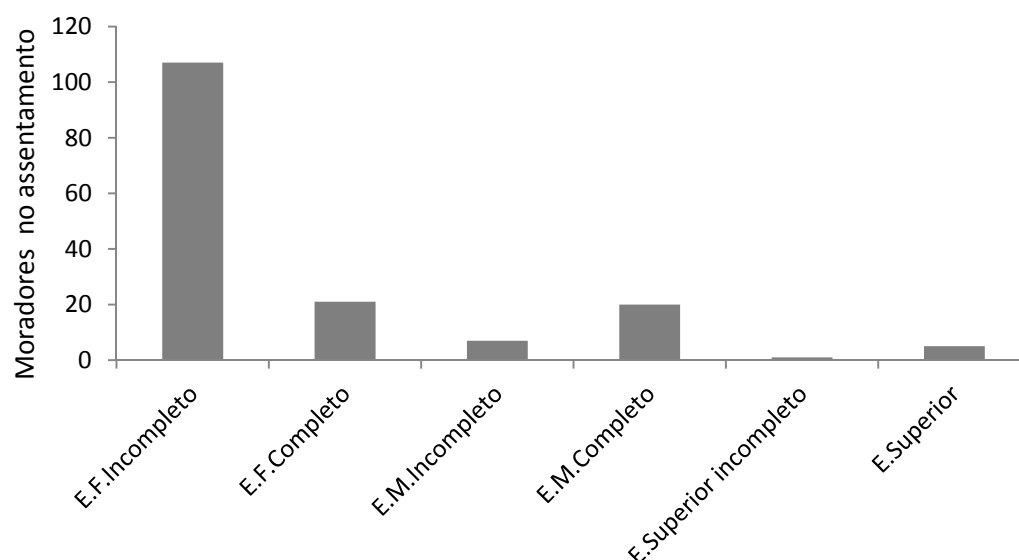


Gráfico 5 – Grau de escolaridade dos moradores de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010
Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

Quanto à escolaridade da população observa-se que a maior parte, 76% dos filhos de agricultores, busca melhor formação, pois não se sentem estimulados a permanecer na área rural. Muitos já trabalham fora da propriedade, desempenhando variadas atividades e estudando. Geralmente eles vão para a cidade em busca de aperfeiçoamento escolar e procuram algum trabalho para se manter. A partir disto inicia o distanciamento do meio rural, levando-os a procurar uma profissão no meio urbano, consagrando este distanciamento.

Alguns ainda não sabem se continuarão no meio rural e na propriedade da família. Outros permanecem desempenhando funções ligadas à agricultura, na propriedade familiar ou em outra propriedade, ocorrendo isto porque eles conseguem emprego fora.

Outros vão para a cidade em busca de um curso superior para obter melhores condições de vida.

Quanto ao gênero dos indivíduos, observa-se praticamente um equilíbrio entre os sexos, com ligeira predominância de mulheres (52%) sobre os homens (48%). Alguns acreditam que esta pequena diferença deva-se aos casamentos. As mulheres tendem a acompanhar os maridos, aumentando a população feminina no local. Outros entendem que os homens vão em busca de melhores condições de vida e deixam o lugar.

4.3 Subsistemas relações socioeconômicas e tecnológicas de Nova Ramada

O desenvolvimento das atividades produtivas ocorreu em meio ao trabalho conjunto e mediante à solidariedade devido aos poucos recursos fornecidos pelo INCRA. A presença de relações produtivas deve-se ao intenso trabalho realizado, pois os assentados possuíam relações com a terra, eram filhos de agricultores e desempenhavam inúmeras funções para garantir a sobrevivência. (Gráfico 6).

Destaca-se que a maioria dos assentados possuía alguma relação com as lidas na terra, desde a sua origem, tanto na propriedade dos pais ou como empregados em atividades rurais (propriedades de produção intensiva - granjas). O trabalho em terra de outro, na forma de arrendamento, era pouco significativo entre eles, pois não detinham capital para tanto.

Segundo os produtores de Nova Ramada, no início, as condições eram difíceis, pois não possuíam muito para produzir e utilizavam ferramentas manuais, como: foice, enxada, etc..

O nível tecnológico só apareceu quando eles vieram para o assentamento e trouxeram alguns bens, como: cabeças de gado, vacas leiteiras, ordenhadeira, charrete, carroça, arado e, nos primeiros tempos de trabalho em grupo, através da COOPANOR, conseguiram adquirir os implementos modernos, os quais favoreceram as relações e a intensificação da produção com tecnologia, através da aquisição de plantadeiras, grades, trator, pulverizador, colheitadeiras, etc.

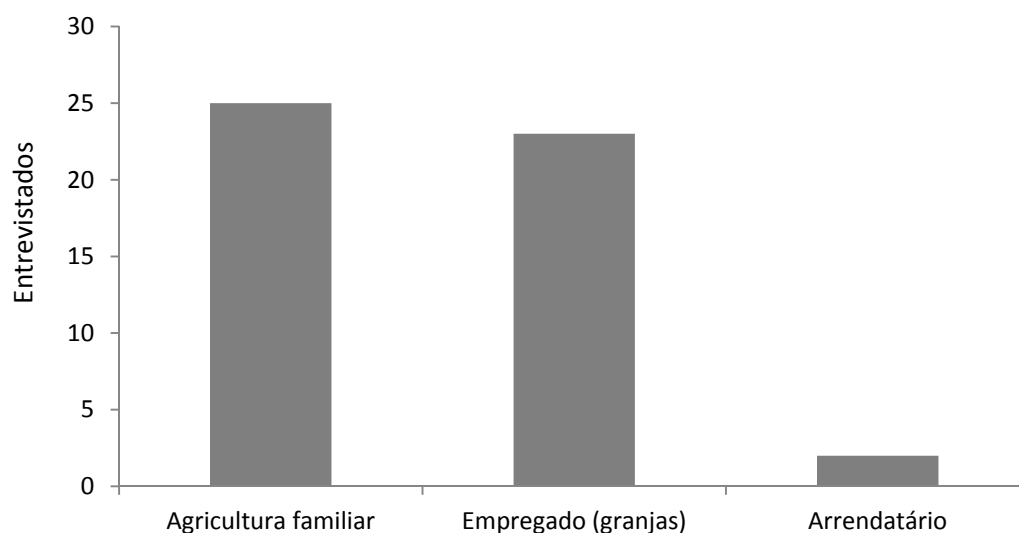


Gráfico 6 – Atividades exercidas antes do assentamento em Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS..

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010
Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

A partir do assentamento teve início o trabalho árduo de ocupação e transformação das terras em área de produção contando com a ajuda de órgãos governamentais, do grupo dos assentados, das associações de apoio e da tecnologia adquirida. (Gráfico 7).

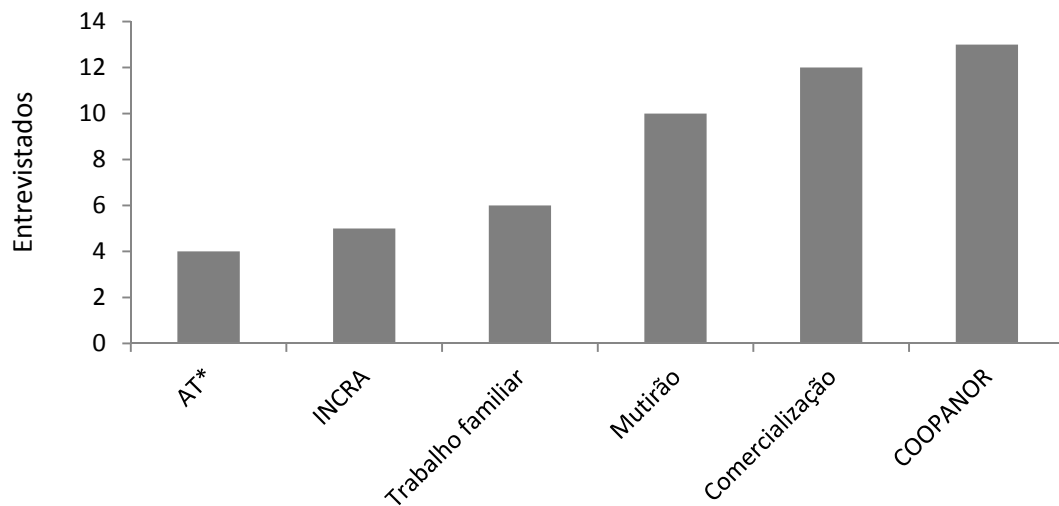


Gráfico 7 – Agentes de transformação do espaço de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

AT* – Auxílio de terceiros

Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

Evidenciam-se, nesta nova configuração espacial denominada de Nova Ramada, os papéis desempenhados pela coletividade, a ajuda de outros e o trabalho coletivo. Percebe-se que o maior esforço foi endógeno. A produção, sua venda e a ação da cooperativa fundada por eles tiveram função primordial no conjunto das ações.

Os agricultores salientam a existência de poucos recursos no início das atividades, e que após este primeiro momento foram aumentando a produção e desenvolvendo melhor as atividades e a organização da propriedade. O aumento do número de equipamentos foi de grande ajuda no desenvolvimento desta fase inicial. Os mutirões no plantio da alimentação básica não podem ser desconsiderados, na opinião de muitos dos entrevistados.

Eles se consideram independentes financeiramente passando a adquirir mais recursos e foram se desenvolvendo por meio de relações com o mercado. Um dos produtores dentre suas colocações salientou *“errando muito acertando pouco”*. A área Nova Ramada, na opinião dos produtores, era considerada improdutiva em sua maior parte, antes da ocupação, com a presença de campo nativo (90%) e alguns animais soltos (10%).

Hoje, as atividades desenvolvidas na área são intensas, variadas e estão voltadas para as atividades de agropecuária desenvolvidas nas unidades de agricultura familiar. Uma pequena parte de suas ações (12%) diz respeito a trabalhos para o mercado e para terceiros, desenvolvendo atividades na propriedade, produção, comercialização e fornecendo ajuda aos outros moradores, com a prestação e troca de serviços.

Entre os produtores há cooperação e solidariedade. Eles fazem hora de trator e os que possuem mais ajudam aos que possuem menos, uma vez que alguns dispõem de mais implementos do que outros.

Para maior agilidade do serviço os moradores desenvolvem a auto-ajuda como na silagem que ocupa significativa quantidade de pessoas, tratores, reboques e ensiladeiras. Para realizarem tais atividades trabalham para os outros e trocam serviço rapidamente e com eficiência.

A produção se destina ao mercado sendo que uma parcela é retida para consumo das famílias. Entre as atividades de lavoura destacam-se as culturas de comércio garantido, como é o caso das lavouras de soja e feijão. Boa parte da área é destinada ao criatório, principalmente do gado leiteiro. Todas as atividades seguem as determinações dos mercados e das cooperativas com as quais estabelecem relações.

As atividades de produção são conduzidas de acordo com a intensidade das relações com as cooperativas das regiões vizinhas e a do município ao qual pertencem. Por exemplo, diminui a área de plantação de alimentos para subsistência aumentar as pastagens de milho e soja. Hoje, não se dá prioridade para o plantio de consumo, porém de mercado, uma vez que a prioridade maior é atender e adequar-se a produção de comercialização.

Desse modo, entende-se que o destino da produção não é mais o mesmo que comandou a luta pela terra, pois a presença de produtos como a soja identifica esta nova orientação. Apenas uma parcela de produtores, em torno de 30%, entende que o destino da produção ainda é o mesmo. Para uma significativa maioria, 70%, ele mudou e se destina a atender o mercado consumidor, cooperativas, empresas e, como exemplo, eles apontam o caso da produção de leite e da pecuária leiteira.

Os produtores de Nova Ramada possuem relações de comercialização dos produtos com os seguintes mercados: (Gráfico 8).

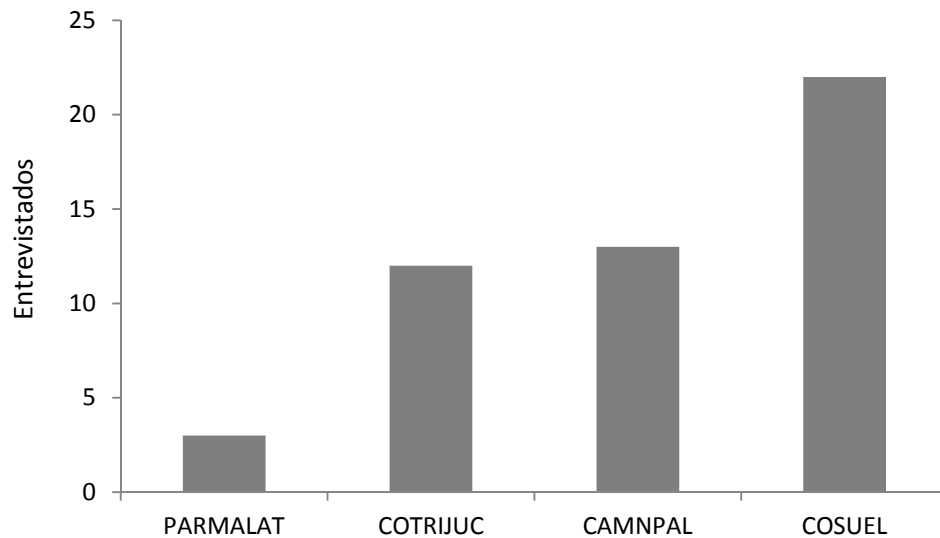


Gráfico 8 – Mercados de destino dos produtores de Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.
Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

Foram estabelecidas relações de mercado com as empresas de transformação do leite, laticínios, com cooperativas de comercialização de grãos e empresas de transformação, que operam nas cadeias de circulação de grãos no mercado interno e externo. Destas, destaca-se a Cooperativa de Trigo de Júlio de Castilhos – COTRIJUC - que foi a primeira a estabelecer relações. Depois vieram outras empresas, como a COSUEL em Encantado/RS, que disponibilizou mais benefícios ao produtor, como o preço do leite pago pela qualidade, financiamento de ordenhadeira, resfriadores e o necessário para o produtor tecnificar a produção, a CAMNPAL de Nova Palma e a PARMALAT sediada em Cruz Alta.

Os produtores procuram se adequar ao mercado, para atender à melhor valorização do produto leite e as empresas, por sua vez, disponibilizando a eles a tecnologia exigida para o melhoramento do produto. A opção deles se denomina, no mercado, de vantagens comparativas. Quando as firmas competidoras baixam o preço do leite, os produtores têm a opção de trocar de mercado de colocação, visando alcançar melhor preço para o produto.

A variedade de produtos plantados diminuiu, embora se ocupe toda a área dos lotes. Houve mudanças no sentido de deixar de produzir alguns tipos de culturas alimentícias. A prioridade é desenvolver uma agricultura comercial e não apenas

para consumo. O plantio de soja se realiza na forma de plantio-direto, não se revolve a terra, adota-se “*outra tecnologia*”, dizem os produtores nas entrevistas.

Em termos de criatório, hoje criam gado: bovinos de leite e suínos, além de aves (frangos), desenvolvendo a apicultura e a piscicultura. Na produção agrícola têm-se as hortas, pastagens, milho, sorgo, azevém. Fazem silagem e plantam forrageiras, como a aveia, e culturas para o mercado como a soja, feijão, batata-doce, mandioca, além da horticultura. Também plantam e cuidam dos pomares de frutas, sendo básicas: laranja, bergamota, limão, abacate, uva, entre outras cultivadas em pequena quantidade próximo à casa e destinadas ao consumo.

Quanto à diversidade de produção e de destino do produto, os entrevistados tiveram opiniões próprias e entendimentos diversos, como:

- (i) Há aqueles que entendem que a diversidade diminuiu.
- (ii) Outros entendem que existe diversidade, porém em menor quantidade do que foi no início de Nova Ramada, quando necessitavam sobreviver e produziam para o consumo interno, não possuindo relações de mercado de colocação dos produtos e nem havendo recursos financeiros para especificar a produção e circular as mercadorias nas cadeias de comercialização.
- (iii) Outros, ainda, afirmam que hoje não é mais tão diversificada a produção porque foram se adequando às exigências do mercado.

Em síntese pode-se destacar que 60% dos entrevistados entendem que a diversidade diminuiu porque houve facilidade de comercialização e vantagens de renda. Outros 40% entendem que a produção se manteve diversificada, mas apenas nos produtos de comercialização e naqueles mais necessários ao consumo interno.

Em verdade há aqueles que não aceitam que eles hoje desenvolvam uma agropecuária destinada ao mercado, pois estariam contrariando as idéias difundidas nos movimentos sociais, isto é, produzindo para o mercado capitalista.

As vantagens para o desenvolvimento das culturas selecionadas como soja e produção de leite devem:

- (i) da facilidade de comercialização das culturas produzidas nos lotes de terras devido às vantagens financeiras ao produtor;
- (ii) do conhecimento e à cultura do modo de vida e de alimentação da agricultura familiar;

(iii) da existência de material de produção no local e às facilidades proporcionadas pelos materiais de produção, ou seja, as tecnologias desenvolvidas e as adquiridas que propiciaram a produção e a obtenção de maior êxito no desenvolvimento da agricultura. (Gráfico 9).

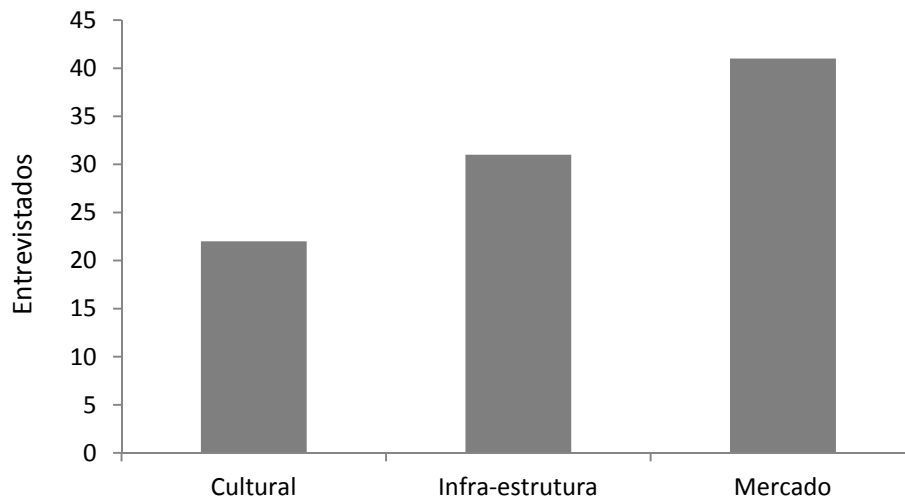


Gráfico 9 – Facilidades no desenvolvimento das culturas, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.
Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

Quanto à forma de plantio realizado, de acordo com o beneficiamento do solo, obteve-se êxito com adubação química e orgânica, sendo os produtos destinados ao consumo e comercialização. Esta forma mostrou-se favorável a vários tipos de produção, tais como: feijão, pastagens, milho e sorgo. Um dos produtores ensina que *“adubando, dificilmente não se tem produção”*. Outro disse: *“adubando e recuperando a terra com calcário e cobertura, tudo que se planta é cultivado”*. Estas lições indicam que eles adotam tecnologias para garantir a produção e com isto ter a tranquilidade de poder atingir o rendimento esperado.

As culturas e o criatório que eles destinam ao consumo interno da propriedade são “as miudezas” a que eles se referem nas entrevistas. Estas seriam: mandioca, batata-doce, feijão, moranga, abóbora, melancia, cebola, amendoim, melão, frutas, hortaliças e outras tantas que existem e são básicas na diversidade da

alimentação. No criatório, para o fornecimento de proteína animal, eles contam com a criação de suínos, bovinos e aves.

Nas técnicas empregadas no sistema de produção, constam: a rotação de culturas - que afirmam ser uma alternativa satisfatória para obter maior êxito na produção; a silagem - bem como a cobertura de palha com azevém, aveia, soja e nabo forrageira, para obtenção de maior rendimento na produção. (Fotografia 6).

Dispõem, também, de tecnologias mecânicas como: ordenhadeira, tratores, pulverizadores, para o auxílio na produção, usam o manejo do solo, utilizam o sistema piqueteamento⁶ e plantio de novas variedades de grama *tift* e adubação química.

Na ilustração a seguir, tem-se a retirada do feno da silagem para alimentação das vacas e terneiros de um dos moradores de Nova Ramada.



Fotografia 6 – A técnica da silagem, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

Questionados em relação à existência de produtos na qual sejam aplicadas tecnologias preferenciais e/ou recomendadas, afirmam ser a rotação de culturas necessária para renovar o solo, sendo esta aplicada a quase todas as culturas. O

⁶ Significa a aplicação de um sistema de pastoreio que otimiza o espaço de pastagens para o gado leiteiro.

plântio direto é usado principalmente nas lavouras de soja. A utilização de ordenhadeiras, de estrebarias para o gado leiteiro e os resfriadores a granel são usados para facilitar o desempenho da produção do leite e garante a qualidade leiteira, conforme recomendação. (Fotografia 7).



Fotografia 7 – Inserção de equipamentos sofisticados, estrebaria, para o melhoramento da produção leiteira, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.



Fotografia 8 – Resfriador a granel, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos/RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

Na produção de grãos é recomendado o tratamento da soja, com orientações técnicas para renovações das sementes. Os entrevistados argumentam que são as exigências do mercado ao dizer “*o que o mercado exige*”. Além disso, ocorre o manejo do solo, a utilização de insumos, herbicidas e adubos químicos aplicados com tecnologias adequadas.



Fotografia 9 – Plantadeira, implemento agrícola, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

Como vantagens no uso de implementos, os produtores afirmam que o uso de mecanismos técnicos na produção, facilita e agiliza o trabalho, aumentando o rendimento e garantindo a lucratividade, pois a produção é mais bem expressiva. O tempo diminui e não há necessidade de mão-de-obra significativa. Os mecanismos técnicos trazem ainda vantagens no auxílio da produção e experiências novas realizadas. Para eles, o aumento da qualidade de produção na forma de uso manual não é possível ao afirmarem que: “*maior qualidade na produção manual, não tem como*”. Para eles o desgaste físico não permite atingir a qualidade requerida.

Os produtores de Nova Ramada foram questionados quando à realização de feiras de produtores e salientam que atuam somente na época da Semana Santa, com a venda de peixes.

Nas propriedades, existem árvores frutíferas nativas, tais como, de pêssego, abacate, caquí, amora, butiá, goiaba, pêra, *Kiwi*, figo, uva, maracujá, goiaba, fruta do conde, limão, jabuticaba, cereja e guabiju. No entanto, estes produtos não se destinam às feiras.



Fotografia 10 – Lavoura de produção de soja, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

Quanto à criação de animais, predomina o criatório semi-intensivo destinado ao consumo. Uma pequena parte é comercializada na propriedade.

O criatório bovino leiteiro tem como raça principal a Holandesa, sendo algumas vacas da raça Jersey. Pelo manejo, trato e qualidade dos animais, esta atividade parece ser o “carro-chefe” da produção das unidades familiares e possui mercado de colocação garantido.



Fotografia 11 – Rebanho leiteiro, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

A média de produção leiteira total é de 9.502,5 litros/dia. A cada dois dias é realizada a entrega de 19.005 litros. Na propriedade, o aproveitamento para consumo das famílias ocorre através da produção de queijos, doces, manteiga e outros derivados do leite. Existe comercialização, porém em pouca quantidade.

Questionados sobre a importância do leite, os entrevistados afirmam ter melhorado o preço e as atividades anteriores, e que o leite estava possibilitando a permanência no negócio. Um dos entrevistados afirmou que: *“está bem melhor, porque conseguem desenvolver a produção e sobreviver”*. Outro entrevistado disse: *“se tem mais possibilidades que antes”*. Mais outro entrevistado completou *“se consegue produzir e comercializar os produtos”*. Observando-se as palavras, nota-se que eles consideram o momento oportuno, mas guardam algumas inquietações com relação ao futuro das relações que possuem com as empresas industriais.

Durante o período das entrevistas em Nova Ramada, os produtores estavam preocupados em rever o modo como foi desenvolvida a diversificação de cultivos. Eles desejavam incorporar novas alternativas à pecuária leiteira e à produção de leite.



Fotografia 12 – Alimentação do gado leiteiro em cochos individuais, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2010.

Por fim, argumentou-se sobre a renda da terra, ou seja, sobre o salário resultante de sua produção e de seu trabalho.

Percebe-se que, em relação a salários, há uma diversidade, predominando em grande parte o equivalente a cinco salários mínimos. A renda média, neste caso, é significativa para os produtores que possuem baixa despesa com consumo alimentar, energia, água, transporte e casa, se comparado ao trabalhador urbano.

Neste caso, comparando-se as despesas de um trabalhador urbano e um produtor rural, este estaria recebendo cerca de dois a três salários mínimos a mais. Isto significa dizer que o trabalho no meio rural, embora seja árduo, compensa em renda, em qualidade de vida e qualidade de alimentação. (Gráfico 11).

Por outro lado observa-se que a maioria deles possui renda equivalente a quatro, cinco, e seis salários mínimos⁷. As rendas mais baixas, como também as mais altas, envolvem poucos produtores, podendo se destacar os grupos de renda equivalente a um, dois e três salários mínimos, como maior número de componentes do que os grupos de renda superior a seis salários mínimos. Isto permite entender que dos treze grupos de renda, sete deles se apresentam com bom e muito bom rendimento, embora significando menos produtores compondo estes grupos. Por

⁷ R\$560,00 = Valor do salário mínimo em janeiro de 2011.

outro lado, entende-se que em Nova Ramada existem classes de renda e, portanto, de produtores semi-capitalizados e de produtores capitalizados, como define Abramovay (1998) e, até mesmo, se faz presente um pequeno grupo de produtores bem sucedidos, podendo ser definidos como produtores capitalistas na agricultura familiar.

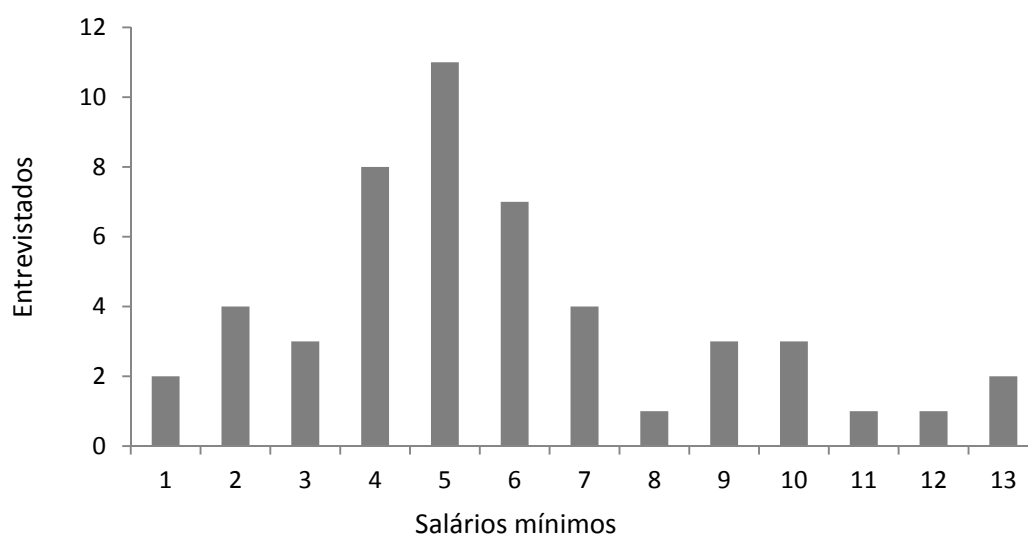


Gráfico 10 – Renda mensal, em Salário Mínimo, Nova Ramada, município de Júlio de Castilhos, RS.

Fonte: Entrevista junto aos produtores de Nova Ramada, 2011.

Org.: REOLON, Fátima Aparecida de Quadros.

4. 4 Aportes qualitativos referente a questões de ordem ambiental e social

Quanto ao uso dos recursos naturais, antes do assentamento a paisagem do lugar era constituída de campo nativo com matas ciliares nos arredores das nascentes poucos recursos naturais e muita terra não ocupada, improdutiva.

Quanto aos cuidados na utilização dos recursos naturais, como o solo, os entrevistados assinalaram: adubação orgânica, cobertura no solo, evitar as queimadas em lavouras e arredores, realização das culturas, reflorestamento, plantio direto, adubações químicas, calcário, esteragem.

Eles salientam que evitam o uso de produtos tóxicos no solo, mas, quando preciso, utilizam. Esta realidade apresentada por eles é questionável, pois eles usam agrotóxicos e outros compostos químicos nas atividades produtivas de Nova Ramada.

Quanto aos recursos hídricos, são plantadas árvores ao redor de rios e nascentes para isolar a área, evitando poluir. A água de poços artesianos é analisada para avaliar o seu grau de pureza. Segundo os produtores eles não trabalham próximo de açudes.

Quanto à preservação ou plantio de espécies nativas, todos os questionados afirmam realizá-la desde a chegada no local.

Em relação aos locais onde realizam a preservação ou plantio, a maior parte dos questionados afirma realizar o plantio preservando as proximidades das casas e também as proximidades de córregos, rios, nascentes e poços.

Quanto às condições de produção, de vida e de satisfação das famílias, os entrevistados se consideram realizados. Infere-se isso dos depoimentos como: *“com a vida ganha, porque tem tudo para plantar, colher e sobreviver”*.

Outros, afirmam ter melhorado muito, pois atualmente estão realizados com a terra, possuem maiores condições, maior facilidade e melhor modo de vida. Eles acrescentam: *“hoje não se passa tantas dificuldades”*. Outros dizem: *“melhorou as condições, maiores facilidades de vida e da produção”*.

Estas manifestações indicam que os produtores se consideram vencedores e satisfeitos com os resultados obtidos, até o momento. Na totalidade das questões abordadas, eles afirmam ser vencedores e estarem contentes, porém, almejando melhorar, cada vez mais, como um entrevistado afirmou: *“desde o início da busca pela terra, até hoje, se evoluiu muito”*.

Um dos produtores diz: *“si, porque, antes não tinham nada e hoje se tem tudo que precisa o necessário para viver bem, da produção que se faz”*.

Um produtor colocou que eles se encontram: *“muito satisfeitos e vencedores. Sim por tudo que passamos e o que se tem hoje esta muito melhor; as condições financeiras e de saúde tudo foi melhorando”*.

Outro salienta: *“que estou muito satisfeito. Com o tempo tudo foi se ajeitando se aumentou a produção, passou a se ter maiores condições financeiras e melhorar os recursos para produzir”*.

Uma produtora, disse: *“sim realizada, do jeito que vivia, está muito bom. Tenho conforto, não havia luz, banheiro etc., hoje está bem melhor com certeza”*.

Outro produtor afirma estar: *“muito satisfeito por todas as conquistas e dificuldades que foram sendo enfrentadas e superadas”*.

Eles almejam um futuro melhor para os filhos, vê-los formados.

Outro afirma estar: *“muito satisfeito, porque se possui tudo e antes não se tinha recursos, tudo era mais difícil, condições precárias e hoje estamos, bem melhor, se produz, comercializa, possui casa, carro, trator, implementos para a produção”*.

Através destes depoimentos eles se sentem realizados por tudo que conseguiram. A família, ainda, ressalta ser vencedora porque conseguir alcançar seus objetivos de vida.

A produção e as condições foram melhorando progressivamente. Hoje, eles se encontram bem melhor e afirmam que antes não possuíam tantas condições. Possuem mais recursos, melhoraram economicamente, estão mais estruturados facilitando o desenvolvimento da produção, possuem plantações e maquinários agrícolas, quando antigamente passavam necessidade. A respeito deste período um produtor assim se manifestou: *“melhor porque estamos trabalhando onde gostamos”*.

Antes eles precisavam trabalhar para os outros, hoje, possuem seus próprios equipamentos para produzir, tendo a própria terra.

Um produtor afirma: *“regular, não está bom nem ruim, mas se tem uma vida mais tranquila, mas falta política definida no meio rural, de previsão de lucro”*.

Outro produtor afirma: *“estar realizado por lembrar-se de tudo que passaram. Hoje se sentem realizados e vitoriosos. Apesar das dificuldades superadas afirmam estar contentes por tudo que conseguiram realizar até hoje.”*

Outro produtor ressalta a importância da produção para comercialização: *“melhoraram muito desde que se começa a produzir para a cooperativa do município, para o mercado foram melhorando as condições”*.

Outro produtor colocou estarem *“bem melhor, melhorou as condições não precisam dividir nada”*.

Hoje eles se sentem felizes por possuírem a terra para sobreviver sendo: *“fruto de muito trabalho”*.

Um deles colocou: *“as condições de vida familiar melhorou muito com o aumento da produção, por meio de vínculos que foram sendo firmados”*. E

acrescentou: “depois de muito trabalho veio a recompensa, condições se tornaram melhores, de acordo com o desenvolvimento da produção, venda de produtos”.

Os produtores consideram necessário, para melhorar o desempenho da produção a maior facilidade em realizar financiamento e melhorar a valorização da produção que comercializam.

Quanto ao título da terra, a escritura, eles afirmam que: *“deve conservar o que possui hoje”.*

Um dos produtores salienta a importância de orientação técnica.

As expectativas que os agricultores têm para a propriedade, para daqui a 10 anos, são as melhores possíveis. Eles pretendem estar em melhores condições, com as propriedades mais desenvolvidas que hoje e continuando a desempenhar a função de produção.

Na idéia de um deles: *“ter mais máquinas aumentar a produção e ter mais qualidade no que se produz”.*

Outro acrescenta que: “ter as terras recuperadas”.

Outros afirmam: *“aumentar e melhorar a produção”;*

“um futuro melhor por meio de uma divisão justa de oportunidades, a terra sendo o sonho de uma sociedade mais solidária”.

Estar com a propriedade evoluída, com melhoria na infra-estrutura e equipamentos, cada vez melhor e com boa renda, é o maior objetivo que manifestam.

Alguns visam manter a propriedade como está. Outros desejam maior estruturação da propriedade, continuar crescendo e com preservação ambiental. Falam dos recursos vegetais, árvores plantadas, conservação e conscientização ambiental.

Nova Ramada, em sua trajetória de transformação espacial por meio das atividades ligada à produção, incorporando novos mecanismos para a obtenção do êxito esperado em sua produção, acompanha as mudanças e tende a assimilar os recursos técnicos e assim poder continuar a produzir.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou investigar o assentamento de Nova Ramada, no município de Júlio de Castilhos, RS, onde se estabeleceu oriundo de uma inquietação social no campo. Através do conhecimento desta realidade e de sua ocupação e organização, evidenciaram-se o grupo social envolvido e a sua inserção produtiva para subsídio de renda às famílias.

Nos objetivos da investigação procurou-se definir o objeto de estudo e conhecer a sua trajetória de luta e de conquista da terra, bem como determinar, a situação atual daquele grupo que constituiu um acampamento e deu início ao trabalho de produção rural. Desejava-se conhecer e investigar esta realidade de Nova Ramada, vinte e dois anos após a ocorrência do processo governamental de emissão social na terra.

Por meio dos aportes metodológicos, utilizados na investigação, foi possível alcançar o objetivo geral e os objetivos específicos propostos no trabalho. A abordagem metodológica, desenvolvida segundo a investigação qualitativa e quantitativa, revelou a Nova Ramada em sua trajetória histórica, permitindo alcançar as suas relações de produção e social no presente e reconhecer que ela é uma espacialidade geográfica, em cujo espaço de produção ocorrem relações de produção, social e cultural.

A metodologia sistêmica, adotada na investigação, teve papel importante nas análises da complexidade apresentada nos subsistemas, principalmente nos momentos em que se fazia necessário determinar as relações inerentes a cada subconjunto e entre os conjuntos componentes do sistema em seu todo. Deste modo, pode-se considerar que a metodologia assumida propiciou o entendimento do sistema, contribuindo para a compreensão das particularidades da espacialidade rural. As análises a respeito de Nova Ramada, reveladas nos subsistemas, indicam um sistema dinâmico, aberto e interativo em seus elementos endógenos como também em suas relações exógenas estabelecidas com os mercados por onde circula a produção. A dinâmica dos processos contribui para a organização das relações de produção e das interações existentes. Por outro lado, a espacialidade geográfica configura-se por meio de seus processos interativos.

A partir dos resultados obtidos, constata-se que Nova Ramada se insere no sistema produtivista do capitalismo nacional, como também houve a inclusão econômica e social do grupo de Sem-Terra que se encontrava nos acampamentos reivindicando a terra de produção. Este grupo social, antes excluído do processo de produção, hoje se encontra plenamente incluído no sistema socioeconômico através do processo de produção para o mercado local e regional, o que lhe garante renda e reprodução, bem como de alcançar o desenvolvimento rural e técnico. Por meio destas conquistas eles asseguram os bens de consumo.

As antigas integrações entre o produtor e a terra, e dele com os recursos naturais, ganham novos contornos, através da configuração das atividades desempenhadas, possibilitando a inserção ao mercado, na qual os grupos familiares passam a configurar a espacialidade de Nova Ramada. O desenvolvimento da agricultura e do criatório se constitui nas principais atividades modificadoras do sistema, permitindo a visualização das principais relações que são estabelecidas.

As observações resultantes das análises no sistema permitiram compreender os elementos que se apresentam nos subsistemas, bem como, suas relações qualitativas, procurando atingir o objetivo da pesquisa e compreender a realidade, a qual se revelou em seus subsistemas culturais, históricos, sociais e ambientais. O uso da análise qualitativa e quantitativa conduziu aos resultados, possibilitando compreender o contexto desta realidade, bem como de sua valorização humana.

O subsistema cultural configurou esta realidade desde a sua ocupação em meio a diversidades culturais, sendo os grupos familiares originários de diversas etnias e procedentes de vários municípios, configurando esta espacialidade rural através da diversidade de costumes e hábitos.

Diante dos elementos que compõem o subsistema histórico, configurou-se esta espacialidade desde o início, marcando sua trajetória evolutiva. Estes grupos familiares tiveram sua origem nas lutas pela terra e passaram por muitas dificuldades até a consolidação da posse da mesma. Por meio do assentamento houve possibilidades de inserção na produção de mercado.

Os elementos sociais constituem um dos subsistemas analisados e configuram esta espacialidade geográfica, cuja trajetória ocorreu desde a obtenção da terra, para inicialmente desenvolverem a produção e suprirem as necessidades básicas de sobrevivência. Passaram, através do trabalho, a estabelecer relações com o mercado que se consolidaram, aumentando de forma significativa a produção

para a comercialização, que hoje se apresenta de forma diferenciada, ampliando suas atividades produtivas.

Com as questões presentes de ordem ambiental, sendo outro subsistema analisado, evidencia-se a configuração atual, em que os grupos familiares possuem a conscientização de que devem preservar os recursos naturais disponíveis, evitando queimadas, desmatamentos e realizando ações através do plantio de árvores e adubação orgânica. Isto, porém, ocorre em pequena quantidade.

Nas culturas destinadas ao consumo e algum mercado, as lavouras, como por exemplo, a soja recebe tratamento condizente com as necessidades do mercado, ou seja, uso de agrotóxicos e fertilizantes. Considera-se que o atendimento das recomendações de mercado, quanto ao uso e manejo do solo e utilização de tecnologias adequadas à produção de excelência, confronta-se com a política agroecológica, como pode ser observado durante os trabalhos de campo e visitas a comunidade.

O subsistema político permitiu entender a trajetória realizada pelos produtores. As políticas de incentivo à formação e desenvolvimento da agricultura familiar possibilitaram alcançar o nível de crescimento, favorecendo a renda familiar satisfatória para a maior parte dos produtores entrevistados.

Nova Ramada, como espaço de produção no meio rural, permitiu compreender, a partir dos subsistemas econômicos e tecnológicos de análise quantitativa, a identificação das relações com o mercado, na qual se insere através da produção. O abastecimento com destino ao mercado local e regional influenciou o aumento da produção, favorecida pela inserção de tecnologia de ponta.

A tecnologia, por sua vez, visou impulsionar os meios de produção, bem como a mecanização, possibilitando a inserção produtiva dos grupos familiares de Nova Ramada e aumentando a produtividade. Deste modo, tendem a aumentar a qualidade de seus produtos.

A alternativa que o produtor familiar possui para viabilizar a sua produção possibilita-o a adequar-se à realidade que permeia e influencia as relações no meio rural. Eles possuem flexibilidade de mudanças que possibilita aumentarem a produção e a circulação de sua produção.

As considerações a respeito do trabalho realizado consentem verificar que os objetivos foram contemplados, sendo auxiliados pelos instrumentos de pesquisa. Deste modo, passa a se caracterizar e se constituir em um novo rural, ou seja, esta

espacialidade geográfica, que foi configurada e transformada há aproximadamente duas décadas.

A realidade de Nova Ramada assume uma categoria de produtores familiares bem sucedidos em seus empreendimentos, possuindo condições de inserção no mercado local e regional.

Desse modo, considera-se que Nova Ramada, como assentamento, cumpre a função social da terra que é a de dar aos indivíduos condições de inserção no sistema econômico produtivista do capitalismo brasileiro e realização socioeconômica àqueles que permaneceram por tanto tempo como força de trabalho excludente.

Atualmente, os grupos familiares, socialmente incluídos por meio da atividade da agricultura familiar, produzem, para o mercado e para si, o que denominam de “*miudezas*”. Promovem maior circulação da produção devido ao volume produzido, estabelecendo suas relações de reprodução ampliada, pois estas lhes permitem alcançar as categorias de produtores semi-capitalizados e produtores capitalizados, como bem define Abramovay (1998) e, até mesmo, por estar presente, em Nova Ramada, um pequeno grupo de produtores bem sucedidos, podendo ser definidos como produtores capitalistas na agricultura familiar.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, Ricardo. **Paradigmas do Capitalismo Agrário em Questão**. 2ed. Editora HUCITEC, editora da Unicamp. São Paulo. Campinas, 1998.

ALVES, Flamarion, Dutra. **Trajetória Teórico- Metodológica Da Geografia Agrária Brasileira: A produção em periódicos científicos de 1939 – 2009**. Programa de Pós-Graduação em Geografia./UNESP, Rio Claro, SP. 2010. 350p. (Tese).

ANDRADE, Manuel Correia de. **A geografia e a questão social**. Recife: EduFAL, 1997.

BARÉA, Neiva Marli Martins dos Santos. **Redes de produção e dinâmica na organização das espacialidades**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

BERTALANFFY, Ludwig. **Teoria geral dos sistemas**. 2 ed. Petrópolis Vozes, 1975.

BORGES. Maristela Corrêa. Da observação participante à participação observante: Uma experiência de pesquisa qualitativa. . In: RAMIRES. Julio Cesar de Lima. (org). **Geografia e Pesquisa Qualitativa**. Uberlândia (MG): Assis, 2009. p.183-198.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **As Flores de Abril: movimentos sociais e educação ambiental**. Campinas: Ed. Autores Associados, 2005.

BRANDENBURG, Alfio. **Agricultura Familiar: ONGS e desenvolvimento sustentável: Curitiba**. Ed. da. UFPR, 1999.

CARGNIN, Monica. **A reorganização do Espaço Agrário de Júlio de Castilhos/RS: Uma nova dinâmica através da lavoura empresarial da soja**. Dissertação (Mestrado em Geografia), Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2009.

CHRISTOFOLETTI. Antonio. (Org) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Ed.DIFEL, 1982.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2 ed. Florianópolis: Ed. DA UFSC, 2001.

Cooperativa Triticola de Júlio de Castilhos LTDA – **COTRIJUC**. Disponível em: <www.cotrijuc.com.br>. Acesso em: agost. 2011.

COLE, Dorlei Marcos. **Colonos, Agricultores Familiares e Pluriatividade: um estudo de caso no município de David Canabarro e na microrregião do Alto Taquari/RS**. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Rural) Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2003.

COSTA, Fermino. **Terra De Vila Rica: Contribuição ao Estudo da História do Município de Júlio de Castilhos**. - Júlio de Castilhos. Prefeitura Municipal de Júlio de Castilhos, 1991.

EMATER/RS. **Relatório de Ações e Resultados**. Júlio de Castilhos – RS: 2000.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **MST Formação e Territorialização**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

GAZELLA, Marcio. **A Agricultura Familiar, Segurança Alimentar e Políticas Públicas: Uma análise a partir da produção para autoconsumo no território do Alto Uruguai/RS**. UFRGS Faculdade de ciências econômicas. Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural-dissertação, Porto Alegre, 2004.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 6 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo agropecuário 2007**: Manual do recenseador. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br/população>. Acesso em: 10 dezembro de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo agropecuário 2009**: Manual do recenseador. Rio de Janeiro: IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br/população>. Acesso em: 10 dezembro de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. Disponível em: <www.ibge.gov.br/população>. Acesso em: 10 dezembro de 2010.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Censo Agropecuário**. Disponível em: <www.ibge.gov.br/> Acesso em: Agost. 2011

JORNAL EXPRESSÃO - Júlio de Castilhos LTDA – COTRIJUC. Disponível em: <<http://jornalexpressaojc.blogspot.com/>>. Acesso em: agosto. 2011.

LA BLACHE. Paul Vidal de. As Características Próprias da Geografia. In: CHRISTOFOLETTI. Antonio. (Org) **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Ed.DIFEL, 1982, p.37- 48.

LAMARCHE, Hugues (coord). **A Agricultura Familiar**. Campinas: Ed. Unicamp, 1993.

LAMARCHE, Hugues (coord). **A Agricultura Familiar**. Do mito à realidade. Campinas: Ed. Unicamp 1998.

MEDEIROS, Leonilde Servalo, LEITE, Sérgio. (Org.). **A Formação dos Assentamentos Rurais no Brasil**. In:_____. Introdução. Porto Alegre/ Rio de Janeiro. Universidade / UFRGS / CPDA, 1999. p. 07- 17.

MIORIN, Vera Maria Favila. **Modo de produção e organização do espaço agrário: uma abordagem teórico-metodológica**. (Tese de Doutorado) Programa de Pós-Graduação em Geografia, I.G.C.E. /UNESP, Rio Claro, SP. 1989. 256p.

MOREIRA, Vinícius Silva. **Territorialidades rurais em Júlio de Castilhos-RS: da pecuária extensiva a agricultura familiar**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2008.

MORIN, Edgar. **O método: a natureza da natureza**. Lisboa: Europa América, 1977.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. **A Agricultura camponesa no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991.

PONTELLI, Marga Eliz. **O Município de Júlio de Castilhos: Sua Geografia E feições de Relevo**. Trabalho de Graduação. Departamento de Geociências da Universidade Federal de Santa Maria. UFSM. Santa Maria. 1992.

REOLON, Fátima Aparecida de Quadros. **Ocupação e Organização Sócias Espacial do Assentamento Novas Ramada, do Município de Júlio de Castilhos - RS**. Trabalho de Graduação. Área de Ciências Humanas do Centro Universitário Franciscano. UNIFRA. Santa Maria. 2008.

SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova**. São Paulo: HUCITEC. 1978.

SANTOS, Milton. **Espaço & Método**. São Paulo: NOBEL. 1985.

SCHNEIDER, Sérgio **A atualidade da construção de Léo Waibel ao estudo da agricultura familiar**: em homenagem aos 50 anos de morte de Léo Waibel (1888-1951), PGDR/UFURGS. Porto Alegre, 2002.

SILVA, José Graziano da. **O que é Questão Agrária**. 16 ed. São Paulo: Ed. brasileira, 1990.

SILVA, José Graziano da. **Tecnologia e Agricultura Familiar**. Porto Alegre: Ed.Universidade UFRGS, 1999.

SOUZA JÚNIOR. Xisto Serafim de Santana. A Análise do discurso como estratégia na identificação das intencionalidades e práticas espaciais dos movimentos sociais Urbanos de João Pessoa-PB. In: RAMIRES. Julio Cesar de Lima. (org). **Geografia e Pesquisa Qualitativa**. Uberlândia (MG): Assis, 2009. p. 25-47.

TEDESCO, João Carlos (org). **A agricultura familiar: realidades e perspectivas**. 2 ed. Passo Fundo: EDUPF.1999.

VEIGA, José Elida. **A face rural do desenvolvimento: natureza, território e agricultura**. Porto Alegre. Ed. Universidade/UFRGS, 2000.

VIDAL. Lisane Regina. **Dinâmica das espacialidades rurais em territórios coloniais**. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2008.

APÊNDICES



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
 CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS – CCNE
 DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS – GCC
 LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISA REGIONAL



APÊNDICE A - O PRODUTOR, SUA HISTÓRIA E ORGANIZAÇÃO DA FAMÍLIA.

- 1- Qual atividade econômica desenvolvida precedente a militância no MST ?
- 2- Qual o local de procedência?
- 3- Qual a condição social do chefe de família?
 Filho de agricultor; Meeiro; Morava e trabalhava na cidade;
 Morava na cidade mais procedia no meio rural;
 Outra situação Qual? _____
- 4- Quais foram às dificuldades enfrentadas ao longo da trajetória de conquista da terra?
- 5- Qual o processo de transformação e ocupação do espaço com a constituição do assentamento e de sua propriedade?
- 6- A sua propriedade no contexto socioeconômico do assentamento é?
 - a de maior produção; com maior número de pessoas;
 - a mais lucrativa; a que mais emprega tecnologias;
 - a que melhor faz o uso racional da terra;
 - a que melhor atende aos mercados;
 - a que possui maior diversificação de culturas;
 - a que apresenta maior criatório
- 7- Qual o número de indivíduos que formam a família vivendo hoje em Nova Ramada?

8- Situação e condições dos membros da família?

Posição da pessoa na família e na propriedade	Idade	Sexo	Grau de Instrução	Atividade na propriedade e/ou fora dela



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS – CCNE
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS – GCC
LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISA REGIONAL



APÊNDICE B - ATIVIDADES E PRODUÇÃO.

- 1- Qual a infraestrutura (maquinário, utensílios, entre outros) que possuía inicialmente para desenvolver as atividades atuais?
- 2- Como viabilizou a produção e as atividades que possui hoje? (Relate como era no início e como esta hoje a sua propriedade).
- 3- Explique como obteve êxito no desenvolvimento de sua produção.
- 4- O destino da produção no assentamento ainda é o mesmo?
() Sim; () Não
- 5- Quais os vínculos que foram firmados com o mercado consumidor?
- 6- Qual era a produção que havia antes neste recorte espacial?
- 7- Quais foram os primeiros cultivos produzidos nos lotes de terra?
- 8- Houve transformação no sistema de produção atual da propriedade?
- 9- Em termos de produção Agrícolas e Criatório quais produtos existem na propriedade?
- 10- Atualmente, existe maior diversidade produtiva?
() Sim () Não
- 11- Qual o destino dado ao excedente de produção?

- 12-** As culturas produzidas na propriedade se devem a:
- () facilidade de comercialização;
 - () orientação dos técnicos ;
 - () cultura familiar
 - () existência de infraestrutura na propriedade
- 13-** Qual a procedência da orientação e assistência técnica?
- 14-** Os solos são mais favoráveis ao plantio de quais culturas?
- 15-** Que produtos (culturas e criatórios) se destinam apenas ao consumo interno da propriedade?
- 16-** Fale sobre as atividades produtivas da propriedade e as técnicas usadas. (sistema de produção)
- 17-** Existe algum produto no qual sejam aplicadas tecnologias preferenciais e/ou recomendadas?
- 18-** Quais as vantagens do uso tecnológico na sua produção?
- 19-** Quais produtos são comercializados na feira do produtor?
- 20-** Na propriedade existem árvores frutíferas?
Espécies: _____
- 21-** Que tipos de animais são criados na propriedade?
- 22-** Quais as formas de criatório empregadas?
() Intensiva; () Semi-intensiva; () extensiva; () Confinado
- 23-** Qual o destino do criatório?
() Consumo; () Mercado; () Consumo e Mercado

- 24-** Há criatório de gado leiteiro? () Sim () Não
- 25-** Qual/quais a(s) raça(s) do rebanho leiteiro?
- 26-** Qual a média diária da produção de leite?
- 27-** Quantidade (em litros) que a indústria realiza a coleta da produção leiteira?
- 28-** Há aproveitamento do leite na propriedade?
() Sim () Não
- 29-** Em que transforma: () queijo () ricota () creme de leite
() doces
- 30-** Esta produção se destina: () ao mercado () mercado e consumo
() consumo familiar



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS – CCNE
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS – GCC
LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISA REGIONAL



APÊNDICE C - USO DOS RECURSOS NATURAIS.

- 1- Quanto aos recursos naturais, como se caracterizava a paisagem no início do assentamento?

- 2- Que cuidados são realizados para preservação dos recursos naturais:
 - 2.1- Solos:
 - 2.2- Água:
- 3- Preserva e/ou faz plantio de espécies nativas? () Sim () Não

- 4- Em que locais da propriedade realizam a preservação e/ou plantio?



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA – UFSM
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E EXATAS – CCNE
DEPARTAMENTO DE GEOCIÊNCIAS – GCC
LABORATÓRIO DE ESTUDOS E PESQUISA REGIONAL



APÊNDICE D- SATISFAÇÃO E RESULTADOS.

1- Quanto às condições socioeconômicas da família, como se sentem hoje?
Explique:

2- O que julga necessário para melhorar o desempenho da produção?

3- Em projeção de 10 anos, quais são as expectativas para o futuro da propriedade?

4- Atualmente, possui renda mensal equivalente a quantos salários mínimos?

5- Seus filhos estudam? () Sim () Não

6- Eles desejam sair do meio rural? () Sim () Não:

Explique: _____

7- Você se considera satisfeito com os resultados obtidos até aqui?